

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIANE ZANELLA FERREIRA

Sedução, Trauma e Tradução nas Vivências de Abuso Sexual Incestuoso:  
psicanálise e literatura de testemunho

Maringá  
2015

MARIANE ZANELLA FERREIRA

Sedução, Trauma e Tradução nas Vivências de Abuso Sexual Incestuoso:  
psicanálise e literatura de testemunho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.

Maringá  
2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

F383s Ferreira, Mariane Zanella  
Sedução, trauma e tradução nas vivências de abuso sexual incestuoso : psicanálise e literatura de testemunho / Mariane Zanella Ferreira. -- Maringá, 2015.  
90 f.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Teoria da Sedução Generalizada (TSG). 2. Trauma - Abuso sexual incestuoso. 3. Abuso sexual - Psicanálise. 4. Incesto - Psicanálise. 5. Psicanálise. 6. Literatura de testemunho. I. Mello Neto, Gustavo Adolfo Ramos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed. 616.85822

GV5-002622

MARIANE ZANELLA FERREIRA

Sedução, Trauma e Tradução nas Vivências de Abuso Sexual Incestuoso:  
psicanálise e literatura de testemunho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto  
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez  
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Aprovada em: 30 de março de 2015.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118, campus da Universidade Estadual de Maringá.

Às inúmeras crianças e adolescentes que vivenciaram situações de abuso sexual incestuoso e estão em busca de uma tradução.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Maria Augusto Ferreira e Marinês Zanella Ferreira, pelo apoio incondicional às minhas escolhas e pelo incentivo, desde sempre, à busca por novos horizontes.

Aos meus irmãos, Simone Zanella Ferreira e Joni Zanella Ferreira, pela tolerância à minha ausência em momentos importantes, devido à distância que nos separa, e pela torcida de sempre.

Ao meu companheiro, Renan Martimiano Vieira, pelo incentivo ao ingresso no Mestrado, por compartilhar comigo os projetos, as alegrias e as dores do mundo acadêmico e pelo amor e cumplicidade, sem os quais a vida teria menos cor.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por ter possibilitado o ingresso no curso e a realização da pesquisa e pela atenção e cuidado com que fez as inúmeras leituras e orientações acerca do trabalho.

À Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, pelas contribuições ao longo do desenvolvimento do trabalho e na ocasião do exame de qualificação e pela disponibilidade em compor a banca de defesa desta dissertação.

À Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho, pela leitura atenta e rigorosa do texto apresentado ao exame de qualificação e por aceitar compor a banca da defesa desta dissertação.

À Profa. Dra. Glaucia Valéria Pinheiro de Brida e ao Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro, pela disponibilidade em serem suplentes da banca.

Aos colegas do *Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização* (LEPPSIC), em especial a Eduardo Bernardes Nogueira e Francielle Pitelle Sabatine, pelas conversas e pela angústia compartilhada, que tornaram a caminhada menos árdua.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM, pelos ensinamentos compartilhados ao longo das disciplinas do curso e pelo comprometimento com o ensino e a pesquisa.

À secretária do PPI, Tânia Regina Gasparelo, pelo cuidado e carinho com que atende a todos, resolvendo as questões burocráticas com leveza e bom humor.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

Sedução, Trauma e Tradução nas Vivências de Abuso Sexual Incestuoso:  
psicanálise e literatura de testemunho

**RESUMO**

A proposta desta pesquisa é discutir algumas das possibilidades de tradução da vivência de abuso sexual incestuoso a partir da análise de duas autobiografias escritas e publicadas por mulheres que passaram por experiências de abusos sexuais cometidos por seus pais: *L'amore di Papà: una storia vera* (2013), de Pola Kinski, e *A Violação do Silêncio* (1986/1988), de Eva Thomas. Estas autobiografias são analisadas a partir dos pressupostos teóricos e conceituais fornecidos pela Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Laplanche (1987/1992). Trata-se de um estudo que surgiu e se desenvolveu no *Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização* (LEPPSIC), como parte de uma pesquisa maior sobre o trauma atual e a neurose traumática, depois de Freud, sob a perspectiva teórica da TSG. A partir deste aporte teórico, são discutidas as características das mensagens veiculadas em uma situação de abuso sexual incestuoso, assim como as possibilidades de tradução/recalcamento dos enigmas associados a estas mensagens. A análise das narrativas permite pensar possíveis destinos para o excesso do pulsional desligado que invade o psiquismo na situação traumática, destinos estes que dependem, sobretudo, dos recursos psíquicos e sociais que cada um tem ou pode construir para lidar com o trauma. Por fim, é proposto que, nos casos de abusos sexuais incestuosos abordados, a culpa aparece como uma primeira tradução para o excesso, que promove certa organização psíquica, mas causa grande sofrimento. Traduções mais elaboradas são possíveis a partir da destruição da culpa e, também, da elaboração da passividade na qual se é lançado na situação traumática, que remete à passividade originária. Mas a tradução nunca é completa, pois sempre somos passivos frente ao ataque da pulsão.

**Palavras-chave:** Teoria da Sedução Generalizada. Trauma. Abuso sexual. Incesto. Psicanálise. Literatura de testemunho.

Seduction, trauma and translation in the experiences of incestuous sexual abuse:  
psychoanalysis and literature of testimony

**ABSTRACT**

The goal of this research is to discuss some of the possibilities of translating experiences of incestuous sexual abuse analyzing two autobiographies written and published by women with sexual abuse history performed by their fathers: *L'amore di papà: una storia vera* (2013), by Pola Kinski, and *A Violação do Silêncio* (1986/1988), by Eva Thomas. These autobiographies will be analyzed according to the theoretical and conceptual assumptions as given by the General Theory of Seduction (TSG in Portuguese), by Laplanche (1987/1992). This research emerged and was developed inside the *Laboratory of Study and Research in Psychoanalysis and Civilization* (LEPPSIC in Portuguese), as part of an overall research concerning current trauma and traumatic neurosis, after Freud, under TSG's perspective. Given the theoretical baselines, the discussion involves the aspects of the messages conveyed in an incestuous sexual abuse situation, as well as the possibilities of translation/repression of the enigmas associated to these messages. The analysis of the narratives allows the thinking of possible destinations for the drive-less overflow which invades psyche on the traumatic situation, such destination that depend, above all, on the psychic and social resources that each and every one has or can engineer to deal with trauma. Finally, it is proposed that, in the cases of incestuous sexual abuse covered here, guilt appears as the first translation for the excess, which fosters some psychic organization, but causes great suffering. More elaborated translations are possible coming from the de-translation of guilt and from the passivity elaboration in which the person is thrown in the traumatic situation that alludes to the original passivity. However, that translation is never complete, for we are always passive in front of the drive's attack.

**Keywords:** General Theory of Seduction. Trauma. Sexual abuse. Incest. Psychoanalysis. Literature of testimony.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1 Questões Metodológicas .....	13
2. SEDUÇÃO, TRAUMA E PSICANÁLISE: DA FACTUALIDADE À EFETIVIDADE .....	19
2.1. Trauma e sedução no pensamento freudiano .....	19
2.2. A sedução traumática em Ferenczi .....	23
2.3. Laplanche e a sedução nas origens do psiquismo .....	25
3. O ABUSO SEXUAL INCESTUOSO E SEUS ASPECTOS TRAUMÁTICOS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE E DA TSG .....	30
3.1. Efeitos do trauma de abuso sexual incestuoso .....	30
3.2. O papel da família, especialmente da mãe .....	35
3.3. O enclave psíquico e o fracasso de tradução.....	38
3.4. A tradução e suas (im)possibilidades .....	43
4. VIVÊNCIAS DE ABUSO SEXUAL INCESTUOSO.....	48
4.1. Lembranças do incesto: a vida de Pola .....	48
4.2. Marcas de uma violação: a vida de Eva .....	60
5. TRADUÇÕES, DESTRADUÇÕES, RETRADUÇÕES E OS VESTÍGIOS IRREDUTÍVEIS DO TRAUMA.....	72
5.1. Pola: uma menina presa ao “amor” do pai .....	72
5.2. Eva: uma boneca amordaçada à procura da voz .....	76
5.3. Considerações sobre as vivências de abuso sexual incestuoso: traduções possíveis .....	79
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	81
REFERÊNCIAS .....	85

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é discutir algumas das possibilidades de tradução da vivência de abuso sexual incestuoso, compreendida, aqui, enquanto uma situação traumática. Para tanto, utilizamos autobiografias escritas e publicadas, produzidas por mulheres que passaram por experiências de abusos sexuais cometidos por seus pais. Estas autobiografias são analisadas a partir dos pressupostos teóricos e conceituais fornecidos pela Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche.

A opção pelo aporte teórico da TSG se deve ao fato de nosso trabalho estar vinculado ao *Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização* (LEPPSIC)<sup>1</sup>, que tem por proposta atual a realização de uma pesquisa maior, de tipo “guarda chuva”, cujo objetivo geral é o estudo sobre o trauma atual e a neurose traumática, depois de Freud, sob a perspectiva teórica da TSG. Dentro dessa temática geral se inserem diversas outras pesquisas, com subtemas específicos, que compreendem tanto dissertações de mestrado, quanto pesquisas de iniciação científica. A escolha da temática de cada subprojeto, dentro desse tema mais amplo, se deu de forma livre, embora no projeto da pesquisa “guarda-chuva” possíveis temáticas já estivessem previstas. Cada integrante do LEPPSIC pode optar por uma situação traumática a ser abordada a partir de quatro níveis que, longe de serem determinantes, compreendem um norte possível para a pesquisa. Estes níveis, definidos por Mello Neto (2012), consistem em: nível da situação traumática (zero), nível da vivência do trauma (I), nível do sintoma organizado (II) e nível da tradução (III).

Nossa pesquisa, que se dedica ao estudo de narrativas testemunhais, está centrada, evidentemente, no nível III do trauma descrito por Mello Neto (2012): o nível da tradução. Mas sabemos que podemos ter acesso, por meio das narrativas analisadas, também a elementos pertencentes aos níveis I e II. Além disso, sabemos também que a escrita do trauma pode ser traumática, pois, de acordo com Rodrigues e Martinez (2014), para que traduções mais elaboradas possam ser propostas, é preciso destraduzir antigas traduções, processo esse que pode reatualizar o trauma, expondo o psiquismo ao pulsional desligado.

O nível da situação traumática (zero), ao qual não é possível termos acesso direto, nos serviu para a delimitação da temática proposta em nossa pesquisa. Optamos por abordar a relação incestuosa vivenciada no abuso sexual, estabelecendo como recorte para nossa

---

<sup>1</sup> Coordenado pelo professor Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e pela professora Dra. Viviana Carola Velasco Martinez.

pesquisa a situação de abuso sexual incestuoso vivenciada entre pais e filhas. Diversas pesquisas<sup>2</sup> apontam para a potencialidade traumática que há na situação de abuso sexual, e autores como Fuks (2005) e Faiman (2011) atribuem ao caráter incestuoso a qualidade de multiplicador da gravidade do trauma resultante da situação de abuso. Por isso nossa opção pela terminologia “abuso sexual incestuoso” foi feita com vistas a uma maior aproximação do campo do trauma.

O uso dessa terminologia também tem por intuito diferenciar os casos de incesto abordados nesta pesquisa dos casos de incesto consentido, onde ambos os envolvidos na cena participaram dela livremente. Acerca dessas vivências, há o estudo de Godoy (2013), cuja pesquisa centrou-se nos casos de incesto consensual. A autora define como consensuais as vivências incestuosas que acontecem com a anuência das duas pessoas envolvidas, as quais têm um grau de parentesco, consanguíneo ou afim, desde que não sofram nenhum tipo de coação e sejam maiores de 18 anos, plenamente capazes de exercer suas vontades. Os relatos elegidos como objeto de estudo pela autora<sup>3</sup> não apontam para possíveis traumas resultantes das vivências incestuosas, centrando-se, sobretudo, no prazer associado a essas vivências. Deste modo, não podemos afirmar, de antemão, que o incesto consentido resulte em trauma. O abuso sexual incestuoso, por outro lado, certamente é traumático.

O abuso sexual infantil é definido pela Organização Mundial da Saúde (2002) como o envolvimento da criança em atividades sexuais para as quais ela não tem preparo ou capacidade para consentir. Essas atividades podem envolver jogos sexuais verbais, manipulação dos órgãos genitais da criança ou do adulto, masturbação, ato sexual genital, oral ou anal, exibicionismo, *voyeurismo* ou exposição à pornografia. Constituem-se em formas extremadas de violência, cujo nível de gravidade vai depender da proximidade da vítima com o abusador, da frequência e duração do abuso e do apoio familiar e social recebido pela vítima.

Faiman (2011) define o abuso sexual, de forma bastante ampla, como “[...] todo relacionamento interpessoal no qual a sexualidade é veiculada sem o consentimento válido de uma das pessoas envolvidas.” (p. 27). Entretanto, a autora ressalta que, apesar do caráter abusivo, nem sempre ele é acompanhado de violência física, embora necessariamente haja uma assimetria no poder que cada um dos envolvidos exerce no relacionamento. É nesse

---

<sup>2</sup> Ver: Araújo, 2002; Habigzang, Koller, Azevedo & Machado, 2005.

<sup>3</sup> Godoy (2013) propõe a análise do discurso de quinze narrativas eróticas que relatam vivências incestuosas consensuais, coletadas em três sites digitais de Língua Portuguesa: *Acervo de Contos*, *Casa dos Contos* e *Contos Eróticos OnLine*, disponíveis em: <http://www.acervodecontos.com/> ; <http://www.casadoscontos.com.br> e <http://www.contosonline.com.br/contos-eroticos>

sentido que utilizamos a terminologia abuso sexual para nos referirmos às relações sexuais estabelecidas entre pais e filhos, pois consideramos que, mesmo nos casos de sedução em que não há violência ou coação, necessariamente há uma assimetria entre o adulto e a criança/adolescente. Nesta relação o adulto dispõe do poder e do saber, enquanto que a criança ou adolescente submete-se aos desejos paternos sem saber ao certo o que eles significam, ou então sem poder contestar a autoridade paterna frente a algo que reconhecem como proibido.

De acordo com Fuks (2005), “[...] o abuso sexual infantil é um traumatismo que altera a história do sujeito, tendo efeitos variáveis, mas sempre presentes no devir de sua existência e, dependendo do processamento da situação traumática, chegando a afetar, também, a geração seguinte.” (p. 55). O incesto, para a autora, é a forma mais catastrófica de abuso sexual, pois suas consequências têm um alcance ainda maior do que aquelas provenientes de um abuso extrafamiliar. Isso parece óbvio, mas não é. Acreditamos ser necessário diferenciar o abuso sexual do abuso sexual incestuoso, principalmente devido à gravidade da violência psíquica que, segundo Faiman (2011), o incesto em geral necessariamente exerce, especialmente devido à função dos pais no universo psíquico e nas fantasias edípicas dos filhos.

Apesar da constatação das consequências devastadoras que o abuso sexual incestuoso tem na vida de suas vítimas e de todas as regras sociais construídas para a interdição do incesto, esses abusos acontecem com uma frequência muito maior do que se imagina. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), aproximadamente 10% dos meninos e 20% das meninas já passaram por alguma experiência de abuso sexual. O abusador é geralmente alguém próximo da criança, sendo, na maioria dos casos, um membro da própria família, o que aponta para a prevalência dos abusos sexuais incestuosos. A maioria dos abusos relatados é cometida por homens, sendo a vítima sua filha ou enteada. Também há registros de abusos cometidos por mulheres, embora eles sejam menos denunciados, pois são mais difíceis de diagnosticar, já que a proximidade maior da mulher com as crianças é culturalmente vista como natural e, na ocorrência de um abuso, este geralmente não deixa marcas no corpo da criança abusada.

É válido pontuar, também, que os números de abusos sexuais relatados estão longe de representar a realidade dos fatos. Em muitos casos, especialmente quando se trata de abuso sexual intrafamiliar, o fato tende a ser silenciado, transformando-se em um segredo sufocado no seio da família. (Oliveira, 2012). As vítimas de tais abusos não encontram apoio nem nos familiares, nem na comunidade, já que o incesto permanece sendo um tabu e, por isso, não

deve ser discutido, sob pena de aquele que fala sobre ele tornar-se, ele próprio, tabu. (Freud 1913/1996).

É aí que situamos a importância e a justificativa da presente pesquisa, que se propõe a contribuir com o debate de um tema que, embora polêmico e de difícil discussão, necessita ser explicitado. Os números são alarmantes e, ainda assim, não revelam a realidade sobre todas as crianças e adolescentes que tiveram suas vidas marcadas pelo trauma resultante da vivência do abuso sexual incestuoso. É preciso abrir espaço para este debate, já que o traumático só pode ser assimilado por meio da simbolização, da ligação do excesso que representa e, para que isto ocorra, Laplanche (1988) assinala a importância do processo de tradução, que depende principalmente da ajuda fornecida pela cultura.

Nossa opção por trabalhar com o incesto vivenciado entre pai e filha se deve tanto ao fato de este ser o tipo de abuso de maior incidência e com maior número de denúncias, quanto à maior disponibilidade de material subjetivo publicado. Dentre os materiais levantados inicialmente, elegemos duas autobiografias publicadas em forma de livro para a análise: *L'amore di Papà: una storia vera* (2013), de Pola Kinski, e *A Violação do Silêncio* (1986/1988), de Eva Thomas. Estas narrativas, escritas por mulheres de nacionalidades diferentes e em épocas distintas, constituem-se em material rico para pensarmos as vicissitudes do trauma de abuso sexual incestuoso.

Pola, a primeira de nossas protagonistas, é alemã, nascida do primeiro casamento do ator Klauss Kinski com a cantora Gislinde Kühlbeck, que terminou em separação quando ela era ainda criança. Publicou sua autobiografia aos 60 anos, na qual fala a respeito da relação incestuosa que viveu com o pai desde os 5 até os 19 anos. A denúncia que faz em seu livro, ao falar dos abusos sexuais cometidos pelo pai ao longo de sua infância e adolescência, só foi feita quase 22 anos depois da morte do ator e mais de 40 anos após o término dos abusos.

Eva, nossa outra protagonista, é francesa, nascida em 1942, filha mais velha de seis irmãos, cujo pai era jardineiro e a mãe costureira. Ela escreve seu livro quase 30 anos depois da experiência incestuosa que vivenciou. O pai abusou sexualmente dela quando ela tinha 15 anos, em uma noite na qual a mãe estava no hospital cuidando da irmã doente. O abuso aconteceu apenas uma vez, mas trouxe consequências devastadoras para sua vida.

As narrativas autobiográficas que analisamos se enquadram no campo da literatura de testemunho, que, segundo Marco (2004), é uma expressão que tem aparecido com maior intensidade a partir da década de 90, referindo-se a uma relação entre literatura e violência. A autora afirma que existem dois grandes grupos de literatura de testemunho: um voltado para o estudo da literatura latino-americana; outro para a reflexão acerca da *Shoah* (holocausto).

Seligmann-Silva (2008) trabalha com o testemunho de catástrofes históricas, especialmente a *Shoah*. O autor resgata, em seu texto, as palavras de Levi (1988), sobrevivente de Auschwitz, que descreve o testemunho como sendo uma atividade elementar, tão fundamental quanto as necessidades básicas do ser humano. Seligmann-Silva (2008) entende o testemunho daquele que volta do campo de concentração ou de outra situação violenta como aquilo que garante a sua sobrevivência, daí a necessidade que os sobreviventes têm de narrar suas vivências.

Entretanto, mesmo que muitas vezes escrever adquira um caráter quase vital, a escrita possui um outro lado, na medida em que não é possível testemunhar o traumático sem que esse testemunho venha acompanhado de sofrimento. O trauma se caracteriza enquanto “uma memória de um passado que não passa”, podendo muitas vezes adquirir caráter de irrealidade na memória do sobrevivente, sendo que “esta ‘irrealidade’ da cena encriptada *desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo.*” (Seligmann-Silva, 2008, p. 69, grifos do autor). O autor ressalta ainda que, ao apagar os locais e as marcas das atrocidades, há uma afirmação da sensação de irrealidade do psiquismo, resultando na negação por parte do próprio sobrevivente, que torna cindida sua visão da realidade.

A narrativa, por sua vez, busca integrar o passado traumático, permitindo romper com o encapsulamento causado pelo trauma, buscando dar novo dimensionamento aos fatos ocorridos, especialmente pela linearidade, repetições e metaforizações, construídas na escrita. Mas o autor salienta que esta simbolização nunca é completa, pois “algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente.” (Seligmann-Silva, 2008, p. 69).

Bohleber (2007) entende que as pessoas traumatizadas são tanto vítimas quanto testemunhas do trauma, o que faz com que nem sempre os demais queiram ouvir seus testemunhos, por não estarem dispostos a lidar com os sentimentos de medo, dor, raiva, vergonha ou culpa que podem surgir ao ouvir tais relatos. Assim, a falta de um debate coletivo em torno do trauma, acentua o sentimento de culpa da vítima. Para Seligmann-Silva (2008), atribui-se uma “outridade” ao sobrevivente, cuja existência parece insuperável, sendo que “a narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade. [...]” (p. 66).

As mulheres cujas narrativas analisamos nesta pesquisa são testemunhas de vivências sobre as quais ninguém quer ouvir falar. Elas tiveram coragem de expor seu sofrimento publicamente, de assumir que sobreviveram ao incesto paterno, embora muitas feridas tenham

permanecido abertas. Em suas escritas, impulsionadas pela necessidade que os sobreviventes têm de falar sobre o trauma, há a presença massiva de um sofrimento intenso, pois escrever sobre o trauma implica, necessariamente, em trazê-lo à tona. No entanto, o que observamos em suas narrativas é uma transformação por meio da escrita, transformação que se assemelha ao processo de metabolização pelo qual as mensagens podem ser traduzidas e integradas ao psiquismo.

Estas duas narrativas, embora versem sobre um mesmo tema, têm enredos distintos. De um lado vemos, por exemplo, que a forma como cada vivência incestuosa aconteceu, a idade que cada uma das vítimas tinha e o tempo que duraram os abusos, são diferentes. De outro, percebemos que os recursos psíquicos e os elementos de ajuda à tradução disponíveis no meio cultural e familiar de cada uma delas também diferem. Essas diferenças tiveram implicações importantes na forma pela qual cada uma destas mulheres tentou traduzir as mensagens excessivas veiculadas no abuso sexual incestuoso. Os destinos que deram ao excesso traumático e até mesmo o tempo em que novas traduções puderam ser propostas foram particulares a cada uma delas. É sobretudo este campo, o campo da tradução, que nos interessa. Como se dá a tradução das mensagens presentes em um abuso sexual cometido pelo pai?

Antes de partirmos para a pesquisa propriamente dita, vejamos como ela se organiza.

### **1.1. Questões metodológicas**

O tema do abuso sexual incestuoso não é novo e, sabemos, existem diversas pesquisas que se debruçam sobre o estudo do trauma implicado nessas vivências. Sendo assim, o que diferencia a nossa pesquisa daquelas que abordam a mesma temática é a lente que usamos para analisá-la. Propomos um olhar sobre o abuso sexual incestuoso a partir da perspectiva da Teoria da Sedução Generalizada.

A TSG, ao propor novos fundamentos para a psicanálise, para utilizar uma expressão do próprio Laplanche (1987/1992), retoma o conceito de trauma de sedução de Freud (1896a/1996), ampliando-o e generalizando-o. Laplanche (1987/1992) não fala de sedução focal, pedófila, mas de uma sedução originária que ocorre em todo encontro que se estabelece entre o recém-nascido e o adulto que lhe dispensa cuidados, situação que o autor denominou de Situação Antropológica Fundamental (SAF). Neste encontro, a criança excita o adulto, desperta sua sexualidade infantil recalcada, de modo que o adulto passa a enviar mensagens

carregadas de significações sexuais inconscientes à criança. Essas mensagens, embora autoconservativas, veiculadas mediante os gestos de cuidado, são parasitadas por significantes sexuais inconscientes e, por isso, são excessivas, traumáticas para a criança, que não tem os recursos necessários para lidar com elas.

Assim, em um primeiro momento a criança é passiva frente à sexualidade do adulto, mas o enigma que esta sexualidade implanta no psiquismo infantil passa a excitá-la a partir de dentro e, em um segundo tempo, demanda tradução. No entanto, para que possa iniciar o processo de tradução dessas mensagens, a criança precisa recorrer ao que Martens (2007) denominou de “assistentes de tradução”. Estes são elementos propostos pela cultura, que abrem possibilidades para que o sujeito lide com o excesso das mensagens enigmáticas que recebe do adulto desde que nasce. Como resultado da tradução, sempre imperfeita, das mensagens, ocorre a cisão psíquica que dá origem ao inconsciente recalçado, composto pelos restos não traduzidos das mensagens, que passam a atuar como objetos-fonte da pulsão.

Laplanche (1987/1992) situa a sedução originária nas origens do humano, nas origens do inconsciente, implantada no corpo e no psiquismo infantil a partir das mensagens enigmáticas do adulto. Sedução esta que o autor afirma ser mais geral que o complexo de Édipo, constituinte da sexualidade infantil. Acreditamos que a TSG fornece uma explicação consistente para pensarmos a fundação psíquica em seu aspecto universal. Entretanto, perguntamo-nos acerca do que esta teoria tem a dizer sobre os casos em que a sedução focal efetivamente ocorre. Embora o trauma resultante de um abuso sexual incestuoso guarde relações com o trauma originário, as consequências de cada situação são distintas. Enquanto a sedução originária é traumática, porém necessária e estruturante, pois constituinte, a sedução focal veicula apenas o caráter desestruturador do trauma. Logo, acreditamos ser necessário interrogarmo-nos acerca das possíveis contribuições que a TSG pode nos fornecer para a compreensão do trauma de abuso sexual incestuoso.<sup>4</sup>

A fim de esboçar possíveis respostas a este questionamento, tivemos como ponto de partida a investigação dos constructos psicanalíticos dedicados ao estudo do trauma de sedução e propomos um aprofundamento da compreensão teórico-conceitual dos principais pressupostos da TSG, especialmente daqueles que podem lançar luz sobre o estudo de nossa temática. Este é o conteúdo de nosso primeiro capítulo, no qual trazemos, inicialmente, a teoria da sedução elaborada por Freud no início de sua teorização, na qual o autor atribui ao

---

<sup>4</sup> Esta interrogação também parte da proposta da pesquisa maior na qual nosso estudo está inserido, cujo objetivo, ao promover o estudo de situações traumáticas a partir da TSG, é também “testar” a aplicabilidade dessa teoria, relativamente nova e pouco explorada no Brasil.

trauma sexual infantil grande importância para a etiologia das neuroses, discutimos o abandono dessa teoria, assim como as concepções acerca do trauma presentes ao longo da obra do autor. Em um segundo tópico, abordamos brevemente as contribuições de Ferenczi ao estudo do trauma sexual, já que é ele o autor que retoma a ideia de concretude da sedução e também é a quem Laplanche se aproxima. Após este debate em torno do caráter patológico atribuído à sedução, abordamos, na terceira parte, o papel traumático e estruturante que a sedução ocupa na fundação do psíquico, apontado por Laplanche, e apresentamos brevemente a teoria desenvolvida pelo autor, a qual servirá de base e fundamento para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Em nosso segundo capítulo, buscamos discutir, a partir da psicanálise e da TSG, alguns aspectos traumáticos do abuso sexual incestuoso, especialmente aqueles relacionados ao incesto pai-filha, e algumas possibilidades de tradução. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico a partir de bancos de dados eletrônicos como o *PsycInfo*, da *American Psychology Association (APA)*, o *Scielo* e o *Portal da Capes*, através dos quais tivemos acesso a livros, artigos e textos publicados em periódicos, anais e sites. Os descritores utilizados para o levantamento de material foram: “abuso sexual”, “incesto”, “trauma”, “psicanálise” e “Teoria da Sedução Generalizada”. Cabe ressaltar, aqui, que encontramos muito material quando vinculamos a temática do abuso sexual incestuoso aos estudos psicanalíticos, mas quando associamos a busca à TSG, foi difícil encontrar pesquisas específicas sobre o tema. Para fundamentarmos o estudo do abuso sexual incestuoso a partir dos pressupostos da TSG, recorreremos não apenas às contribuições laplancheanas, como àquelas de outros autores que se dedicam ao estudo da temática. Como outra fonte de material, utilizamos, ainda, textos e referências bibliográficas levantadas a partir da pesquisa maior na qual nosso estudo está inserido.

A partir do material levantado, organizamos o segundo capítulo em quatro tópicos. O primeiro discute as principais consequências da vivência do abuso sexual incestuoso para suas vítimas e os sintomas apontados pelas pesquisas psicanalíticas. O segundo tópico se dedica ao estudo do papel ocupado pelos demais membros da família, em especial a mãe, na montagem da cena incestuosa, assim como na manutenção de práticas incestuosas no seio da família. No terceiro tópico iniciamos as contribuições da TSG para o estudo do trauma de abuso sexual incestuoso abordando o inconsciente encravado, postulado por Laplanche, e discutindo o enclave psíquico a partir de duas categorias de mensagens: implantadas e intrometidas, dando destaque para o fracasso radical de tradução, característico do trauma. O último tópico trata especificamente das possibilidades de tradução, discutidas a partir dos fatores considerados

importantes para a resolução dos conflitos e sintomas vivenciados pelas vítimas de abusos sexuais incestuosos, ressaltando a importância dos recursos que cada pessoa tem para lidar com o trauma. A partir das questões trabalhadas neste capítulo, esperamos ter mais subsídios para a leitura e discussão das autobiografias que analisamos no capítulo seguinte.

Nosso terceiro capítulo é destinado à análise de duas narrativas autobiográficas de mulheres vítimas de abuso sexual incestuoso. Ao definirmos, como proposta desta pesquisa, a análise de textos autobiográficos, ultrapassamos o campo clínico em sentido estrito e inserimos nosso estudo no plano do que Laplanche (1987/1992) denomina “psicanálise exportada”, ou “extramuros”. O autor utiliza esses termos para demarcar a diferença deles com a chamada “psicanálise aplicada”, que tem origem com Freud, em textos como *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907/1996), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996) e *Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Caso Schreber)* (1911/1996).

Laplanche (1987/1992) considera que o termo “psicanálise aplicada” carrega consigo a noção de aplicação tal e qual, como se “[...] a partir de um domínio privilegiado, que, com efeito, é o tratamento, uma metodologia e uma teoria seriam abstraídas, para, em seguida, serem transferidas, sem mais – como numa engenharia – para um outro domínio.” (p. 11). Entretanto, para o autor, é o conjunto da psicanálise como um todo que é transportado para fora-dos-muros, mantendo seu aspecto interpretativo e seu aspecto real. Assim, na relação que estabelece com a cultura, a psicanálise não só teoriza sobre o homem e suas construções, como também os marca e os modifica.

Green (1971/1994) também se debruça sobre o estudo da psicanálise *extramuros* e, a partir de seus estudos a respeito da crítica psicanalítica da literatura, temos acesso a elementos ricos para pensar a investigação psicanalítica de textos, que de certa forma dialogam com a teorização laplancheana. Diz-nos o autor:

Como age o psicanalista diante de um texto? Procede a uma transformação – na verdade, ele não age assim deliberadamente, pois é a transformação que se impõe a ele – que faz com que ele não leia o texto, mas o ouça. [...] O psicanalista ouve o texto conforme as modalidades específicas da escuta psicanalítica. Aqui está o paradoxo: a leitura rigorosa se duplica numa escuta indolente, uma leitura flutuante. A leitura flutuante não é uma leitura negligente – muito pelo contrário. Está atenta a tudo o que pode enganar a expectativa do leitor. (Green, 1971/1994, p. 16).

Segundo o autor, o tratamento destinado ao texto pelo psicanalista é o mesmo que estaria a um discurso consciente que encobre um discurso inconsciente, como no relato manifesto de um sonho, por exemplo. Mas, diferente do que se dá na análise, quando o sonhador está presente para fazer associações livres e falar dos restos diurnos, caminhando junto com o analista na investigação do sentido latente que esconde o sonho, na interpretação do texto, as associações e interpretações são todas do psicanalista, ele terá de se haver com seu próprio inconsciente, transformando-se no analisado do texto. (Green, 1971/1994).

Assim, o trabalho a ser realizado com um texto, de acordo com Green (1971/1994), é um trabalho de desligamento. O texto corresponde a uma elaboração secundária, que esconde seus aspectos desligados, sendo que, através de seu olhar-escuta e da interpretação psicanalítica, o analista terá de evidenciar seus aspectos inconscientes, desligando o texto, para então descobrir seus núcleos de verdade: verdade do desejo, verdade da fantasia, verdade da ilusão e verdade histórica. Essa concepção de desligamento do conteúdo do texto proposta por Green (1971/1994) assemelha-se muito com as propostas laplancheanas acerca da prática clínica do psicanalista. Para Laplanche (1987/1992), essa última tem a função de contribuir na destradição de conteúdos outrora traduzidos, com vistas a realizar traduções mais adequadas. Ora, destraduzir, neste sentido, também é evidenciar a determinação inconsciente daquilo que se apresenta como elaboração secundária e, a partir disso, abrir espaço para novas traduções.

O conceito de tradução, bastante caro a Laplanche, adquire valor central no desenrolar de sua teoria e é fundamental para a compreensão da elaboração do trauma. Os testemunhos das vítimas de abusos sexuais incestuosos aqui analisados e entendidos por nós como traduções da mensagem do outro, atuada, esta última, na forma de abuso, estão organizados a partir dos processos secundários. Dispomo-nos, aqui, a realizar uma leitura flutuante dos textos na qual, sabemos, não estamos evidenciando apenas o conteúdo inconsciente presente no discurso amarrado em formato textual, mas também, conforme propõe Green (1971/1994), deixando que aflore, em nossas análises, nosso próprio inconsciente.

Assim, nossas interpretações não são as únicas possíveis, evidentemente, mas sim, as que nos foram possíveis. Correspondem àquilo que nos foi possível construir, na dialética entre processos primários e secundários, a partir daquilo nosso que foi tocado pelo texto e daquilo que o texto despertou em nós. No entanto, o que apresentamos aqui não é fruto de uma interpretação isolada, já que as interpretações inicialmente feitas foram discutidas e repensadas com o orientador da pesquisa. Sendo uma dissertação um trabalho feito em conjunto, como não poderia deixar de ser, também nas interpretações há algumas ideias do orientador.

Em nosso terceiro capítulo, as narrativas das autoras são tomadas por nós como o discurso que os pacientes fazem em análise. Empreendemos uma análise livre dos textos, na qual destacamos pontos específicos nas histórias de cada uma das autoras que nos chamaram a atenção e que podem nos ajudar a pensar a vivência traumática do abuso sexual incestuoso.

No quarto capítulo, por sua vez, propomos uma análise mais específica dos conteúdos presentes nas autobiografias que se dedica, sobretudo, à compreensão do processo de tradução. Nela, voltamos nosso olhar e nossa escuta especificamente aos movimentos tradutivos empreendidos pelas autoras ao longo de suas vidas e através da escrita. Interessamos, sobretudo, os destinos que cada uma delas foi capaz de dar ao excesso veiculado na situação de abuso sexual incestuoso a partir do movimento constante de tradução, destradição e retradição.

## 2. SEDUÇÃO, TRAUMA E PSICANÁLISE: DA FACTUALIDADE À EFETIVIDADE

A proposta deste capítulo consiste na realização de uma breve discussão sobre as principais contribuições de Freud, Ferenczi e Laplanche para o estudo da sedução e de seu caráter traumático. Buscamos explorar o lugar destinado ao trauma e à sedução infantil na teorização freudiana, cuja discussão acompanha Freud durante toda a sua obra, dando indícios da importância atribuída a estes conceitos pelo autor. Abordamos a discussão de Ferenczi acerca da concretude da sedução e de sua importância para o estudo do trauma sexual. E, por fim, detemo-nos na posterior retomada e ampliação da noção de sedução proposta por Laplanche, enfatizando os principais pressupostos que fundamentam a TSG e que nos servem de base para a construção deste estudo.

### 2.1. Trauma e sedução no pensamento freudiano

As ideias de Charcot, que estudava a sintomatologia histérica a partir da etiologia do trauma (Freud, 1886/1996), influenciaram os desenvolvimentos teóricos de Freud acerca da histeria. Em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895/1996), escrito em parceria com Breuer, os autores atribuem a gênese das neuroses a vivências traumáticas, que frequentemente estão relacionados à vida sexual do sujeito. O sexual aparece aí como pano de fundo para o surgimento da doença, sendo que os sintomas histéricos geralmente guardam relações, explícitas ou simbólicas, com o evento traumático.

Os traumas descritos como capazes de desencadear a doença são, na maioria dos casos, acontecimentos que, tanto na histeria quanto na neurose traumática, provocam afetos aflitivos, como o susto, a angústia, a vergonha e a dor física. Estes eventos, devido ao seu conteúdo ou ao estado em que o sujeito encontra-se quando do seu acontecimento, podem impossibilitar uma reação. Na ausência de reação frente ao trauma, os afetos não são descarregados e a lembrança da vivência traumática passa a agir “[...] como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação.” (Freud & Breuer 1893-1895/1996, p. 42).

Os autores ressaltam ainda que, de forma oposta às demais lembranças, aquelas ligadas ao trauma não sofrem nenhuma modificação. As representações traumáticas persistem “[...] com tal nitidez e intensidade afetiva porque lhes foram negados os processos normais de

*desgaste por meio da ab-reação e da reprodução em estados de associação não inibida*”. (Freud & Breuer 1893-1895/1996, p. 47, grifos dos autores).

Embora em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895/1996) já tenha sido feita alusão ao caráter sexual do trauma, é em *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa* (1896a/1996) e em *A Etiologia da Histeria* (1896b/1996), no entanto, que esta ideia toma corpo e forma. Nestes textos, Freud atribui a etiologia das neuroses especificamente a um trauma sexual infantil, sustentando a ideia de que “[...] tais traumas sexuais devem ter ocorrido na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação).” (Freud, 1896a/1996, p. 164, grifos do autor).

No entanto, não é a vivência passiva da experiência sexual infantil em si mesma que resulta em efeitos patógenos. Para Freud (1896a/1996), os efeitos traumáticos estão na significação que se atribui a esta experiência infantil em um período posterior à puberdade, quando o sujeito já possui elementos físicos e psíquicos suficientes para compreender a experiência vivenciada como sexual. Embora a excitação corporal seja sentida já na cena de sedução infantil, é na puberdade que a excitação fica mais forte, pois, de acordo com o autor, a maturidade sexual fornece os elementos necessários para esta excitação. Assim, a lembrança da experiência, agora associada com a excitação sexual, ativa os processos de defesa, levando ao recalçamento e à neurose.

Freud ressalta ainda que, para constituir-se enquanto trauma psíquico, o acontecimento precisa ter “força traumática” e “efeito determinante”. No entanto, muitas vezes essas duas características não estão presentes, juntas, em uma mesma situação. Há casos em que o que ocorre é um encadeamento de duas ou mais cenas, que de forma isolada não seriam traumáticas, mas que, quando associadas, atingem a força e o efeito necessários. Às vezes uma cena pode encobrir outra, mas “[...] qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual*”. (Freud, 1896b/1996, p. 196, grifos do autor). Esta é a precondição apontada por Freud para a etiologia das neuroses: a passividade sexual vivenciada pela criança no período que o autor nomeia pré-sexual.

Mais tarde, em sua carta à Fliess de número 69, datada de 21 de setembro de 1897, Freud anuncia não acreditar mais em sua teoria do trauma de sedução e, no lugar do caráter concreto da investida sexual do adulto, passa a considerar a fantasia infantil e a realidade psíquica do neurótico. Segundo o autor, devido à dificuldade em diferenciar realidade e

fantasia, “[...] permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema.” (Freud, 1896-1889/1996, p. 310).

Laplanche (1988) acredita que apesar de Freud ter anunciado na carta 69 o abandono de sua neurótica, ele não a abandona por completo, mas oscila, ao longo de sua obra, entre duas posturas frente ao trauma sexual: a crença na factualidade da vivência traumática e o recurso à fantasia sexual infantil.

Ao discutir o lugar da sedução na obra freudiana, Laplanche (1987/1992) dá grande destaque às teorizações de Freud em torno da sedução infantil, que ele denomina de sedução restrita. Mas ele também ressalta a importância da sedução precoce, que é referida por Freud (1905/1996), ao constatar que as mães, mesmo sem compreender o que fazem, são as primeiras a seduzir os filhos. Esta sedução ocorre a partir dos cuidados maternos, de alimentação e asseio, que estimulam sexualmente as zonas erógenas do bebê. Veremos que estas duas formas de sedução presentes em Freud são retomadas por Laplanche, que as repensa na busca de uma explicação para a constituição psíquica do homem, naquilo que esta tem de universal.

De acordo com Favero (2004), a sedução cujo agente causador é o pai perverso aponta para o caráter evitável e patológico dessa sedução, entendida como traumática. A excitação provocada na criança seduzida tem um efeito desorganizador sobre o seu aparelho psíquico, já que ela não tem condições de elaborar o que lhe aconteceu. A sedução dos cuidados maternos, por sua vez, embora traumática, pode ser compreendida como estruturante, atuando como um organizador do psiquismo infantil.

O trauma, segundo Favero (2009), desaparece das teorizações freudianas no momento em que a sedução é abandonada, de modo que, entre 1897 e 1920, as referências ao tema são escassas. É em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), que Freud retoma o estudo do trauma, segundo a autora, para atender à demanda imposta pelos casos de neurose traumática do pós-guerra. Estes casos, resultantes de acidentes dolorosos recentes, pareciam não sofrer influência das forças sexuais, demandando novas explicações para a formação de seus sintomas.

Freud (1919/2010) associou as neuroses de guerra às neuroses traumáticas, que podem ocorrer também em tempos de paz, quando resultam de um choque ou acidente grave. O autor (Freud, 1920/2010) qualifica como traumáticas as excitações exteriores cuja força torna-as capazes de romper o escudo protetor e, ao adentrar o psiquismo, inundam-no com uma intensidade de estímulo que ultrapassa sua capacidade de vinculação. Esse excesso de excitação surge de repente, a partir de um evento para o qual o sujeito não estava preparado.

Assim, o susto está diretamente relacionado à causação das neuroses traumáticas, na medida em que impede a possibilidade de sobreinvestimento dos sistemas receptores dos estímulos externos, para que tenham condições de ligar a excitação que lhes chega de fora. A angústia, em contrapartida, ao preparar o sujeito para o perigo, estaria na contramão da neurose.

Assim como ocorre com a angústia, o dano físico, para Freud (1920/2010), é um fator que previne a instalação de uma neurose. Para ele, uma ferida séria, causada ao mesmo tempo em que o trauma, solicita um sobreinvestimento narcísico em torno do órgão afetado, promovendo a ligação do excesso de excitação sexual liberado pela situação traumática.

Outro aspecto destacado por Freud é que os sonhos de angústia característicos da neurose traumática fazem com que o sonhador reviva a situação traumática, sendo possível falar em uma fixação ao trauma. Devido a isso, não se pode dizer que os sonhos traumáticos estão relacionados à realização de desejos dos sonhadores, mas à tentativa de “lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática” (Freud, 1920/2010, p. 143). Essa função do aparelho psíquico é descrita por Freud como independente do princípio do prazer, constituindo algo mais primitivo que a necessidade de obter prazer e evitar desprazer.

Segundo o autor, tais sonhos – assim como o impulso para o jogo percebido na criança, a conduta transferencial observada na análise e a neurose de destino – estão a serviço da compulsão à repetição, sendo a repetição uma tentativa de elaboração do trauma que ultrapassa os domínios do princípio do prazer. A compulsão à repetição que ocorre nas brincadeiras infantis é relacionada tanto à tentativa de lidar ativamente com a vivência desprazerosa, quanto à vivência da satisfação prazerosa da pulsão. Nos fenômenos transferenciais a compulsão à repetição traz de volta experiências de satisfação ou de desprazer vivenciadas na infância, que não estão totalmente ligadas e que sofrem influência das resistências do Eu. (Freud, 1920/2010).

O princípio do prazer descrito por Freud (1920/2010) está relacionado ao princípio de constância, este último tende a manter o psiquismo em um determinado equilíbrio em relação à quantidade de excitação, já que o desprazer corresponde ao aumento da excitação e o prazer à sua diminuição. A situação traumática é fonte de desprazer na medida em que expõe o psiquismo a uma quantidade grande de excitação não-ligada, para a qual ele não estava preparado e com a qual tem de lidar.

De acordo com Barbosa (2011), o aspecto quantitativo do trauma atravessa toda a teoria freudiana sobre o tema, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1996/1895) até *Moisés e o Monoteísmo* (1996/1939). Para a autora, a sedução também possui importância na

construção da obra freudiana acerca do trauma, mas essa importância sofre oscilações ao longo do pensamento psicanalítico. A ideia de trauma em dois tempos, cujos efeitos patogênicos só acontecem *a posteriori*, se mantém ao longo do desenvolvimento teórico da psicanálise. Assim, as noções de excesso e de latência do trauma permanecem incólumes ao longo da obra freudiana e nos desenvolvimentos teóricos de autores pós-freudianos. Estas noções serviram de base para a proposta laplancheana acerca do trauma que culmina no recalçamento originário, fundante da tópica psíquica. Veremos esta discussão mais adiante. Antes, discutimos brevemente as contribuições de Ferenczi para o estudo do trauma de sedução.

## 2.2. A sedução traumática em Ferenczi

É a leitura de um Ferenczi tardio que nos interessa aqui, já que nas produções da década de 30 o autor apresenta contribuições importantes para o estudo do trauma de sedução, com destaque para o texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933/1992), no qual encontramos elementos ricos para pensar o trauma resultante da vivência do abuso sexual incestuoso.

Neste texto, Ferenczi (1933/1992) fez questão de ressaltar a importância patogênica do traumatismo sexual, o qual afirma ocorrer mais frequentemente do que se imagina. O autor justifica, assim, a necessidade de tomar o trauma sexual como fator importante no estudo e compreensão da etiologia das neuroses.

A sedução incestuosa, segundo Ferenczi (1933/1992), acontece em uma relação de afeto entre um adulto e uma criança, na qual ocorre uma “confusão de línguas”. A criança nutre apenas fantasias lúdicas em relação ao adulto, as quais muitas vezes podem adquirir caráter erótico, sem, contudo, ultrapassarem o nível que o autor chama de ternura. O adulto, por outro lado, caso tenha predisposições psicopatológicas, pode confundir o jogo infantil com o jogo sexual que envolve duas pessoas adultas. Neste caso, haveria uma confusão entre a linguagem da ternura, característica da criança, e a linguagem da paixão, presente no adulto. Este último, devido a essa confusão, poderia ser levado a consumir o ato sexual.

Frente à vivência do abuso, devido ao ódio e desgosto que passa a sentir em relação ao agressor, inicialmente a criança tende a agir com recusa e resistência. No entanto, a criança é tomada por um medo intenso, devido à força e autoridade que o adulto detém, perante as quais não possui força física e moral para se defender. Então a criança passa a submeter-se à

vontade do adulto e a anular a sua própria, esquecendo-se de si. Essa submissão absoluta da criança promove uma identificação ansiosa com o agressor, que desaparece enquanto realidade externa e torna-se intrapsíquico. A introjeção da figura do agressor também traz consigo o sentimento de culpa, o qual causa grande confusão para a criança, que não sabe mais se é inocente ou culpada pelo que lhe aconteceu, não confia mais nos próprios sentidos. O adulto, por sua vez, ao atormentar-se pelo remorso em relação aos seus atos, só faz aumentar o sentimento de culpa da criança. (Ferenczi, 1933/1992).

Assim, as possíveis consequências que Ferenczi (1933/1992) aponta para a vivência de abuso sexual infantil seriam a estagnação da vida sexual, ou o desenvolvimento de um caráter perverso. A criança ainda pode vivenciar o que o autor denomina de “progressão traumática (patológica)” ou “pré-maturação (patológica)”, amadurecendo abruptamente, de forma a adquirir características adultas cedo demais.

Outra contribuição importante de Ferenczi (1933/1992) para o estudo do trauma de sedução infantil corresponde à afirmação de que o trauma não deriva apenas da sedução vivenciada pela criança ao buscar o afeto do adulto, mas também da forma como os adultos (e aqui está incluso tanto o adulto sedutor quanto os demais que fazem parte da convivência da criança) agem frente ao relato que ela faz ou tenta fazer acerca do ocorrido. Na maioria das vezes, os testemunhos infantis são tidos como fantasias e não são levados em consideração pelos adultos, que negam a verdade das palavras da criança, desmentindo a experiência por ela vivenciada.

Desta forma, o desmentido possui papel importante na constituição do trauma, pois são justamente aqueles que desempenhavam papel de proteção, os que passam a descreditar a violência sofrida pela criança. (Favero, 2009). Nestes casos, podemos entender que o meio cultural da criança vítima de abuso – que compreende a família, mas não apenas ela –, que deveria fornecer os assistentes de tradução necessários para lidar com o excesso das mensagens incestuosas, acaba por potencializar o valor traumático que elas representam.

O artigo do autor húngaro é considerado por Laplanche (1987/1992) como “uma espécie de prefácio à teoria da sedução generalizada” (p. 127), pois, de algum modo descreve um confronto entre a criança e o mundo adulto, “a confusão de línguas”, portanto um mundo que a interroga e que ela tem que decifrar. Contudo, Laplanche afasta-se da visão defendida por Ferenczi, na medida em que acredita ter-lhe faltado a compreensão de que a grande problemática da situação originária não se encontra apenas na confusão de línguas entre o adulto e a criança, mas na própria significação inconsciente (sexual) da linguagem do adulto. (Laplanche, 1987/1992).

Para fundamentar a teoria da sedução generalizada, que explica a constituição do psiquismo humano em geral, Laplanche (1987/1992) retoma e amplia as contribuições de Freud e Ferenczi sobre o trauma de sedução, propondo a existência de uma sedução originária. É essa sedução, originária e constituinte, que discutimos a seguir.

### 2.3. Laplanche e a sedução nas origens do psiquismo

Ao discutir o lugar da sedução na obra de Freud, Laplanche (1988) dá grande destaque à teoria da sedução, que explica a etiologia da neurose a partir de um trauma sexual infantil (Freud, 1896-1889/1996), mas também ressalta a importância da sedução “descoberta” por Freud (1905/1996) ao constatar que as mães praticam uma espécie de sedução ao estimularem as zonas erógenas do bebê durante os cuidados de alimentação e asseio. Laplanche (1987/1992) retoma estas duas noções de sedução (uma que ele denomina de sedução restrita e outra de sedução precoce), não para propor um retorno à primeira noção freudiana de sedução, focal e pedófila, mas para propor uma ampliação da noção de sedução. O autor explica a constituição psíquica em geral, a partir do que ele chama de sedução originária, que ocorre em todo encontro que se estabelece entre o recém-nascido e o adulto que lhe dispensa cuidados.

Neste encontro, há um sedutor e um seduzido. Devido a isto, este encontro é também um des-encontro, na medida em que a criança, confrontada com o mundo adulto, mundo que a interroga e que ela tem que decifrar, se vê invadida por um excesso que não tem condições de conter. Há aí uma confusão, mas não de línguas (Ferenczi, 1933/1992). Laplanche (2011a) acredita ser preferível substituir o termo “confusão de língua” por “mensagens”, já que nem a paixão é exclusiva do adulto, nem a ternura o é da criança. O termo “entre os adultos e a criança”, entretanto, é interessante para Laplanche (2011a), pois “é muito diferente de ‘entre os pais e a criança’ ou ‘entre os dois pais e seus filhos’. O que é posto em questão aqui é o complexo de Édipo em si.” (p. 154, tradução nossa<sup>5</sup>). Ou seja, a relação originária se estabelece “entre os adultos e a criança”, sejam estes adultos seus pais biológicos ou não. O que é posto em evidência pelo autor é a efetividade da sedução originária, que é universal, independente de qualquer contingência.

Nesta situação, o que ocorre é uma dupla corrupção, já que “a criança diante dele faz

---

<sup>5</sup> “Between adults and the child” is very different from “between the parents and the child” or “between the two parents and their children”. What is called into question here is the Oedipus complex itself.

apelo ao infantil nele” (Laplanche, 1987/1992, p. 111), ou seja, a criança diante do adulto excita-o, desperta sua sexualidade infantil recalcada, de modo que o adulto passa a enviar à criança mensagens pré-conscientes-conscientes, carregadas de significações sexuais inconscientes.

Assim, para Laplanche (1987/1992), a grande problemática deste encontro não é a confusão de língua, mas a própria significação inconsciente (sexual) da linguagem do adulto. As mensagens que o adulto destina à criança são enigmáticas não apenas para o receptor, mas para o próprio emissor. Esses enigmas, denominados por Laplanche de “significantes enigmáticos”, contemplam, segundo Martinez, Mello Neto e Lima (2007), “o que Freud supôs como mais traumático na vida infantil: a cena originária, a diferença de gêneros, o nascimento de um outro filho, de forma a demonstrar que a sedução originária não estaria presa, exclusivamente, ao abuso sexual.” (p. 136).

Laplanche (1987/1992) propõe uma teoria que não se pauta pelo estudo do patológico, mas que busca trazer respostas quanto aos aspectos mais gerais do psiquismo humano e de sua formação. A noção de sedução proposta pelo autor não corresponde a uma situação contingente, focal ou patológica, mas a uma situação geral e necessária, da qual nenhum ser humano pode escapar, que ele nomeia de Situação Antropológica Fundamental:

A Situação Antropológica Fundamental confronta, num diálogo simétrico/dissimétrico, um adulto que possui um inconsciente sexual (essencialmente pré-genital) e um *infans* que ainda não constituiu um inconsciente, nem a oposição inconsciente/pré-consciente. O inconsciente sexual do adulto é reativado na relação com a criança pequena, com o *infans*. As mensagens do adulto são mensagens pré-conscientes-conscientes, elas são necessariamente “*comprometidas*” (no sentido do retorno do recalcado) pela presença da “interferência” inconsciente. Estas mensagens são, então, *enigmáticas*, ao mesmo tempo para o emissor adulto e para o receptor *infans*. (Laplanche, 2003, p. 406-407, aspas e grifos do autor).

Na SAF, a relação é assimétrica, pois enquanto o adulto tem um psiquismo constituído, a criança só conta com recursos adaptativos e é com eles que ela lida com as mensagens sexuais enigmáticas que lhe chegam. Vista assim, a criança está em uma posição passiva diante do adulto, mas principalmente diante da sexualidade transbordante desse último. Para Laplanche (1988), tanto a passividade quanto a atividade “não devem ser definidas nem pela iniciativa do gesto, nem pela penetração, nem por qualquer outro elemento

comportamental. A passividade está toda inteira na inadequação para simbolizar o que ocorre em nós vindo da parte do outro.” (p. 90).

É por essa inadequação da criança, por essa impossibilidade de processar inteiramente o que lhe chega do outro, que as mensagens veiculadas mediante os gestos de cuidado, comprometidas pela sexualidade infantil do adulto, são excessivas, traumáticas. Assim, em um primeiro momento a criança permanece passiva frente a elas, mas o enigma que carregam já está implantado em seu psiquismo e passa a excitá-lo a partir de dentro, demandando, em um segundo tempo, tradução. Esse processo é explicado a partir da ideia de dois tempos do recalçamento originário, que funda o aparelho psíquico em seu aspecto tópico. No primeiro tempo do recalçamento, “antes da clivagem” (Laplanche, 1981/1992), “a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. [...] Num segundo tempo a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar.” (Laplanche, 2003, p. 407).

Assim, as mensagens provenientes do adulto suscitam um enigma na criança, que, em um segundo tempo, no *après-coup*, exige dela um trabalho de tradução. Mas o infante não é capaz de traduzi-las apenas com os códigos autoconservativos de que dispõe. Para traduzir estas mensagens, a criança lança mão dos elementos denominados por Martens (2007) de “assistentes de tradução”:

Por "assistência de tradução" deve-se entender o conjunto de mensagens (não-verbais, ainda mais do que verbais) destiladas pelo ambiente social em geral, que acompanham como um contraponto o processo de sedução precoce. Se trata, muito particularmente, da forma pela qual se codifica o cotidiano da diferença dos sexos, das relações intergeracionais e do acesso ao corpo (especialmente a nudez). (s/p).

Esses assistentes se configuram como um conjunto de mensagens presente na cultura, que Laplanche (2003) insere no universo do mito-simbólico, composto por códigos e esquemas narrativos pré-formados, nos quais o autor situa o complexo de Édipo e a castração, por exemplo. Eles funcionam como organizadores dos conteúdos do inconsciente, que permitem que a criança simbolize as mensagens do adulto e possa historicizar-se em relação a elas. Laplanche (2011a) inclui aí os sistemas simbólicos de parentesco e a proibição do incesto, responsáveis pela ligação da sexualidade infantil, polimórfica e perversa.

Para Bleichmar (1993/1994), é inicialmente a própria mãe da sedução originária que oferece elementos para a ligação do excesso dessa sedução. A mãe – ou, podemos pensar, o

adulto – ao mesmo tempo em que seduz a criança de forma traumática, também contém este excesso a partir de seu próprio narcisismo, exercendo a função de um “duplo comutador”. Nas palavras de Carvalho (2001), as mensagens sexuais do adulto são “recobertas por uma dimensão narcísica, amorosa, dimensão esta sustentada pelos ideais e normas sociais.” (p. 51). Segundo esta autora, é esta dimensão amorosa que permite que a criança lide com o excesso das mensagens enigmáticas e que também forme a imagem de um Eu a ser amado, o mesmo Eu que ajudará a conter as mensagens excessivas e a elaborá-las.

As primeiras traduções empreendidas pelo infante dão origem à cisão psíquica, fundando o nível pré-consciente do aparelho psíquico, o eu do indivíduo, constituindo-o enquanto sujeito. Como são sempre imperfeitas, essas traduções deixam restos não traduzidos de mensagens, que dão corpo ao inconsciente sexual recalcado e passam a atuar como objetos-fonte da pulsão. (Laplanche, 1987/1992). Assim, o autor situa o trauma da sedução dita originária nas origens do humano, nas origens do inconsciente, constituinte da sexualidade infantil, fornecendo uma explicação que permite pensarmos a fundação do psíquico em seu aspecto universal.

Mas os objetos-fonte permanecem como corpos estranhos no interior do psiquismo, que vão constantemente impulsionar o sujeito a novas traduções. Segundo Laplanche (1988), aquilo que é passivamente registrado nas origens corresponde a uma “mensagem em si mesmo ignorada”, por isso nunca traduzível em sua completude. Deste modo, o recalcado:

[...] é apenas o eco, o resíduo, deste intraduzível interno à própria mensagem. É a transcendência da situação originária – esta relação da criança a um adulto que significa o que ela não sabe – que será traduzida, transportada, transferida com mais ou menos resíduos, mas jamais reduzida. (Laplanche, 1988, p. 94).

Assim, a tradução, de acordo com Laplanche, é um processo que dura a vida toda. As mensagens são traduzidas, destruídas e retraduzidas por meio de um processo de temporalização, que “pressupõe algo já-traduzido anterior, mas também algo por-traduzir primordial, que chamamos inconsciente.” (Laplanche, 1996/1992, p. 80). O processo tradutivo descrito pelo autor só ocorre no *après-coup*, a partir de um constante movimento que possibilita ao homem temporalizar-se. Isto é, é no *après-coup* que o sujeito se historiciza, já que a tradução permite a metabolização das mensagens que, ao serem transformadas por esse processo, deixam de ser externas ao psiquismo e se integram a um pré-consciente mais

rico. (Laplanche, 2003). O sujeito pode então tornar o enigma do outro algo pertencente a si, embora saibamos que sempre sobrarão restos não metabolizados.

Para Laplanche (2001), no *après-coup* ocorre tanto a tradução das mensagens sexuais enigmáticas inscritas no passado a partir do tempo presente, quanto a destratação de mensagens já traduzidas com vistas a retratações mais adequadas. Por isso, Laplanche considera uma dupla direção para o *après-coup*, pois existe algo originário, a mensagem enigmática, a traduzir, cujo movimento vai do passado em direção ao futuro; e as constantes tentativas de tradução destas mensagens, nas quais a ressignificação é retroativa, do futuro em direção ao passado. De qualquer forma, é sempre no *après-coup* que o enigma presente na mensagem do outro demanda tradução, cuja exigência nunca tem fim e cujo trabalho nunca é completo.

É justamente nesse campo, o da tradução, que situamos nossa pesquisa. É a tradução do trauma fundante, instaurado no tempo da situação antropológica fundamental, que constitui a tópica psíquica, propõe Laplanche (1987/1992). Mas ao falarmos do trauma instaurado por um abuso sexual incestuoso, um trauma atual, quais as possibilidades de tradução? Quais os destinos conferidos ao traumático da cena de sedução incestuosa? Veremos.

No capítulo seguinte, abordamos brevemente as contribuições de alguns autores da psicanálise e da TSG para o entendimento do trauma de abuso sexual incestuoso.

### **3. O ABUSO SEXUAL INCESTUOSO E SEUS ASPECTOS TRAUMÁTICOS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE E DA TSG**

Discutimos neste capítulo alguns dos aspectos traumáticos do abuso sexual incestuoso, a partir do diálogo entre determinados autores, da psicanálise e da TSG. Dividimos o texto em quatro tópicos, sendo os dois primeiros destinados às contribuições psicanalíticas, de forma geral, e os dois últimos às contribuições específicas da TSG. Discorreremos, inicialmente, sobre a forma como o abuso sexual incestuoso é vivenciado pela criança/adolescente e os efeitos do trauma; depois abordamos o papel ocupado pela mãe e pelos demais familiares na instauração e manutenção do trauma. Nos tópicos destinados às contribuições da TSG, discutimos o fracasso radical da tradução das mensagens veiculadas no abuso sexual incestuoso e o enclave psíquico; assim como as possibilidades de elaboração do trauma a partir dos recursos individuais necessários ao processo de tradução.

Longe de esgotar o tema proposto, já que muitos autores da psicanálise se debruçaram e ainda se debruçam sobre o estudo do trauma de abuso sexual incestuoso, o que pretendemos aqui foi trazer algumas contribuições que nos permitissem entender os efeitos traumáticos da vivência incestuosa. Pudemos perceber, a partir dos textos estudados, que várias são as formas como cada criança e cada família vivencia o abuso, assim como as consequências que ele acarreta também podem ser várias. Mas o que define o destino que será dado ao traumático, então? Acreditamos que a TSG pode nos dar alguns direcionamentos.

#### **3.1. Efeitos do trauma de abuso sexual incestuoso**

Há no abuso sexual infantil, de acordo com Fuks (2010), a exploração da relação de poder que o adulto mantém sobre a criança, visando à obtenção de prazer. Como a criança não tem condições de consentir o ato sexual, sua participação é sentida como uma “*traição da confiança* depositada naqueles que, em oposição à vulnerabilidade infantil, detêm um conhecimento, capacidades e acesso maior aos recursos.” (p. 139, grifos da autora).

Brandão Júnior e Ramos (2010) chamam atenção para o risco de que, ao denominar a relação que se estabelece entre o adulto e a criança de “abuso sexual”, ressaltando o seu aspecto traumático, anule-se o sujeito aí implicado, deixando em evidência apenas o eixo vítima-agressor e o aspecto de culpabilização. Para os autores, é preciso recorrer à responsabilização, não à culpabilização, na medida em que a implicação de desejo não ocorre

apenas do lado do adulto, mas também da criança, pois “na maioria das vezes, há um jogo de sedução no qual ambas as partes estão envolvidas.” (p. 77).

Também para Argentieri (2005) não é possível fazer, em psicanálise, esta distinção tão clara entre vítima e agressor, pois atividade e passividade se confundem e se misturam nas relações, de forma que muitas vezes o agressor foi também uma vítima, ou a ocorrência do incesto deriva de uma configuração psicopatológica do grupo familiar e não apenas do indivíduo.

Parat (2011) ressalta que a atribuição do status de "vítima de incesto" pode ser prejudicial, na medida em que inibe o reconhecimento, por parte da criança, da confusão, da ambivalência e do desejo que ela muitas vezes sente em relação ao ocorrido. No trauma há a quebra do escudo protetor tanto através da realidade externa quanto da realidade psíquica, de modo que o acontecimento exterior e a vida de fantasia se unem na formação do excesso de excitação traumática.

Fuks (2010) também considera que:

Seria errôneo ver do lado da filha exclusivamente a dimensão traumática, concebida como excesso quantitativo que atropela e ultrapassa os recursos defensivos e elaborativos. A sedução sexual difere de outras violências físicas porque está dirigida à satisfação sexual do sedutor e ao despertar de sensações sexuais na vítima. Ainda sendo passiva fisicamente, a criança participa psiquicamente na atividade sedutora através de desejos, afetos, fantasias que podem facilitar, contrariar ou complicar a sedução propriamente dita. (p. 141).

Assim, além da submissão a uma relação de poder, a sexualidade paterna atuada no abuso também invade o espaço psíquico da criança e interfere no desenvolvimento das fantasias da menina em relação ao pai, como a fantasia de “ter um filho com o pai”, por exemplo, que fundamentam o processo pelo qual ela deveria elaborar uma posição feminina. (Fuks, 2010). Para a autora, o pai incestuoso é perverso e não reconhece as emoções e pensamentos da filha, mas goza com ela de um modo “genuinamente sincero”, desconhecendo as implicações patógenas de seu ato. Ele se utiliza do seu poder de pai para “transformar a intimidade de sua família num reduto reservado à realização impune desse ideal sexual onipotente e narcísico.” (p. 141).

A criança exposta desde cedo a manipulações e carícias excessivas e constantes é excitada sexualmente, mas não tem recursos para responder a esta sexualidade de forma

genital. A violência e a coisificação com que é tratada faz com que seja ao mesmo tempo erotizada e hostilizada. Para as autoras, esses comportamentos perversos dos pais, aliados a aspectos destrutivos da personalidade da própria criança, contribuem para a etiologia de perversões, sendo muitas das vítimas transformadas em algozes. Também podem ter por resultado as dificuldades na formação da identidade de gênero. (Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005).

A maioria dos autores considera importante, para discutir as consequências do abuso sexual incestuoso, que se leve em conta alguns fatores: a idade em que o abuso ocorreu, a diferença de idade entre a criança e o abusador, o grau de violência empregado (Argentieri, 2005; Machado, 2006), a duração do abuso, a proximidade entre o abusador e a criança (Machado, 2006), a ausência de figuras protetoras, (Machado, 2006; Almeida-Prado & Pereira, 2008), o tipo de ato sexual, a distinção de incesto heterossexual e homossexual, as fantasias inconscientes subjacentes ao abuso (Argentieri, 2005), a constituição do sujeito, a forma como as pessoas de seu meio reagiram, a possibilidade de simbolização da experiência traumática (Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005), o grau de estruturação simbólico-libidinal da criança (Fuks, 2010).

De acordo com Parat (2011), há que se demarcar uma diferença entre o trauma resultante de uma experiência de abuso sexual acompanhado por ameaças ou violência física, e aquele praticado por meio da sedução. No entanto, a autora entende que, para a psicanálise, o mais importante não seria propriamente o grau de violência, a repetição ou não do abuso e a idade da criança na época em que ele ocorreu. O que deve ser levado em conta é a organização interna da vítima, os mecanismos de defesa utilizados e a forma como eles atuaram para a manutenção da integridade psíquica, já que vivências aparentemente semelhantes de situações de abuso sexual incestuoso podem ter por resultado consequências individuais muito diferentes.

Apesar da necessidade de demarcação destas diferenças individuais, algumas reações podem ser consideradas características nos casos de abuso. A criança abusada costuma encontrar dificuldades em expressar verbalmente o que lhe aconteceu ou acontece, manifestando seu sofrimento a partir de sintomas que Machado (2006) descreve como um conjunto de possíveis sinais indicativos do abuso sexual, que podem ser físicos ou comportamentais:

Traumatismos e lesões diversas na genitália e/ou anus, dilatação himenal, sangramentos, corrimentos vaginais ou secreções penianas, infecções urinárias,

doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez, infecções crônicas de garganta, dores abdominais, vômitos e dores de cabeça, erupções na pele. Distúrbios do sono, pesadelos, vigilância aumentada, mudanças repentinas de comportamento e de humor, enurese e encoprese (incontinência urinária e fecal), transtornos alimentares (anorexia, bulimia), parada no crescimento, comportamento agressivo, mau desempenho escolar, idéias delirantes, pensamentos intrusivos, sintomas depressivos, angústias, condutas anti-sociais, baixa auto-estima, medo, desconfiança, resistência ao apego, fuga de casa ou da escola, resistência em voltar para casa depois da escola; muito medo de ser tocada durante o banho ou por ocasião de consultas médicas ou resistência para tirar a roupa; comportamento sexual exacerbado (masturbação compulsiva, manipulação de outras crianças, exibicionismo). (p. 29).

Também são ressaltados como sintomas recorrentes: o sentimento de culpa, a depressão, a perda da auto-estima (Wolf & Alpert, 1991; Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005; Machado, 2006; Almeida-Prado & Pereira, 2008; Fuks, 2010), fobias, atraso escolar (Morhain & Sublime, 1999; Almeida-Prado & Pereira, 2008; Fuks, 2010), transtornos alimentares (Wolf & Alpert, 1991; Morhain & Sublime, 1999; Almeida-Prado & Pereira, 2008), adições (Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005; Machado, 2006; Almeida-Prado & Pereira, 2008), ideações e tentativas de suicídio (Wolf & Alpert, 1991; Morhain & Sublime, 1999; Machado, 2006; Fuks, 2010), quadros psicossomáticos (Morhain & Sublime, 1999; Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005; Machado, 2006), transtornos de ansiedade, de afetos e de personalidade (Machado, 2006), repetição da experiência traumática, seja no papel de vítima ou de agressor (Wolf & Alpert, 1991; Morhain & Sublime, 1999; Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005), danos na estruturação do ego e utilização de defesas primitivas. (Morhain & Sublime, 1999).

A relação com adultos abusadores resulta na quebra da confiança e da segurança da criança, favorecendo rupturas e distorções da autonomia do ego. Por ter dificuldades em acreditar e confiar de forma segura nas pessoas de modo geral, o sujeito terá implicações negativas em seus relacionamentos futuros. Tais implicações podem estar relacionadas à tendência das vítimas de abuso sexual de sexualizarem todas as suas relações, como uma tentativa de receber afeto, resultando no estabelecimento de um quadro autodestrutivo de promiscuidade, que pode levar a gravidezes na adolescência ou a quadros de doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo. Por outro lado, o indivíduo pode desenvolver uma grande dificuldade em relacionar-se, o que pode levá-lo ao isolamento, assim como a uma

inibição da atividade sexual, com problemas para atingir o orgasmo e tentativas de evitar os relacionamentos sexuais. (Wolf & Alpert, 1991; Almeida-Prado & Féres-Carneiro, 2005; Fuks, 2010).

O abuso sexual vivenciado na infância é caracterizado por Almeida-Prado e Féres-Carneiro (2005) como um trauma ativo, que permanece no psiquismo da vítima muito tempo depois da vivência traumática e se expressa pela violência, pela ação da pulsão de morte. De acordo com Conte (2008), o trauma de abuso sexual não pode ser processado psiquicamente, constituindo-se enquanto uma angústia sem nome e sem simbolização. O excesso de excitação por ele gerado só encontra saída pela descarga motora, pela formação de sintomas no corpo, ou pela clivagem do ego.

Morhain e Sublime (1999) ressaltam que, por vezes, o evento traumático permanece desconhecido pelo próprio sujeito, para que ele possa proteger-se contra o horror insuportável da experiência, mas, em termos de economia psíquica, não é possível esquecer tal evento. O papel do trabalho terapêutico, neste caso, seria justamente propiciar que se fale acerca da vivência de abuso, buscando subjetivar o acontecimento, atribuindo palavras àquilo que é da ordem do indizível. Este processo contribui, inclusive, para os casos em que a palavra da criança foi desacreditada, pois ela pode encontrar no terapeuta a escuta que necessita, sem esbarrar na negação de sua experiência.

Mas contar a história do abuso, apesar de ser terapêutico, nem sempre é um processo tranquilo. Valerio (2011) relata experiências que teve em psicoterapias grupais com vítimas de abuso sexual incestuoso, nas quais muitas vezes as memórias dos pacientes voltavam em forma de *flashbacks*, vivências corporais e sintomas somáticos, que eram experienciados também como profundamente traumáticos para o indivíduo, afetando inclusive os demais membros do grupo.

Na maioria das vezes as crianças não relatam o abuso à época em que ele ocorreu, algumas por medo de perder o afeto do abusador, por medo das ameaças que ele fez, por receio de que os familiares não acreditem nelas, ou as culpem pelo que aconteceu. Quanto mais próxima é a menina de seu agressor, quanto maior a sua lealdade e o seu vínculo afetivo para com ele, menor é a probabilidade de que ela denuncie o abuso. (Fuks, 2010).

Machado (2006) considera importante investigar os aspectos presentes no contexto familiar da criança que podem torná-la mais vulnerável a uma situação de abuso sexual incestuoso. A autora chama atenção para o fato de que algumas crianças, após uma tentativa ou episódio de abuso foram capazes de buscar ajuda dos pais ou de algum adulto que pudesse

exercer o papel protetor, enquanto outras permanecem sofrendo abusos prolongados e contínuos sem nunca buscarem a ajuda daqueles que poderiam protegê-las.

No item que segue, discutimos algumas das implicações do meio familiar para o acontecimento do abuso sexual incestuoso e sua manutenção no seio da família.

### **3.2. O papel da família, especialmente da mãe**

Para Almeida-Prado e Féres-Carneiro (2005), na verdade a criança não se depara apenas com um adulto abusador na situação de abuso sexual, mas tem de lidar com adultos abusadores, pois geralmente também não encontra suporte em seu meio familiar e não pode confiar em outro adulto, especialmente na mãe, para protegê-la.

Para Figaro-Garcia (2004), é comum que nas famílias incestuosas haja certa confusão das funções familiares, já que a perda da assimetria nas relações acaba por desorganizar a hierarquia familiar. Neste sentido, soma-se ao significado do trauma o sentimento de desamparo que este núcleo familiar desorganizado oferece à criança ao permitir que este tipo de violência ocorra. Também é comum que ocorram repetições nas famílias incestuosas, como nos casos em que os diversos parceiros de uma mulher violentam seus filhos, ou como quando as crianças e adolescentes repetem, por meio do incesto entre irmãos, a situação incestuosa que vivenciaram anteriormente.

Durante o atendimento de famílias incestuosas, Figaro-Garcia (2004) observou que muitas vezes o abuso sexual não é o mais traumático para a criança ou adolescente, mas sim a incerteza em relação ao posicionamento da mãe ou da família em relação a ele. Especialmente quando a história de abuso se dá entre pai e filha ou padrasto e enteada, algumas mães ficam do lado dos parceiros, não acreditando na história da filha, que busca sua proteção contra o abuso. A autora afirma que o fato de muitas dessas mães terem vivenciado situações incestuosas em sua própria infância ou adolescência, pode despertar a culpa e a negação nessas mulheres, que passam a reviver esta situação com a filha como objeto incestuoso. Assim, enquanto algumas mães não acreditam na possibilidade de ocorrência do incesto, outras o atribuem às provocações e insinuações da filha, que merece o abuso, já que provocou os desejos sexuais do pai.

Essa negação ou a descrença por parte destas mães é entendida por Figaro-Garcia (2004) como uma possível “tentativa de elaboração de sua própria experiência de abuso sexual, uma tentativa de dominar novamente a cena (re)vivida para entender o que

aconteceu.” (p. 70). Ou então, por outro lado, poderia ser também “um desejo sádico de que outrem sofresse e passasse pelo que ela passou. Tal hipótese explicitaria a total ausência de aspectos protetores e amorosos por parte das mães, que muitas vezes é verbalizada pelas filhas.” (p. 70). Ou, ainda, poderia “servir como defesa contra o reviver da situação dolorosa na própria mãe.” (p. 71).

A autora cita, ainda, as contribuições de Bollas (1992) para pensar o papel da mãe na relação incestuosa entre pai e filha. De acordo com Bollas (1992, citado por Figaro-Garcia, 2004), como a mãe tem acesso desde o início ao corpo da criança, por meio dos cuidados de higiene e alimentação, no ato incestuoso há a fantasia de que é por intermédio do corpo materno que o pai invade o corpo da criança. A criança entende que o pai, no momento do abuso, age movido pela autorização da mãe, penetrando o corpo e o psiquismo da filha envolvido por uma “capa materna”. Confusa e culpada, a criança aceita que o abuso ocorra, já que é autorizado pela mãe. Devido a isso, o ressentimento das filhas está dirigido muito mais às mães, que permitiram a realização do ato, do que aos pais, que o cometeram.

Muitas das crianças acreditam que as mães sabem o que se passa com elas, e as culpam por não tê-las protegido, muitas vezes tendo um ressentimento maior em relação às mães do que ao próprio pai, autor do abuso. A raiva dirigida à mãe pode ter por função a tentativa de quebrar a identificação que estabeleceu com ela, já que em muitos casos a criança percebe a mãe como impotente, dependente do marido e dominada por ele. A raiva dirigida à mãe pode permitir o rompimento com esse ciclo, a superação da impotência e a busca por ser digna de proteção contra outros possíveis abusos. (Fuks, 2010).

Em diversos estudos<sup>6</sup> a mãe é apontada como um dos pontos centrais para a compreensão das relações incestuosas. Segundo Machado (2006), “o abuso sexual na infância da mãe tem sido identificado como um relevante preditor de abuso sexual na geração seguinte.” (p. 31). Na tentativa de compreender o modo como ocorre esta continuidade intergeracional, Fuks (2010) levanta algumas hipóteses:

- a confusão entre afeto e atividade sexual experimentada por crianças que foram objeto de abuso as converte, no futuro, em alvos fáceis para exploradores sexuais.
- o vínculo afetivo com o pai pode continuar e a manutenção dessa proximidade aumenta o risco para seus próprios filhos, sendo frequente que um homem que abusou de uma filha venha a fazê-lo com as netas ou netos.

---

<sup>6</sup> Wolf e Alpert, 1991; Machado, 2006; Fuks, 2010; Parat, 2011.

- pela história de vida da mãe, essas mulheres acreditam que as relações mãe-filha são necessariamente competitivas, ambivalentes e hostis (essa crença é transmitida como algum tipo de legado). As próprias necessidades insatisfeitas e a baixa auto-estima levam a que as intensas demandas de seus filhos provoquem nelas ansiedade e rejeição. (p. 143).

A partir destas hipóteses, a autora entende que a relação mãe-filha é permeada pelas “vicissitudes narcísicas próprias da fase pré-edipiana” da mãe. (Fuks, 2010, p. 144).

A respeito disso, Parat (2011) afirma que as relações incestuosas vividas na infância interferem na relação da mãe com o seu bebê, na medida em que a maternidade reproduz inevitavelmente a angústia do passado, uma vez que são reativados na mãe a sexualidade infantil, os conflitos edípicos, as identificações e os complexos fatores que construíram seu desejo por ter filhos. Nestes casos, a filha não ocupa apenas o lugar das fantasias maternas e das projeções edipianas, mas representa a própria encarnação da relação incestuosa e carrega o peso da distorção do vínculo filial, já que nela é projetada a sexualidade incestuosa da mãe. Acerca da repetição transgeracional, Parat (2011) acredita que esta pode se dar tanto pela escolha inconsciente de um companheiro de risco, quanto pela atribuição de um papel maternal ao pai, para suprir as deficiências da relação da mãe com a filha, facilitando o incesto. Do lado oposto, também há o risco de a mãe superproteger a filha de forma ansiosa, evitando tudo que evoque a sexualidade.

Wolf e Alpert (1991) chamam atenção para a característica distante e depressiva de muitas mães de meninas abusadas sexualmente pelos pais. Nestes casos, sentindo-se privada do amor da mãe, a menina procura com avidez o amor do pai, o que pode facilitar a sedução, aceita pela criança para não perder o amor paterno. A filha passa a exercer o papel da mãe na relação conjugal, já que o casal tende a ter uma relação difícil e distante, muitas vezes isenta de contato sexual. Esta atribuição do papel da mãe para a filha é comum nas famílias incestuosas, que Benini (2012) caracteriza como aquelas que não conseguiram estabelecer “individualização, a discriminação, diferenciação e a personificação de seus membros.” (p. 15).

Os episódios incestuosos dificilmente acontecem de forma isolada em uma família. O caráter incestuoso costuma permear as diversas relações familiares, tanto de forma mais sutil, quanto explícita. Almeida-Prado e Féres-Carneiro (2005) citam algumas de suas manifestações:

Favorecer a permanência tardia no quarto dos pais, a exposição da criança à vida sexual do casal, a sua nudez, e a excessiva intimidade física estimulada entre pais e filhos denotam perturbações devidas às fantasias dos pais com relação à sexualidade, que assinalam sua imaturidade afetivo-sexual e a precariedade na integração de seu psiquismo. (p. 27).

Para Figaro-Garcia (2004), “cada história incestuosa possui um elemento traumático particular, que pode se fundamentar como trauma antes, durante ou depois do incesto concreto.” (p. 69). As famílias incestuosas também apresentam variações consideráveis em torno do significado do traumático, que pode estar relacionado à ocorrência, ao conhecimento, ao reconhecimento, ou à revelação do incesto.

Nos próximos itens, discutimos algumas contribuições da TSG ao estudo do trauma de abuso sexual incestuoso. Pata tanto, apresentamos inicialmente alguns aspectos trabalhados por essa teoria que consideramos importantes para a compreensão do trauma.

### **3.3. O enclave psíquico e o fracasso de tradução**

O processo de constituição do inconsciente recalcado e dos objetos-fonte da pulsão – que são os restos não-traduzidos das mensagens – é associado por Laplanche (2003) à implantação das mensagens enigmáticas. Implantação, segundo o autor, é uma forma de veiculação “normal” da mensagem, enquanto que a intromissão seria a versão violenta deste processo. Na intromissão, a tradução da mensagem estaria comprometida, pois a intromissão não permite que a mensagem siga o processo de tradução parcial que resulta no recalçamento dos restos não traduzidos. Ela ocasiona o fracasso radical da tradução, mantendo a mensagem em estado bruto no psiquismo, “contida” naquilo que Laplanche (2003) considera ser o inconsciente encravado (*enclavé*).

Tal inconsciente estaria associado à parte não-neurótica presente em todo ser humano, sendo composto pelas mensagens que não passaram por nenhum processo de tradução. Se a partir do processo tradutivo a mensagem é integrada ao pré-consciente, enquanto seus restos não traduzidos são recalçados, dando corpo ao inconsciente (dito recalçado), nem todas as mensagens passam por este processo. Quando há um fracasso na tradução, as mensagens não encontram meios de simbolização e não são nem recalçadas, nem integradas ao pré-consciente, permanecendo no inconsciente encravado. (Laplanche, 2003).

O inconsciente encravado, segundo o autor, “[...] é mantido por uma fina camada de defesa consciente, funcionando segundo um modo aparentemente lógico, ‘operatório’. A modalidade principal desta defesa não é o recalçamento/tradução, mas a recusa (*Verleugnung*)”. (p. 408-409). Neste inconsciente, encontramos “[...] uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução.” (Laplanche, 2003, p. 410, grifos do autor). Existem, no encravado, tanto mensagens cuja tradução não é possível, quanto mensagens que estão à espera de tradução, ou que passaram por um processo de destradição e estão aguardando nova tradução. Assim, podemos pensar que as mensagens presentes no inconsciente encravado têm naturezas diversas, podem ser tanto fruto da intromissão quanto da implantação, só sendo possível identificá-las em um segundo tempo, o tempo da tradução. (Laplanche, 2003).

Laplanche (2011a) diferencia a iniciativa sexual advinda das mensagens enigmáticas que o adulto envia à criança na sedução originária, da agressão sexual criminosa. Ele recorre à ideia de que a sexualidade infantil – que não reconhece as diferenças sexuais, é móvel em sua finalidade e objeto e não visa à satisfação, mas à excitação – se manifesta no adulto de maneira mais intensa na presença de uma criança, sendo esta sexualidade que atua na situação de abuso. Assim, o autor define o crime sexual como uma violência sexual cometida em uma relação assimétrica, caracterizada por uma posição de domínio, por alguém que é tomado por sua própria sexualidade infantil, especialmente em seu aspecto sádico.

Segundo Cruz e Cardoso (2002), o adulto diante da criança, especialmente diante do desamparo da criança, também se vê ante algo traumático, pois a passividade infantil desperta nele um enigma que diz respeito a algo da ordem de seu próprio inconsciente, do seu próprio “desamparo originário”. De acordo com os autores:

O desejo e a ambivalência suscitados no confronto com a criança podem vir a colocá-lo em situação de passividade diante do ataque pulsional a que é submetido. Perguntamos: a quebra do tabu poderia ser concebida como uma resposta, como tentativa de passar de passivo a ativo, de dar conta do excesso pulsional que irrompe no seu aparelho psíquico? (p. 12).

As contribuições desses autores nos permitem entender que a passividade na cena de sedução é complexa, permeada pelas implicações dos desejos e fantasias infantis, tanto da criança quanto do adulto. No entanto, é importante ter em mente, também, o que aponta Laplanche (1988):

A passividade da sedução, geradora do trauma interno, não é a passividade gestual ou comportamental. A criança que olha avidamente a cena originária é tão passiva, no sentido de Spinoza, quanto aquela que é masturbada por sua mãe, na medida em que há uma inadequação fundamental da sua compreensão à mensagem proposta. (p. 90)

Assim, podemos compreender que o adulto é passivo ante a pulsão que o ataca na relação com a criança, conforme propõem Cruz e Cardoso (2002), mas também precisamos ter em mente que a criança é passiva, no sentido apontado por Laplanche (1988), ante o sexual do adulto. Mesmo a criança que participa ativamente da cena de sedução, que de alguma forma busca as carícias paternas, é passiva diante do adulto, especialmente por não ter os elementos necessários para a compreensão total da mensagem que ele lhe destina. A criança é passiva, ainda, diante de sua própria pulsão.

Como resultado, o crime sexual provoca uma desordem interna na vítima, característica da sexualidade infantil não-ligada. (Laplanche, 2011a). Mas, se, tal como já foi dito, na situação originária as mensagens enigmáticas enviadas pelo adulto à criança também derivam de sua sexualidade infantil não-ligada, perguntamo-nos: o que diferencia as mensagens originárias daquelas veiculadas no abuso sexual?

A partir das ideias de Laplanche (2011b), podemos compreender que as primeiras são mensagens pré-conscientes-conscientes, comprometidas por um retorno do recaiado, correspondendo a um conteúdo parcialmente traduzido, ou melhor, ao que restou não-traduzido das mensagens que o adulto teve de traduzir de sua própria situação originária. As segundas, no entanto, provêm do enclave psíquico, de onde toda elaboração foi excluída, compreendendo uma atuação perversa, psicopática ou psicótica, de forma que o que predomina na situação de abuso é uma violência não-ligada, característica da pulsão sexual de morte.

O autor (Laplanche, 2011b) destaca que a mensagem comprometida com a sexualidade infantil do adulto pode ter dois destinos quando atinge a criança: permanecer encravada, não-simbolizada, não traduzida, ou, após um período de espera, ser traduzida, deixando um resíduo inconsciente reprimido. A mensagem atuada, habitada sem distância pelo sexual infantil, no entanto, é violenta e inassimilável, ficando de forma permanente no enclave inconsciente.

Entretanto,

[...] mesmo em um abuso sexual aberto cometido por um adulto contra uma criança – digamos um estupro – o único fio psicanalítico é a parte que resta para o enigmático. Um adulto pode infligir os piores ultrajes a uma criança, o único ponto por onde isso se fantasia, em algo tão cru e tão aberto, é sempre e apesar de tudo no que resta mais-além: do lado da criança: “O que ele quer de mim?”; e do lado do adulto: “O que isso quer de mim, como é que eu pude fazer isso, como isso pôde acontecer comigo?” (Laplanche, 1993/1997, p. 59).

Assim, independente da crueza da mensagem, ela sempre veicula algo de enigmático e este enigma demandará tradução. Mas o que torna o enigma da mensagem intrometida tão difícil de traduzir?

Maldonado e Cardoso (2009) apontam para o caráter não-ligado do trauma, que dificulta o processo tradutivo do que concerne ao campo do traumático. As autoras afirmam que a experiência traumática não se inscreve no psiquismo, não podendo constituir-se enquanto memória relacionada ao recalçado nem submetida ao princípio do prazer. Segundo as autoras:

O que estamos aqui tratando como imemorável do trauma, orquestrado pelo poder compulsivo da repetição traz, no lugar do “representado”, o “agido”, e no lugar da “lembrança” – que é sempre uma retranscrição – a “repetição” do mesmo. [...] o traumático se apresenta como exigência de presentificação, pela via da repetição do mesmo, e não como historicização. (Maldonado & Cardoso 2009, p. 53, aspas das autoras).

Assim, as marcas do evento traumático não se inscrevem como passado, mas como um presente contínuo, expressando-se pela via da compulsão à repetição. Isso faz com que o sujeito permaneça passivo frente ao trauma, pois o traumático configura-se enquanto um corpo estranho que não cessa de excitar o psiquismo, mas que não permite uma retomada ativa por parte do sujeito, para que ele possa iniciar um processo de tradução que possibilite simbolizar e historicizar aquele acontecimento de sua vida.

O traumático violentamente intrometido no psiquismo vai demandar um trabalho de tradução, de metabolização do excesso a ele vinculado. Caso não haja possibilidade de tradução, o trauma pode permanecer enquistado no inconsciente encravado, enquanto fracasso radical de tradução. Neste caso, devido ao fracasso tradutivo, “pode ter por resultado

especialmente uma transmissão tal qual, intergeracional, sem nenhuma metabolização.” (Laplanche, 2003, p. 409). Encontramos aí uma aproximação com a teoria de Ferenczi (1933/1992), que postula ser uma das possibilidades decorrentes do abuso sexual sofrido pela criança o desenvolvimento perverso da sexualidade. Nesse sentido, na medida em que a mensagem não é metabolizada e permanece no psiquismo tal qual foi intrometida, há a possibilidade de o incesto se estabelecer enquanto uma prática transgeracional.

A intromissão é entendida, assim, como explicação para esse caráter não metabolizável do trauma. Mas seria apenas a intromissão a responsável pela não metabolização do trauma? Podemos afirmar que toda mensagem intrometida é impossível de ser traduzida?

Gammelgaard (2014), autora que trabalha com pacientes ditos *borderline*, muitos dos quais foram abusados sexualmente na infância, cita Scarfone (2002/2003) para afirmar que nestes traumas, embora haja a transmissão de significantes enigmáticos pelo adulto, não há soluções de compromisso, sendo que a violência não está na mensagem em si, mas na transmissão, que é por intromissão. Não há soluções possíveis para essas mensagens, já que o enigma a elas associado está proibido de ser traduzido, pois a proibição da tradução está contida no próprio enigma da mensagem.

Tais mensagens podem ser relacionadas com o que Laplanche (1987/1992) denomina de imperativos categóricos, expressão tomada de Kant. Estes, enquanto significantes imunes a toda metábole, estão relacionados com a formação do superego. Podemos pensar o evento traumático a partir do imperativo de tradução descrito por Laplanche (1992/1996): “deves traduzir porque é intraduzível”, mas a mensagem não se transmuda em nada se não ela mesma.

Acerca das mensagens veiculadas no abuso sexual incestuoso, podemos nos perguntar:

Com efeito, como poderá a criança traduzir o comportamento de um adulto que transgride normas e valores que ele deveria ser o primeiro a defender, sobretudo nos casos em que esse adulto é um membro de sua própria família ou um substituto deste? (Carvalho, 2001, p. 20).

A transgressão dessas normas e valores, de acordo com Carvalho (2001), “deixa a criança diante da impossibilidade de representar o que lhe ocorre, porque isto é excluído da linguagem compartilhada pela sociedade.” (p. 52). De fato, Oliveira (2012) afirma que, nos casos em que o abuso é cometido por um estranho, a criança tende a denunciar o ocorrido e a

receber suporte da família e do meio social, enquanto os casos de abusos sexuais intrafamiliares costumam ser silenciados e transformados em segredos, de modo que as vítimas de tais abusos não encontram apoio nem nos familiares, nem na comunidade. Esse é um dado importante para a compreensão dos destinos possíveis para o trauma, pois, na medida em que a tradução só é possível por meio do suporte de um outro, que forneça elementos de ajuda a essa tradução, nos casos em que a vítima é silenciada, o trauma resultante do abuso sexual incestuoso tende a ficar intraduzido.

Na ausência de elaboração psíquica, Laplanche (2011b) considera ser possível uma transmissão do enclave de geração em geração. Como vimos, é muito comum que mães abusadas na infância coloquem suas filhas em situações de abuso, por exemplo. No entanto, Laplanche (2011b) afirma que mesmo quando essa transmissão ocorre, nunca é de forma mecânica e linear, pois as vicissitudes de um trauma são sempre individuais, particulares. Do mesmo modo, sempre há a possibilidade de uma nova tradução de um conteúdo encravado, transformando as mensagens do outro em narrativa, mesmo em seus aspectos sexuais mais enigmáticos.

Mas quais elementos contribuem para essa possibilidade de tradução?

### **3.4. A tradução e suas (im)possibilidades**

Há um ponto que nos interessa em especial: o trauma sempre vai implantar um enigma que demandará tradução, mas a exigência de tradução não garante que a tradução propriamente dita ocorra. Então, o que possibilita que ela ocorra nestes casos?

Para discutir essa questão, há que se levar em conta a ideia freudiana, retomada e desenvolvida por Carvalho (2012), de que a angústia frente ao trauma tem por fundamento uma angústia frente ao pulsional. Para a autora, os atos cruéis perpetrados evocam mensagens sexuais anteriores. Deste modo:

[...] as excitações pulsionais, aquelas que estão no fundamento da constituição subjetiva, sobrepõem-se ao traumatismo exterior, tornando mais oneroso o trabalho de contenção da excitação por ele desencadeada. Ante o ataque vindo de fora e aquele reativado no interior, o Eu, como instância tradutora e recalcante, deverá ser capaz de recompor suas fronteiras em um renovado trabalho de tradução para então retomar seu posto defensivo, deixando em um território estrangeiro interno os restos não-

traduzidos ou até mesmo aquelas mensagens rebeldes a qualquer tentativa de tradução. (p. 496).

Assim, o que resta como indomável do trauma diz respeito ao sexual do outro, seja o sexual atuado na situação de abuso, seja aquele veiculado na sedução originária. O sexual sempre carrega algo de enigmático que vai demandar novas traduções, cujo trabalho nunca é completo. Diante dele, que é um estrangeiro interno, sempre se é passivo, pois nunca é possível reduzi-lo, domá-lo em sua completude. O sexual sempre contém um a mais que tradução alguma é capaz de significar.

Independente da forma pela qual o abuso ocorre, o excesso que veicula diz respeito à sexualidade infantil do adulto abusador. O sexual desligado, polimórfico e perverso, que não reconhece a diferença dos sexos ou das gerações, é o que atua nas diferentes vivências incestuosas. Assim, o Eu da criança abusada deve se haver com a pulsão sexual de morte do adulto abusador, que invade o psiquismo da criança na forma de mensagens violentas, excessivas. No entanto, conforme propõe Carvalho (2012), esses atos evocam mensagens anteriormente implantadas ou intrometidas. Assim, acreditamos que a criança também terá que lidar com elementos de sua própria pulsão sexual desligada, que são reativados na situação de abuso. Esse pulsional desligado, que parte tanto do exterior quanto do interior, causa uma desordem psíquica que demandará um ordenamento, uma ligação. Este ordenamento do conteúdo desligado é possível por meio da tradução, que promove o recalçamento dos restos não traduzidos, que correspondem àquilo indomável do trauma, que não pode ser completamente integrado ao psiquismo, permanecendo como um estrangeiro interno.

Também é importante pensar nas especificidades de cada situação traumática para que se possa compreendê-la. Situações diferentes podem ter efeitos diversos, especialmente se também levarmos em consideração as especificidades de cada sujeito. Em outras palavras, não é apenas o conteúdo da mensagem ou a forma de sua transmissão que é importante, é preciso também olhar para o receptor da mensagem. Retornamos, aqui, ao mais individual: a forma como o processo tradutivo ocorre diz respeito justamente aos recursos, tanto psíquicos quanto familiares/culturais, que cada criança ou adolescente possui, ou é capaz de construir, para lidar com o trauma de abuso sexual incestuoso.

O recalçamento, segundo Carvalho (2001), funciona tanto como um obstáculo à recordação, quanto como uma condição necessária ao processo de memória. A autora recorre à explicação dada por Laplanche ao mecanismo de recalçamento, no qual há um duplo destino

para as mensagens enigmáticas: “por um lado, a inscrição no inconsciente de significantes dessignificados e, por outro, a construção de traduções pelas quais o Eu se ‘historiciza’ e constitui suas memórias” (p. 42), para discutir o papel do recalçamento na consolidação da memória.

O recalçamento é explicado por Laplanche (2003) a partir do processo tradutivo, por meio do qual parte da mensagem é traduzida, sendo integrada ao pré-consciente, enquanto seus restos não traduzidos, os significantes dessignificados, são recalçados, dando corpo ao inconsciente sexual. Quando há um fracasso radical da tradução e as mensagens não encontram meios de simbolização e não são nem recalçadas, nem integradas ao pré-consciente, permanecem no inconsciente encravado, como fracasso radical de tradução. Logo, não há aí uma auto-teorização, uma construção histórica das memórias do sujeito. Carvalho (2001) atribui esse fracasso do recalçamento, sobretudo, às relações originárias da criança, nas quais as mensagens sexuais dos adultos não estiveram acompanhadas de um investimento narcísico suficiente para a constituição das fronteiras psíquicas.

É o investimento libidinal dos pais, segundo Carvalho (2011), que possibilita a fundação do Eu no bebê. A formação do narcisismo na criança se dá a partir do narcisismo dos pais, pois “uma criança só irá se perceber como um Eu, passível de ser amado, se o adulto assim a nomear, tomando-a, ao mesmo tempo, como um objeto de seu investimento amoroso.” (Carvalho, 2011, p. 16). Segundo Belo (2011), há um investimento libidinal característico de cada família, no qual sempre está implicado o sexual constitutivo: “sexual porque sempre aportado por um outro que excita e apazigua o corpo do bebê. Constitutivo pois são esses investimentos que introduzem o narcisismo onde havia apenas corpo.” (p. 2).

Esta é a noção de “duplo comutador” a partir da qual Bleichmar (1993/1994) explica o papel do adulto na sedução originária como aquele que, ao mesmo tempo em que seduz, oferece elementos para a tradução dessa sedução. Esses elementos tradutivos podem ser pensados como a dimensão amorosa, sustentada pelos ideais e normas sociais, descrita por Carvalho (2001). A autora acredita que o abuso sexual “viola essas normas e ideais e deixa a criança diante da impossibilidade de representar o que lhe ocorre, porque isto é excluído da linguagem compartilhada pela sociedade.” (Carvalho, 2001, p. 52). Reafirmamos, aqui, que na medida em que a tradução só é possível por meio do suporte de um outro, que forneça elementos de ajuda à essa tradução, o abuso sexual tende a ficar intraduzido caso a vítima permaneça em silêncio, sem ter apoio do seu meio social para elaborar o que lhe aconteceu.

Carvalho (2011) traz contribuições importantes ao debater dois casos clínicos de meninas vítimas de abuso sexual incestuoso, nos quais ressalta a importância de a criança não

ter fracassos significativos na constituição das fronteiras psíquicas, para o enfrentamento das investidas sexuais do adulto. Enquanto no primeiro caso, que nos traz a autora, a menina não oferecia resistência e não procurou ajuda frente aos ataques sexuais que sofreu, no segundo caso a criança buscou apoio logo na primeira tentativa do adulto. Devido a isto, quanto ao segundo caso, a autora tem por hipótese:

[...] um psiquismo em que operava o recalçamento, com o conseqüente estabelecimento de fronteiras intrapsíquicas que resguardavam o Eu da intrusão de conteúdos da sexualidade infantil recalçada. O Eu, narcisicamente investido, pode, nesse caso, funcionar como instância tradutora/recalcante e traduzir o abuso sexual como um ato ilícito, repugnante e que deveria ser combatido. (Carvalho, 2011, p. 23).

Devido a isso, a autora atribui importância fundamental ao momento da constituição psíquica em que a criança se encontra quando ocorre o abuso, para a avaliação das potencialidades de tradução do excesso de excitação nele vivenciado. Esse momento da constituição psíquica não diz respeito tão somente à idade da criança, mas aos recursos simbólicos que ela foi capaz de construir até então, na interface com as mensagens emitidas pelos adultos de seu convívio e as traduções possíveis de serem realizadas por ela, com a ajuda do meio. Em ambos os casos estudados por Carvalho (2011) as meninas tinham sete anos de idade na ocasião do abuso, no entanto, tinham recursos psíquicos muito diferentes para lidar com ele.

O principal agente construtor desses recursos apontado por Carvalho (2011) é o narcisismo, ao qual ela atribui a fundação das interdições edípicas. A autora recorre à imagem da criança pequena que inicia a exploração do mundo à sua volta e passa a ser interditada pelos diversos “nãos” que recebe de seus cuidadores, dando corpo à interdição de tocar que, de acordo com Anzieu (1985 citado por Carvalho, 2011), é “um pré-requisito para as interdições Edípicas.” (p. 17).

É esse reconhecimento do bebê como um sujeito desejante, que permite ao adulto investir libidinalmente nele e, ao mesmo tempo, manter as restrições de acesso ao corpo desta criança. No abuso sexual, por outro lado, a sedução é atuada, não se justifica pelos cuidados corporais, pois sua única finalidade é a satisfação sexual do adulto.

Perguntamo-nos acerca das implicações que determinados abusos ou relações abusivas, anteriores ou concomitantes à vivência incestuosa, têm para a elaboração do traumático. Veremos, por exemplo, que as protagonistas das autobiografias que analisamos

tiveram relações distintas com os pais no período anterior ao abuso. Algo de abusivo já estava lá, ora manifestando-se pelo excesso da falta, ora pelo excesso da presença e, por vezes, o excesso aparecia parasitando o cuidado. Certamente, essas relações trouxeram consequências para a estruturação do ego e do narcisismo infantil, com reflexos para as possibilidades de tradução de suas vivências posteriores.

Para discutirmos as possibilidades de tradução da vivência de abuso sexual incestuoso, ilustramos no próximo capítulo algumas destas vivências, anteriores e posteriores ao trauma, descritas nas duas autobiografias que são objetos de análise desta pesquisa. Vamos a elas.

## 4. VIVÊNCIAS DE ABUSO SEXUAL INCESTUOSO

Para discutirmos as possibilidades de tradução das vivências de abuso sexual incestuoso, analisaremos dois livros autobiográficos que relatam histórias de mulheres que passaram por experiências incestuosas com os pais: *L'amore di Papà: una storia vera* (2013)<sup>7</sup>, de Pola Kinski, e *A Violação do Silêncio* (1986/1988), de Eva Thomas. Vamos a elas.

### 4.1. Lembranças do incesto: a vida de Pola

Os pais de Pola se conheceram e se apaixonaram quando jovens. Sua mãe engravidou e, quando não pôde mais esconder a gravidez, contou aos pais e eles se casaram e foram morar juntos. Quando Pola nasceu, causou um transtorno na vida do jovem casal, que não tinha as condições básicas necessárias para cuidar de um bebê. Uma semana após seu nascimento, sua mãe, que já estava tendo dificuldades na vida com o marido, decidiu voltar a morar com os pais. Segundo Pola, o pai sentiu-se abandonado quando as duas partiram e também decidiu ir para a casa dos sogros, onde todos passaram a viver juntos.

Tanto os pais de Pola quanto seus avós maternos se divorciaram quando ela era ainda muito pequena. Aos três anos, Pola passou a morar com a mãe e o avô. Sua mãe era responsável pelo cuidado da casa e o trabalho do avô provia o sustento dos três. Ela gostava muito de viver com eles, especialmente por dividir o quarto com a mãe, pois dormindo ao seu lado ela podia segurar a mão da mãe a noite e sentir a proximidade entre as duas. Somente as bebedeiras do avô a incomodavam, pois era frequentemente acordada à noite com o barulho do avô chegando em casa sozinho ou com amigos. Depois de um tempo, passou a guardar uma faca no quarto, com medo dos amigos que o avô trazia para casa.

Sempre que o pai a visitava, trazia um presente diferente: bonecas, bichos de pelúcia, roupas e sapatos. Quando não podia ir vê-la, enviava-lhe os presentes mesmo assim. Pola admirava muito o pai, via nele um homem forte e importante, que sempre conseguia o que queria. Quando saía com o pai, Pola se sentia uma princesa, ele andava de mãos dadas com ela, comprava-lhe roupas bonitas e levava-a para comer em restaurantes caros. Quando a encontrava o pai a cobria de beijos e sempre tinha palavras amorosas para lhe dizer, chamava-a de amor, de boneca e de anjo. Mas o pai também ficava muito agressivo, especialmente

---

<sup>7</sup> A autobiografia de Pola foi originalmente publicada em janeiro de 2013, na Alemanha, sob o título *Kindermund*. Optamos por usar a versão traduzida para o italiano, devido à dificuldade com a leitura do alemão.

quando alguém a tocava ou chegava muito próximo a ela. Pola já sabia identificar os indícios de raiva no rosto do pai, pois, segundo ela, seus olhos se abriam e sua voz doce repentinamente ficava áspera. Podemos entender que o pai já estava preparando Pola para ele, pois o afeto e o ciúme excessivos denotam um sentimento de posse sobre a filha, como se ela de fato lhe pertencesse.

A agressividade do pai também era expressa nas cartas que ele escrevia para a mãe de Pola. Nelas, havia sempre muitos pedidos e ordens e o pai dava ênfase a tudo aquilo que queria que a ex-mulher fizesse com muitos pontos de exclamação e sublinhados. Mas ao final da carta ele sempre enviava um milhão de beijos à Pola e ela, ouvindo suas palavras na voz da mãe, sentia muitas saudades do pai.

Sua mãe já estava separada há algum tempo quando começou a se relacionar com outro homem. Pola descreve o estranhamento que sentiu quando viu a mãe maquiada e arrumada, abrindo a porta para um homem desconhecido que lhe entregou flores. Ela ficou observando o homem, um pouco amedrontada por sua figura e, quando a mãe lhe disse que jantaria fora com ele, Pola ficou aborrecida. A mãe saiu para jantar com aquele estranho e ela teve de jantar sozinha, se sentindo abandonada e culpando aquele homem por ter tirado sua mãe dela naquela noite. Quando ele começou a frequentar sua casa regularmente e a passar muito tempo com sua mãe no quarto, Pola ficava na sala esperando que eles saíssem. Ela ouvia a mãe rir e gritar e supunha que o homem estava lhe fazendo cócegas.

Depois de algum tempo a mãe comunicou a Pola que iria se casar com aquele homem e que elas iriam se mudar com ele para uma nova casa. Pola não compreendia o que significava exatamente aquilo que a mãe estava lhe dizendo. Depois do casamento, quando elas se mudaram para morar com o marido da mãe, Pola se sentiu perdida. Deixou para trás o avô, as suas amigas, a escola em que estudava e a professora de quem tanto gostava. Além disso, perdeu a companhia da mãe que, ao invés de dormir com ela, como fazia na casa do avô, passou a dormir com o marido. Para ela, essa foi a parte mais triste. Pola começou a apresentar ciúmes da relação da mãe com o marido, o que se agravou com o nascimento do irmão, para o qual todas as atenções foram voltadas.

Com a gravidez da mãe, Pola começou a se preocupar com o tamanho de sua barriga, a qual acreditava que acabaria explodindo como um balão cheio demais. Ela fantasiava que quando a barriga da mãe explodisse um homenzinho sairia do meio de suas pernas, cumprimentaria a mãe e então desapareceria. O marido, após ver esta cena, também desapareceria. Assim, ela e a mãe poderiam voltar a viver com o avô tal como era antes, dividindo o mesmo quarto e dormindo de mãos dadas todas as noites. O que ela mais desejava

era que a mãe fosse só dela. No entanto, não foi isso o que aconteceu. A mãe foi para o hospital e o padrasto anunciou para Pola que ela tinha um irmãozinho, então ela foi visitá-lo depois da escola. Ela ficou espantada ao vê-lo e saiu correndo, pois queria chorar sem que ninguém a visse, tinha medo do irmão, medo de que ele roubasse sua mãe dela.

Quando a mãe voltou do hospital com o irmão, Pola tentou aproximar-se dele, mas, segundo ela, a mãe não lhe deu espaço.

Nas semanas e meses seguintes eu a vejo muito pouco. Eu tenho um sentimento que eu evito. Às vezes, quando a porta de seu quarto está aberta, eu a observo acalmando o bebê, beijando-o, roçando sua bochecha na dele. Comigo se comporta sempre de maneira fria e ausente. Encoraja-me o tempo todo a ser feliz e grata por Heinrich ter concordado em viver comigo quando se casou com ela. (p. 68).

Pola passou a sentir muitos ciúmes do irmãozinho, que recebia todo o carinho e atenção da mãe. Seu sentimento de rejeição e abandono aumentava ainda mais quando a mãe dizia-lhe para sentir-se feliz pelo padrasto aceitar que ela morasse com eles. Ela sentia que não havia lugar para ela naquela casa e este sentimento se materializava durante as refeições, nas quais não havia espaço físico para ela. A mãe fazia as refeições com o marido e o filho na cozinha, onde havia lugar apenas para três pessoas, enquanto Pola comia na varanda, sozinha.

Pola via o pai sempre que possível. Em um destes encontros, quando tinha apenas cinco anos, o pai abusou dela pela primeira vez. Ele levou-a ao hotel onde estava hospedado em Mônaco com a justificativa de que precisava com urgência fazer uma ligação telefônica e, ao chegar no quarto, Pola narra o que ocorreu:

Então ele me pega gentilmente pela mão e me leva para a sua cama, que fica no meio do quarto, tão alta quanto um trono. Andar até lá é cansativo, meus pés são quase incapazes de avançar no tapete branco, como se estivessem se movendo em um pântano. Papai afunda em uma montanha de travesseiros, sem largar minha mão. Puxa-me para ele e coloca minha mão sobre suas calças. Eu sinto algo duro lá em baixo. Afasto a mão imediatamente e me sinto aborrecida novamente. Ele beija-me uma orelha, cheira-me o pescoço; sua respiração é rápida e frenética, e eu tenho um sentimento estranho. Lentamente, botão após botão, abre meu vestido e desliza as alças sobre os meus ombros. O vestido cai suavemente no chão, leve como uma folha de papel. Ele não para de olhar-me nem por um momento. Com uma expressão

atormentada no rosto, abaixa minha calcinha nas pernas. Ela cai sobre o vestido, um pacote branco que cobre os pés. Eu estou nua diante dele. Seus lábios tremem, ele sopra seu hálito quente na minha pele e me puxa para ele na cama. Estou com frio e estou com medo. Eu tento escapar, mas ele me prende em um aperto de aço. Passa a língua no meu peito, em seguida na barriga, e separa minhas coxas com a cabeça. Abro a boca para gritar, mas da minha garganta não sai nenhum som. Sua língua torna-se mais insistente, mais brutal, dói. Eu permaneço imóvel. Sua respiração torna-se mais dura e ele geme alto. Eu me sinto mal. Tudo se torna escuro e silencioso. Meu corpo está entorpecido, eu estou morta. (p. 74-75).

Pola permaneceu imóvel, fantasiando ser uma princesa, até que seu pai começou vesti-la apressadamente. Desperta de seu devaneio, ela foi levada para a casa da mãe com a orientação de não contar nada a ninguém, sob o risco de o pai ser preso. Na manhã seguinte, Pola jogou fora as roupas que usou na noite anterior e foi até a igreja que costumava frequentar com a mãe a procura do padre. Ele era o único para quem ela poderia confessar seu segredo. Mas quando ele perguntou a ela como poderia ajudá-la, ela abriu a boca para falar e não havia nenhum som, as palavras estavam presas dentro dela, ela estava muda. Ela fugiu da igreja e, a partir de então, procurou esquecer o que viveu com o pai, como se aquilo nunca tivesse acontecido.

Como tinha apenas cinco anos, é possível supor que Pola desconhecesse o que caracterizava uma relação sexual, de modo que não poderia atribuir um caráter sexual à cena vivida. No entanto, algo certamente é suspeitado por ela a partir de suas experiências anteriores. Por exemplo, a curiosidade que tinha acerca das horas que a mãe passava trancada no quarto com o padrasto, rindo e gritando, e a atribuição dos risos e gritos da mãe às cócegas que supunha que o padrasto lhe fazia. Também as teorias que ela certamente já tinha acerca do nascimento do irmão, que só aconteceu após a mãe se casar e passar a dormir com o marido. E as atitudes do pai, diferentes de todas as que ele já havia tido para com ela: a respiração ofegante, a proximidade excessiva e a nudez, assim como o desejo nos olhos do pai, que evitava olhá-la diretamente. Assim, é possível supor que Pola já suspeitava do caráter proibido daquela cena, e por isso tentou evitar a investida sexual do pai, mesmo sem ter forças para livrar-se dele. E essa proibição se confirmou quando o pai disse para ela que ela deveria permanecer em segredo, para que ele não fosse preso.

Apesar do excesso da mensagem veiculada pelo pai na cena de sedução e do caráter proibido desta cena, neste momento não podemos falar da instauração de um trauma. O que

existe aí é uma mensagem potencialmente traumática, cujos efeitos só podem ser conhecidos no *après-coup*. De fato, Pola continuou sua vida normalmente e, em um primeiro momento, não teve sintomas que pudessem ser associados à vivência de abuso. O mais próximo de um efeito traumático que identificamos é o fato de que Pola passou a ter sempre uma sensação de desconforto quando seu pai ligava para falar com ela, sensação esta que só se apagava quando ela desligava o telefone.

Embora o pai tivesse um temperamento explosivo, violento, tratava-a como a uma princesa, desde que ela fizesse tudo o que ele queria. Mesmo quando o pai se casou novamente e teve outra filha, Pola nunca se sentiu preterida ou enciumada, ele continuou a querer estar com ela sempre que possível. Ele levou-a para sua nova casa a fim de apresentá-la para a madrasta e a irmã. Nesses momentos em que o pai vinha buscá-la, Pola desejava que a mãe o impedisse de levá-la, que a mãe quisesse que ela ficasse com ela, mas a mãe nunca intervinha. O pai a levava a hora que queria, para onde queria e ela tinha que segui-lo sem questionar.

Quando chegava a sua casa, o pai começava a sussurrar no ouvido de Pola, dizendo a ela o quanto sentiu sua falta, enquanto sua língua penetrava em seu ouvido e suas mãos percorriam seu corpo. Durante os dias que ela passava na casa do pai, ele aproveitava todos os momentos em que tinha possibilidade de ficar a sós com ela para cometer novos abusos: enquanto a madrasta colocava a filha para dormir, enquanto dava banho na filha, ou mesmo quando estava dormindo. Segundo Pola, a esposa do pai sequer suspeitava do que acontecia. Pola tentava resistir, mas o pai não prestava atenção, ele dizia que o que estavam fazendo era uma coisa bonita e pedia para que ela não resistisse. Tirando a angústia que sentia sempre que estava a sós com pai ou quando ele ia para o seu quarto à noite, os dias na casa do pai eram alegres. Ele comprava para ela roupas de todos os tipos, nas lojas mais caras da cidade, ela voltava para casa cheia de presentes.

Pola ficava cada vez mais confusa ao retornar para a casa da mãe, pois sentia que a mãe e o padrasto não se importavam realmente com ela. Ela pensava que se morresse na viagem ninguém sequer sentiria sua falta, exceto o pai, que era quem a amava de verdade. O pai fazia questão de dizer que seu amor por ela era infinito, que ele gostaria de tê-la com ele todos os dias, morando juntos. Na casa da mãe, ela se sentia deslocada. O irmão havia tomado dela o amor da mãe, seu lugar à mesa e também seu quarto. Não havia nada dela naquela casa, não havia nada para ela. Por isso sentia falta do pai e desejava vê-lo. Ele escrevia constantemente para a mãe de Pola falando sobre a importância do contato próximo entre pai

e filha, fazia questão que ela o visitasse constantemente. Ela sentia-se feliz com o amor do pai, mas ao mesmo tempo esse amor a assustava.

Todas as vezes em que visitava o pai, mesmo contra a sua vontade, o pai a obrigava a participar dos jogos sexuais. Ela sentia medo, depois sentia nojo, dele e de si mesma. Quando Pola se recusava a ter relações sexuais com o pai, afirmando sentir dor<sup>8</sup>, ele dizia que aquela era a coisa mais bonita do mundo, que era normal que os pais fizessem aquilo com as filhas. Quando as palavras bonitas não eram suficientes para convencê-la, ele se irritava e saía do quarto esbravejando, mas depois sempre voltava a procurá-la e ela, culpada por tê-lo entristecido, cedia às suas investidas.

Pola relata que após as relações sexuais, quando se via sozinha:

[...] corro para o banheiro, agarro com as mãos o vaso sanitário e vomito, vomito até não ter nem mesmo suco gástrico. Vomito até a inconsciência. Eu preciso expulsar toda a minha culpa. Então eu me esfrego da cabeça aos pés com uma escova, toda vez. Eu me ajoelho na banheira e com as mãos postas peço aos céus que Deus possa me perdoar! (p. 115).

Vomitar, para ela, era uma forma de livrar-se da culpa que sentia pelas relações sexuais que tinha com o pai. Vomitar também pode ser pensado como uma tentativa de expulsar de dentro de si o excesso do sexual desligado que a invadiu. Mas este sexual desligado não está mais no plano do encravado, mas do recalçado, pois o excesso foi traduzido em culpa e então expulso no vômito. O vômito é expressão do conteúdo recalçado, dos restos não traduzidos que, enquanto objetos-fonte da pulsão, constantemente demandam do ego um trabalho tradutivo. Na falta de traduções mais elaboradas, a saída é por meio do sintoma, que satisfaz ao mesmo tempo a defesa e o desejo, a culpa e o gozo. Por um lado, o vômito representa a punição, temida e desejada, pela relação incestuosa que Pola mantém com o pai, uma expiação da culpa. Por outro, no vômito Pola pode finalmente satisfazer esse mesmo desejo incestuoso, promovendo o gozo que não se permite sentir durante a relação sexual em si, a partir da excitação sexual do próprio corpo pela via oral.

Segundo ela, a essa altura já compreendia que aquilo que o pai lhe fazia “era algo que ele só deveria fazer com a esposa”. Pola temia ser castigada por Deus, temia, sobretudo, a

---

<sup>8</sup> Podemos supor que a dor sentida por Pola durante as relações sexuais que mantinha com o pai era em decorrência da penetração, embora ela faça apenas uma menção em seu texto à penetração, quando fala sobre os preservativos que comprou para o pai usar com ela no último abuso sofrido, aos 19 anos. Assim, não podemos afirmar em que momento a penetração passou a ocorrer, se desde o primeiro abuso ou se somente mais tarde.

própria morte, cujo acontecimento fantasiava constantemente. A angústia que sentia se manifestava em certos rituais que Pola precisava cumprir para que nada de ruim acontecesse, como a repetição de determinadas ações várias vezes, ou então, quando tinha um pensamento ruim, e precisava voltar no lugar onde teve o pensamento e desfazê-lo para que ele não se concretizasse. Embora ela aparentemente não pensasse nos abusos quando estava longe do pai, percebemos nos relatos desses episódios a manifestação da culpa e do medo da punição, que permanecia mesmo quando ela estava distante do pai.

Quando Pola começou a se interessar por meninos, o pai fez com que ela jurasse que jamais deixaria alguém tocá-la como ele a tocava. Com apenas treze anos, o pai exigia que ela aprendesse a andar de salto alto, comprava para ela roupas apertadas e sensuais, inclusive *lingeries*. Parece-nos que ele fazia todo o possível para sexualizar o corpo da filha, mas quando alguém a olhava com desejo ele se enraivecia e a culpava pelo desejo do outro, como se ela estivesse se insinuando, agindo como uma prostituta. Ele de fato prostituía a filha, vestia-a com roupas provocantes e usava seu corpo quando desejava, pagando pelo seu silêncio com roupas, presentes e dinheiro. Mas apesar de fazer dela uma prostituta, ele queria exclusividade sobre ela.

No entanto, Pola não manteve sua promessa de exclusividade. Ela chegou a afirmar que o pai gostava de ser enganado, pois cobrava promessas que sabia que as pessoas não iriam cumprir quando estivessem longe dele. Assim, com quatorze anos Pola teve sua primeira experiência sexual com outro parceiro que não o pai. Interessou-se por um rapaz que tinha o dobro da sua idade e passou a fazer de tudo para chamar sua atenção. Usando roupa provocante e salto alto, Pola mentiu para ele a idade e aceitou seu convite para sair. Quando estavam em seu carro, o rapaz começou a beijar-lhe o pescoço e os seios e depois fez com que ela lhe fizesse sexo oral. Depois disso, voltaram para casa sem trocar uma palavra. Pola ficou cheia de hematomas na boca e no pescoço e procurou a madrastra para saber se ficaria grávida depois do que fez.

Aqui, embora Pola apresente uma necessidade de se colocar na posição ativa, daquela que seduz, embora deseje conquistar o rapaz bonito pelo qual estava interessada, ela não estava no domínio da situação, como imaginava. Novamente, o que ela consegue é se colocar em outra situação de abuso, uma situação assimétrica na qual se encontra do lado daquele que desconhece o que se passa, o passivo. O rapaz, mais velho do que ela, já adulto, vê em Pola a possibilidade de satisfação de seu desejo. O único prazer que importa é o dele, por isso é ela quem deve fazer-lhe sexo oral e depois que ele goza, não há mais nada a ser dito. O único

modelo de relação sexual que Pola conhece é aquele que vivencia no abuso. Essa é a única forma de receber afeto.<sup>9</sup>

Pola se distanciava cada vez mais da mãe. Segundo ela:

Depois de cada estadia minha em Roma, o abismo entre mim, mamãe e Heinrich se aprofunda. Mamãe tornou-se uma estranha. Mas sua rejeição e hostilidade me fazem sofrer de qualquer maneira. Ela percebe a ligação entre mim e meu pai. Quando nos encontramos ela olha para mim como se pudesse ler a minha mente. Uma vez me olhou fixamente por um longo tempo e, em seguida, disse: "Você é repulsiva!". (p. 148).

Isso só aumentava a angústia de Pola, que tinha cada vez mais medo de morrer, de ser castigada por Deus por tudo que havia feito. Pola passou a ser hostil com a mãe e com o padrasto, e apresentava um comportamento que eles não entendiam: era insubordinada, insultava a mãe, não respondia aos seus questionamentos e a provocava, de forma que a mãe acabava por bater na filha.

Talvez essa tenha sido a forma que Pola encontrou para chamar a atenção da mãe. Podemos entendê-la, por um lado, como uma busca por punição e, por outro, como um pedido de ajuda. Ela precisava que alguém a parasse, que alguém prestasse atenção nela e a contivesse, lhe impusesse limites, nem que para isso precisasse usar a força.

Pola foi colocada pela mãe em um internato de freiras onde se sentia perdida, deslocada. Ela sempre dava um jeito de quebrar as regras, promovia noites de bebedeira com as colegas e saía da escola para encontrar com rapazes mais velhos. Segundo ela, quando eles a tocavam ela se sentia viva, amada, dava o seu corpo em troca de um pouco de atenção. O sexo continuava a ser a única forma pela qual ela podia ter afeto. Mas os rapazes sempre a abandonavam. O pai era o único que a amava de verdade e a queria sempre perto. Pola fugiu do internato e foi para a casa do pai, mas quando chegou à sua casa, como sempre acontecia, ele lhe falou das saudades que sentiu e começou a acariciá-la, então ela não soube mais a razão pela qual queria tanto vê-lo e sentiu muito medo de nunca mais ver a mãe.

---

<sup>9</sup> Ramos (2008) interpreta a sedução histórica como uma tradução do enigma do outro: "É como se se pusesse na posição passiva, que é a originária, mas fazendo cumprir a sedução, que foi a prerrogativa do outro na situação primitiva." (p. 291). No caso de Pola, no entanto, acreditamos que a passividade da situação originária se atualiza na situação de abuso, de forma que colocar-se no lugar da sedutora (passiva) é fazer cumprir não só a sedução originária, como também a sedução paterna atuada no abuso. Ela assume esse lugar com os homens que seduz e, de certa forma, também com o pai, ao qual seduz e pelo qual é seduzida, sem nunca assumir uma posição propriamente ativa.

Quando o pai se separou da esposa, Pola passou um tempo com ele em sua casa. Durante o dia ela esperava que ele voltasse para casa e passavam as noites sempre juntos. Pola começou a aceitar os abusos paternos aparentemente sem muitas resistências, em troca, ele lhe dava ainda mais presentes e dinheiro. Mas sempre que o pai se afastava, após passar a noite com ela, ela corria para o banheiro para vomitar o que, talvez, fosse sua culpa e sua dor. Ou então levantava no meio da noite para esfregar o corpo com água e sabão, tentando lavar qualquer vestígio do pai, que estava impregnado em sua pele.

Ela chorava muito, mas não sabia o que fazer. Com sua mãe ela era sempre a irritante, a filha preterida, indesejada. Com seu pai, não tinha voz, não era ninguém, apenas a filha reduzida à vontade paterna. Mas o pai a amava, a queria ao seu lado, precisava dela. Quando ela se esquivava de suas investidas sexuais, ele se chateava, ficando distante dela. Mas ela não podia suportar aquela falta de afeto, por isso se rendia, cedia aos desejos paternos para poder ter o seu amor. O abuso assume aqui o caráter de algo aceitável, um “mau necessário” ou um meio para chegar a um fim, embora isto não seja isento de sofrimento. É algo que ela tem que fazer, mas ela também goza a partir dessa exigência.

Parece que ela era muito pouco investida pela mãe e pelo padrasto. O investimento do pai, mesmo que duvidoso, tinha como corolário utilizá-la como objeto qualquer. O pai submetia Pola a várias sessões de exposição de seu corpo. Comprava *lingeries* sensuais e pedia para que ela desfilasse cada uma das peças, enquanto ele a assistia, sentado na cama. Outras vezes ele fazia com que ela se vestisse e se maquiasse como uma prostituta e posasse para longas sessões de fotos em poses sensuais. Ele, ainda, pedia constantemente que ela promettesse que nunca deixaria ninguém fazer com ela o que ele fazia e que nunca contaria para ninguém sobre o que faziam. Quando tinha relações sexuais com ela, o pai pedia que ela dissesse em voz alta que gostava dele e que o que ele fazia a excitava. Ela sempre fazia o que o pai pedia.

Com dezessete anos, Pola teve o primeiro namorado. Relata que estava apaixonada e sentia-se feliz. O pai também já havia se casado novamente, mas mesmo assim os abusos continuavam. Nas visitas que fazia ao pai, Pola se via obrigada a trair o namorado com ele. Aos poucos, Pola vai se distanciando do pai, percebendo seus defeitos e deixando de admirá-lo incondicionalmente. Ela começa a caracterizá-lo como um homem doente, cheio de complexos. Aqui podemos pensar que já estivessem atuando as traduções e recalcamientos, a partir dos quais Pola passou a julgar o comportamento paterno e a condenar suas atitudes.

O namoro de Pola não durou muito, pois logo ela se decepcionou com o namorado. Ela começou a passar noites inteiras em boates, das quais sempre voltava com um

acompanhante diferente. Segundo ela, “meu desejo de amor e proteção é tão forte que toda noite eu levo para casa comigo um amante diferente. Eu preciso da proximidade física, da atenção, e confundo o prazer com os sentimentos.” (p. 256). Ela se sentia infeliz. Levava todo o tipo de homens para casa, inclusive alguns que a exploravam ou roubavam. Arranjou um trabalho de dançarina em uma boate. “Eu sinto os olhares de homens queimando sobre a minha pele. Eu gosto do fato de ser desejada. Apenas nestes momentos estou em contato comigo mesma, só nesses momentos eu me sinto viva.” (p. 259). Pola seduzia estes homens, mas depois os despachava, o que lhe dava uma sensação de poder. No entanto, quando acordava em um quarto estranho, ou com um estranho deitado ao seu lado em seu quarto, ela se sentia suja e culpada. Novamente a sedução a colocava na posição de passividade frente ao outro e ao seu desejo. Nestes momentos, corria para o banheiro na tentativa de vomitar o que havia feito, de fingir que nada tinha acontecido. Depois disso ela se sentia aliviada, mas toda noite tinha que sair para a boate outra vez.

Algum tempo depois, fez uma viagem com uma turma de teatro e, devido a problemas com o ônibus, teve de pegar carona em uma rodovia para voltar à casa do pai e pedir-lhe dinheiro para o conserto do ônibus. Entrou no carro de um homem que parecia confiável e seguiu a viagem tranquilamente, a ponto de pegar no sono. Quando acordou o carro estava parando em uma vaga de motel. O homem convidou-a para tomar banho com ele e depois fazer uma sessão de fotos nua, com as quais ela poderia ganhar muito dinheiro. Assustada, Pola fugiu, antes que a porta do estacionamento se fechasse, e correu o mais rápido que pode para longe dali. Conseguiu a ajuda de um policial, mas ele também tentou assediá-la e ela precisou fugir novamente. Não sabia mais em quem podia confiar, mas conseguiu carona com um grupo de jovens que foram muito gentis com ela. Chegou à casa do pai e ficou o tempo suficiente para pedir-lhe dinheiro, explicando que era para uma viagem que iria fazer com um grupo de atores, mas que logo voltaria para ficar com o pai.

Reencontrou os colegas atores e retomaram a viagem. Instalaram-se por uns dias em uma vila na qual um de seus amigos havia crescido. Lá, Pola conheceu um rapaz dois anos mais novo do que ela, que se apaixonou por ela. Ela passou com ele apenas algum tempo, no dia que antecedia sua partida, no qual pôde experimentar a sensação de viver um amor puro, quase infantil. Ele a admirava e a queria bem, queria estar em sua companhia, mas não lhe exigia nada.

Quando retornou dessa viagem, ela precisou também voltar para o pai, que estava esperando por ela. Ele fez com que ela fosse à farmácia comprar preservativos, que usou para ter relações sexuais com ela. Ela descreve o ato sexual como se tivesse sido praticado por um

animal sedento de desejo que gemia em cima dela. Tentou se opor, mas não teve forças nem voz. Ela sentia o cheiro do pecado e da culpa. Ao terminar, o pai se levantou da cama e foi até a janela e o que ela viu foi um velho. Pola olhou para o pai e sentiu-se mal. Tentou se levantar, seu corpo tremia, mas ela precisava sair dali. Ela pegou suas coisas, fechou a porta pelo lado de fora e se vestiu enquanto corria para longe. Correu como se estivesse sendo perseguida e pegou o primeiro trem para longe dali. No banheiro do trem ela vomitou, tentando se livrar do pecado.

Ela passou a noite na casa de uma amiga, mas acordou em meio a um sonho e sentiu o lençol molhado. Havia urinado na cama. A enurese noturna, reação infantil ante o abuso sexual incestuoso, é um sintoma que talvez possa ser entendido como a satisfação masturbatória do desejo incestuoso. O gozo que ela não pôde sentir durante o ato sexual, apareceu na noite após o abuso e quando acordou e percebeu que havia molhado a cama, novamente recaiu sobre ela a culpa. Então ela saiu correndo da casa da amiga, o medo da morte a apavorava. Sua única salvação era encontrar sua mãe. Quando finalmente a encontrou, caiu em um choro incontrolável e mal conseguiu falar. O padrasto a acalmou e então Pola contou para ele e para a mãe o que o pai fazia com ela desde que tinha cinco anos. Segundo Pola, após algum silêncio, sua mãe disse: "Eu sempre imaginei. Cada vez você voltava mais perturbada de Roma." (p. 296). O padrasto, por sua vez, ofereceu seu apoio à Pola nos dias que se seguiram, ouvindo-a pacientemente por horas, sempre que ela precisava desabafar.

Pola já estava com dezenove anos, só agora conseguira contar sobre os abusos. O que motivou esta revelação? Acreditamos que as experiências vivenciadas por Pola na viagem que antecedeu a última relação sexual que teve com o pai tiveram um papel importante aí. Podemos fazer uma associação clara entre a situação em que Pola foi assediada por um homem mais velho e, tomada pelo medo e pelo asco, fugiu e a última relação sexual que teve com o pai, em que ao terminar o pai se levantou da cama e foi até a janela e o que ela viu foi um velho. Pola fugiu da casa do pai, tal como havia fugido do carro do "velho". Teria ela finalmente se dado conta de que os abusos do pai feriam a barreira intergeracional que fundamenta a proibição do incesto?

De fato, ela já sabia que o que o pai fazia com ela era proibido. Mas até então esse era o único modelo de relação amorosa que tinha, pela via do abuso. Quando conheceu o rapaz mais jovem que se mostrou apaixonado por ela, acreditamos que novas possibilidades se abriram. Pola se dá conta de que pode sim ser amada. Mais do que isso, se dá conta que amor não tem a ver apenas com sexo, ela não precisa deixar que o outro use seu corpo para ser

amada. A partir do contraste entre o amor ingênuo de um adolescente e o amor abusivo do pai ela não pode mais sustentar sua relação com ele como natural. Pela primeira vez, Pola consegue construir o sentimento de horror frente aos abusos paternos e posicionar-se diante deles. Ela fez novas traduções, que fortaleceram seu Eu e permitiram estabelecer algum julgamento em torno da “única” forma de amor que conhecia.

Ao contar para a mãe sobre a relação incestuosa que mantinha com o pai, Pola introduz um terceiro na relação, que representa o limite social da proibição do incesto. Mesmo após revelar para a mãe e para o padrasto o segredo sobre os abusos paternos, a princípio Pola não falou para o pai sobre essa revelação. Ele ainda lhe telefonava e exigia que ela fosse vê-lo, mas ela inventava desculpas para não visitá-lo. Em um destes telefonemas, ela solicitou que ele lhe enviasse uma quantia em dinheiro e, quando o dinheiro chegou, ela escreveu uma carta ao pai que dizia: "Eu estou muito doente. Cheguei ao limite. A partir de agora você me verá apenas como sua filha, não como seu brinquedo sexual. Não me toque novamente. Nunca mais!". (p. 297). O pai nunca lhe respondeu e eles nunca falaram sobre isso. Pola não cortou totalmente a relação com o pai, mas não foi mais visitá-lo e nem ficou novamente sozinha em sua companhia.

O tempo que transcorreu entre a revelação dos abusos à mãe e o envio da carta ao pai parece ter sido necessário para que Pola se fortalecesse o suficiente para poder dizer um não definitivo ao pai. Quando introduz o terceiro nessa relação até então dual, Pola revela o que torna a relação proibida e, a partir de então, não pode voltar atrás. É como se precisasse do limite imposto no exterior, já que lhe faltavam os limites internos. Quando finalmente colocou em palavras compartilhadas o que vivenciou com o pai, Pola permitiu novas vias autoteorizantes para tentar traduzir e recalcar os abusos sofridos. Se permanecesse em silêncio poderia contar apenas com as palavras contraditórias do pai, que lhe dizia que nada estava errado, mas ao mesmo tempo a proibia de falar sobre aquilo com alguém. Quando finalmente contou à mãe e ao padrasto, também pode contar com os assistentes de tradução que eles lhe destinavam, sobretudo aqueles recebidos através de apoio e afeto, que compreende a dimensão amorosa apontada por Carvalho (2001), a partir da qual o Eu pode se fortalecer para lidar com o excesso que o ataca.

Pola voltou a estudar teatro e passou a ter uma vida mais regrada. As coisas se tornaram menos invasivas, ela conseguiu ordenar melhor a vida psíquica, de forma que o sexual do pai não invadia mais os estudos e o trabalho, por exemplo. O que estava no plano do recalcado foi investido em outras coisas, de forma que a ambivalência diminuiu. No entanto, Pola ainda sentia os efeitos da vivência dos vários anos de abuso. Acordava a noite

assustada e se ajoelhava ao lado da cama, pedindo perdão. Sentia muito medo da morte e de ser punida. Apesar de o padre com o qual conversou ter lhe assegurado que não havia sido sua culpa, ela se sentia culpada e por isso fazia penitências e passava muito tempo ajoelhada.

Poucos anos depois, Pola conheceu um rapaz com o qual se sentia verdadeiramente feliz. Desde que se conheceram, eles se tornaram inseparáveis e continuaram inseparáveis depois do casamento. Após o nascimento de seu primeiro filho, Pola teve de se afastar por alguns dias devido às gravações de um filme que estavam sendo feitas fora da cidade e acabou tendo um colapso nervoso. Conversou com o companheiro sobre o que vivenciou com o pai e recebeu dele o apoio de que “necessitava”. Segundo ela, não fosse o seu amor, não teria se recuperado tão rápido. Com ele teve três filhos e construiu uma vida feliz.

Ela escreveu sua autobiografia mais de quarenta anos após o término dos abusos. Em sua narrativa, percebemos muitos traços das traduções que foram sendo feitas ao longo do tempo. Percebemos Pola lúcida a respeito dos fatos que estava relatando, se colocando em seu discurso, como quem realmente pôde integrar os fatos de sua história ao seu psiquismo. Longe de estar no registro do enclave, Pola apresenta muitas traduções que possibilitaram a construção de um pré-consciente mais rico e a consequente historicização de suas vivências. Mas o fato de ter escrito sobre o trauma tanto tempo após seu acontecimento, nos intriga. Por que escrever e por que agora?

Discutiremos essa questão no próximo capítulo, destinado especialmente à análise das traduções possíveis acerca do trauma de abuso sexual incestuoso. Antes, iremos conhecer nossa segunda protagonista, Eva, cuja narrativa apresentamos a seguir.

#### **4.2. Marcas de uma violação: a vida de Eva**

Eva foi concebida logo após o casamento dos pais. Fruto de uma gravidez não planejada, ela interpreta a própria concepção enquanto um empecilho à felicidade da mãe, que desejava aproveitar a vida ao lado do marido e não esperava ser mãe tão cedo. Para ela, a mãe encontrou na maternidade grande sofrimento, o parto foi longo e difícil e ela passou por muitas dores antes que a filha finalmente nascesse.

Após o nascimento, a mãe de Eva teve dificuldades em lidar com ela, não conseguia amamentá-la, pois teve abscessos nos seios que lhe causavam imensa dor e faziam com que a cada sugada o sangue jorrasse misturado ao leite. Devido a isso, a mãe parou de amamentar a filha e o pai precisava sair de casa pela noite fria em busca de algum leite que não fosse

rejeitado por ela, que vomitava tudo o que lhe era oferecido. Eva chorava constantemente, era uma criança frágil, sempre com problemas digestivos, doente, dando trabalho aos pais, especialmente à mãe. Em uma das vezes em que estava bastante doente, com febre muito alta, a mãe rezou para Nossa Senhora por sua filha. Mas, para Eva, o que a mãe pediu à santa foi que a livrasse dela e lhe desse uma filha mais adequada às suas expectativas. O sofrimento que a filha constantemente causava à mãe fazia dela uma mãe dedicada, sempre preocupada com a saúde da filha, sempre às voltas com suas constantes doenças.

Quando fala de sua concepção e nascimento, Eva expõe as marcas da rejeição materna. Em um primeiro momento, poderíamos pensar em uma falta de investimento libidinal da mãe em relação ao bebê, tão importante para a consolidação do narcisismo na criança. No entanto, o que ocorre na relação das duas não é propriamente rejeição. O excesso de preocupação com a saúde da filha, as constantes manipulações corporais, indicam um investimento libidinal, embora pela via da agressividade, travestida no cuidado. Há aí uma espécie de investimento ambivalente, que só se apresenta pelo excesso: excesso da falta, excesso da presença. Entre a rejeição e a invasão, a libido se faz presente.

O aleitamento, que pode ser pensado como modelo ideal da sedução originária, foi um momento desagradável tanto para a mãe como para o bebê. Como traduzir as mensagens da mãe que nega o seio à filha? O seio que sangra e faz do bebê um vampiro, que se alimenta do sangue da mãe, é uma mensagem certamente excessiva. A mensagem de apego é parasitada pelo sexual bruto, desligado. Eva responde com o vômito, expelindo de dentro de si esse estrangeiro intrusivo que toma conta de seu corpo. Estaria ela vomitando a agressão/rejeição/violência da mãe, que é muito ambivalente? De qualquer forma, já há aí uma defesa, arcaica e mal construída, mas há.

Quando o pai sai no frio da noite à procura de um leite que agrade o aparelho digestivo frágil da filha, um leite que não seja rejeitado de antemão, fornece elementos para o apaziguamento do corpo excitado de Eva. A excitação que advém do aleitamento materno, povoada pelo pulsional desligado, agressivo, é substituída pela sedução paterna que, embora excite o corpo do bebê a partir das mensagens sexuais enigmáticas, oferece elementos que podem contribuir para a ligação dessa excitação. O aleitamento, a partir de então, pode ser revestido por uma dimensão amorosa, de cuidado e proteção. Eva pode enfim aceitar o leite que lhe é oferecido, pois não vem acompanhado do sangue e dos gritos de dor da mãe. O cuidado que recebe, então, deixa de ser ambivalente, embora não deixe de conter em si o enigma da sexualidade infantil do adulto.

Depois de Eva, os pais tiveram outros cinco filhos. Eva não fala sobre sua relação com os irmãos, afirma apenas que, devido ao número de filhos para criar, a mãe não tinha possibilidade de mimá-los. Embora a mãe procurasse sempre proteger os filhos, zelar por sua saúde e bem estar, o fazia de um jeito rude e invasivo, de forma que Eva não se sentia cuidada e protegida, mas presa, acorrentada ao corpo e ao ventre da mãe. Segundo ela, “durante toda a sua infância estivera sempre ‘doente de sua mãe’, vomitando a angústia dela, seu corpo ardendo com a febre dela.” (p. 76).<sup>10</sup> Há aí um jogo entre mãe e filha, no qual a mãe encontra nas doenças da filha uma forma de ser reconhecida como uma mãe preocupada e dedicada, enquanto a filha encontra na doença uma forma de receber os cuidados, por vezes excessivos, da mãe.

Esse excesso veiculado pelos cuidados maternos é descrito em um episódio de sua infância na qual a mãe e a avó aplicaram-lhe uma lavagem intestinal. Ao relatar esta lembrança, Eva fala de sua impotência frente àquelas duas mulheres. Nesta passagem, como em outras, ela associa a mãe ao mar (homófonos no francês: *mer/mère*): “não satisfeito de vomitar seu ódio, sua raiva por minha boca, não satisfeito de vomitar sua cólera na minha bÍlis, ele invade agora os baixos do meu corpo, com sua água quente, cheia de olhos para olhar dentro do meu ventre.” (p. 111). Através da água quente que preencheu seu ventre, ela se sentiu violada, possuída, penetrada pela mãe que a tratava como uma boneca com a qual brincava de enfermeira e que depois comentava com todas as vizinhas, detalhando suas doenças, expondo o corpo da filha frágil e adoentada. Eva era passiva diante das duas mulheres que, excitadas pelo seu corpo infantil, manipulavam-no sem pudor. O sexual invadiu o cuidado, que justificava, para a mãe, para a avó e para Eva, a intromissão.

A preocupação e os cuidados da mãe com Eva eram sentidos por ela como uma invasão. Mas, apesar da vigilância constante da mãe sobre o corpo e a saúde da filha, ela a descreve como distante, sempre envolvida com as tarefas da casa, sem tempo para os filhos. O pai, por outro lado, é descrito como amável e carinhoso: “ele a fazia pular sobre os seus joelhos, ele a agradava. Beijava-a no pescoço, no rosto, a envolvia em seus grandes braços.” (p. 17). Durante toda sua infância, Eva sempre foi mais próxima do pai, tinha por ele grande carinho e admiração. Na tentativa de conquistá-lo, Eva identificou-se claramente com a mãe, tornando-se tão boa dona-de-casa a ponto de superar a mãe no exercício das atividades domésticas.

---

<sup>10</sup> No começo de seu livro, Eva utiliza como recurso o discurso em terceira pessoa, advertindo o leitor, logo de início, de que irá falar de Marie, “a criança que ela foi”. Mas ao longo do livro isso se modifica e a autora passa a falar de si em primeira pessoa.

A proximidade de Eva com o pai se estendeu até a adolescência, cessando apenas após a experiência de abuso. Aos quinze anos, em uma noite em que estava de férias na casa dos pais e a mãe estava passando a noite no hospital com sua irmã doente, Eva conversava com o pai enquanto os irmãos já estavam dormindo. Após uma longa conversa, o pai convidou-a para dormir com ele, assim como dormia com a mãe quando ele não estava. Ela se lembra de ter ido até o quarto para fazer dormir um dos irmãos que havia tido um pesadelo e, quando foi dar boa noite ao pai, beijando-o no rosto, ele puxou-a e deitou-a na cama. Eles estavam no mesmo quarto em que os irmãos dormiam, mas ela não gritou nem se mexeu, ficou paralisada, enquanto o pai deitava-se sobre ela com o sexo ereto: “ele o passara por entre as suas coxas enquanto o terror se apoderava do ventre dela, da sua garganta.” (p. 29-30). Ela compara a sensação que sentiu de não poder gritar com o que se sente nos pesadelos, onde a paralisia impede que se tenha controle sobre o próprio corpo.

Quando Eva despertou na manhã seguinte, o pai já não estava mais lá. Ela sentia a cabeça pesada e um buraco negro dentro de si, um vazio que não sabia explicar. Ela sentiu-se culpada e envergonhada, pois mesmo sabendo que o que o pai fez com ela era proibido, não havia feito nada para impedi-lo, havia permitido que ele se deitasse com ela, havia “usurpado o lugar da mãe no leito conjugal”. Eva se levantou e tirou o lençol da cama, antes que os irmãos também acordassem, e não disse nada a ninguém sobre o que havia acontecido. O que o pai lhe fez era sério, algo sobre o qual ela não poderia falar nem mesmo em confissão. Ela continuou sua vida normalmente, voltando aos estudos e à rotina, mas uma ideia começou a atormentá-la: estava grávida.

Segundo Eva, o pânico de ter um bebê do pai fez com que ela desenvolvesse uma anorexia grave, rejeitando os alimentos na tentativa de matar o bebê monstruoso que estava sendo gerado em seu ventre. Mas podemos pensar essa rejeição de outra forma. A anorexia, recurso primeiro frente ao trauma, pode ser uma tentativa de impedir que o excesso pulsional do outro invada seu psiquismo, recurso arcaico de um psiquismo frágil que desde cedo buscou livrar-se do excesso vomitando todos os leites que lhe eram oferecidos. A proximidade de sentido com o vômito que, assim como a anorexia, rejeita o alimento, nos leva a pensar em uma tentativa de impedir que o excesso pulsional do outro, veiculado pelo seio da mãe ou pelo pênis do pai, penetre seu corpo. Não se trata apenas de matar o filho do pai, mas de impedir que seu corpo seja penetrado novamente. Eva recorre a esse recurso arcaico justamente por faltarem-lhe defesas mais elaboradas para lidar com o excesso da sexualidade paterna atuada na cena de sedução.

Ela tentou retomar os estudos, mas estava claramente doente. O pai tirou-a da escola e a mãe cuidava dela em casa para que se reestabelecesse. Um médico passou a visitá-la constantemente e ela temia que ele descobrisse seu segredo. Sentia-se como uma boneca diante do médico, respondia às suas perguntas e fazia tudo o que ele lhe pedia sem questionar. Na época em que revisita suas memórias para escrever sua autobiografia, Eva faz algumas interpretações acerca desse período de anorexia. Ela fala da anorexia como uma tentativa de negar seu corpo de mulher violada, pois, a partir dela, seu corpo se transformou, “já não era uma mulher de formas sinuosas a ser desejada, tocada, tomada.” (p. 89). Esse novo corpo, que Eva associa aos corpos das vítimas de campos de concentração, tornou-se a imagem da morte, de forma que nenhum homem poderia desejá-la.

Após nove meses de anorexia, como nenhum bebê tinha nascido e o médico não tinha encontrado nada em seu ventre, Eva acreditou ter matado o monstro filho de seu pai. Então pôde voltar a alimentar-se, começou a recobrar as forças, a retomar suas atividades escolares e a planejar seu futuro. Supomos, então, que o “assassinato” do filho do pai tenha funcionado para ela como uma espécie de tradução/recalcamento das mensagens excessivas veiculadas pelo pai. Mas, ao mesmo tempo, o período de anorexia também representa o gozo que Eva vivenciou na situação de abuso, o prazer de realizar a fantasia incestuosa e a dor por tê-la realizado. A privação do alimento é também uma punição pelo ato sexual, mas ao mesmo tempo a atualização desse ato, que se presentifica todos os dias no seu corpo marcado. Corpo este que é novamente exposto, constantemente manipulado pela mãe e pelo médico, que continuou sendo objeto de investimento libidinal pela via do cuidado excessivo e invasor.

Eva deu andamento a sua vida, terminou os estudos e mudou-se de cidade para trabalhar. No entanto, não conseguia esquecer o que o pai havia feito a ela. Teve alguns namorados, mas tinha dificuldades em se envolver sexualmente com os homens, pois acreditava que eles descobririam seu segredo. Assim, trocava de parceiro tão logo o relacionamento ficasse mais sério. Chegou a ficar noiva, mas rompeu o relacionamento por não suportar a ideia do casamento e da noite de núpcias, embora o casamento fosse um sonho antigo, de infância. Ela não se achava digna dele e de sua família, “sentia-se suja, envergonhada e impura. Não tinha o direito de usar um vestido branco. Seu pai a tinha deixado suja, manchada para sempre.” (p. 11).

Como a vivência incestuosa permanecia em segredo, Eva não encontrou assistentes de tradução que possibilitassem novas saídas para o traumático, construindo algumas traduções a partir do que encontrou em seu meio cultural. As traduções que lhe são possíveis, no entanto,

são traduções neuróticas, que despertam nela a culpa, o sentimento de ser suja, indigna de ser amada.

Quando finalmente teve relações sexuais com um homem, aos vinte e poucos anos, também compartilhou com ele seu segredo. Apesar de este homem ter mulher e filho, um representante do pai, Eva foi viver com ele. Passou então a desejar um filho, mas os médicos afirmavam que ela era estéril. Ela atribuiu a esterilidade ao abuso sexual e ao período de anorexia, que fizeram com que seu corpo definhasse. Eva acreditava que por meio da anorexia não havia perdido apenas os atributos que faziam dela uma mulher a ser desejada pelo homem, mas que também “os órgãos que a designavam como mulher vão se atrofiar, os ovários e o útero se calam, murcham. Ela vai voltar a ser uma menininha.” (p. 90). De fato, quando busca tratamento para a esterilidade, descobre que “seus órgãos eram como os de uma menina de treze anos. Estavam com dez anos de atraso. Tinham parado de se desenvolver.” (p. 12). Ao matar o filho de seu pai, o que lhe restou foi um ventre vazio e infrutífero, não podia ter filhos. Não podia, sobretudo, ter o filho do pai amado. Novamente gozava na dor que atribuía ao abuso.

Mesmo antes do abuso, ela nunca havia menstruado. Só menstruou por meio de tratamentos hormonais, que não proporcionavam resultados duradouros. Depois de visitar muitos médicos, encontrou em uma ginecologista o apoio de que precisava. Ela não só a ajudou com o tratamento, como também a incentivou a mudar-se para a África com o companheiro, mesmo ele sendo oficialmente casado com outra. Eva encontrou na médica o amparo que não teve da mãe, fazendo dela uma figura importante de sua história. Após algum tempo de tratamento, engravidou e atribuiu isso a um milagre operado pela médica: “seu ventre morto era capaz de dar vida. Ela ia ser mãe, era portanto uma mulher, uma mulher de verdade?” (p. 13).

Ainda na África, onde morou por cinco anos, Eva deu à luz a uma menina e, apesar da empolgação que afirmava sentir com a maternidade, contratou uma pessoa da aldeia em que trabalhava para tomar conta da filha, pois não podia largar seu trabalho. Fez o desmame bastante cedo, também com a justificativa de que se angustiava com a possibilidade de perder o trabalho: “meu corpo não estava sangrando, meu corpo de mãe desabrochara, transbordava mesmo de prazer de aleitar e de leite, mas a minha cabeça era devorada pela angústia de perder o trabalho, aquilo por que eu tanto lutara.” (p. 94). No entanto, contradiz sua própria justificativa ao afirmar que “não suportava o cheiro do meu leite que me perturbava. Então comecei a diminuir as mamadas, brigando com o bebê.” (p. 93). Por fim, reconhece que

travou o combate com a filha em torno do seio, reproduzindo o que sua mãe havia feito, embora acredite ser por razões diversas.

É curiosa a forma como Eva vivencia a maternidade. Ela parece ter um desejo enorme por um filho, mas quando sua filha finalmente nasce ela não mantém com ela uma relação tão próxima. A babá passa com o bebê a maior parte do tempo e lhe dedica a maior parte dos cuidados, enquanto Eva limita-se a brincar com a filha a noite. Ela parece ter certo medo de cometer com a filha os mesmos erros de sua mãe e por isso abdica da maternidade. Por outro lado, a filha ocupa um lugar importante em sua história. Ela revive o próprio nascimento no nascimento da filha, evita que ela beba sangue junto com o leite, evita os cuidados excessivos, como uma forma de reparar as dores de sua própria infância. E quando a filha atinge a idade de quinze anos e ela quarenta e dois, as idades que ela e o pai tinham quando vivenciaram o incesto, Eva pôde finalmente significar o papel passivo que ocupou na relação com o pai e entender que não foi realmente culpada, que não poderia ter impedido que o ato sexual acontecesse. É com essa idade que Eva põe-se a escrever, finalmente tornando-se ativa em relação à sua própria história.

Eva conviveu com uma série de sintomas associados ao incesto que a acompanharam por quase trinta anos: “a anorexia, as enxaquecas, a esterilidade, as dores no ventre, nos dentes, nas pernas, nas costas, nos olhos, na garganta, no coração, nos seios, na pele.” (p. 76). Ela buscou amenizar a dor desenhando, pintando e esculpindo. A força que dava vida às suas produções parecia não pertencer a ela, parecia um estrangeiro interno e erótico que necessitava ser expulso, tal qual em um exorcismo. Este estrangeiro interno que nos age, o inconsciente, no caso de Eva estava repleto de “monstros e demônios, figuras de sangue e fogo” que se materializavam diante dela e que, ao contemplá-las, ela não reconhecia como suas. Essas sessões de “exorcismo” se repetiam todas as noites e ela sempre tinha outros demônios para expulsar. Esse movimento incessante de passar as noites produzindo assemelha-se aos sonhos traumáticos, nos quais a situação traumática se repete incessantemente, na tentativa de elaboração. Apesar dessa associação que pode ser feita à compulsão a repetição, as produções artísticas de Eva parecem ser fruto de muitas traduções que ela foi fazendo ao longo dos anos. Essas traduções, no entanto, são incompletas e imperfeitas, e seus restos a impulsionam constantemente para novos trabalhos tradutivos.

As sessões de pintura e desenho são descritas por Eva com grande intensidade afetiva. Diante da folha em branco, ela se sentia impelida por uma força devastadora, que ela comparava ao instinto do animal em busca do alimento. Ela precisava se livrar do sofrimento, mas não sabia o que estava fazendo, era o seu corpo que gritava através de suas mãos.

Enquanto pintava, doíam-lhe o ventre, os seios, e as dores só cessavam quando a pintura estava terminada. Então, ela ficava observando aquelas criações de dois a três metros, sem pensar em nada. Ela encontrou nessas sessões noturnas de criação um meio de lidar com sua angústia e de diminuir seu sofrimento.

Nessa época de intensas produções, Eva já havia se casado oficialmente com o companheiro, mas estava passando por dificuldades no casamento. Enquanto passava as noites solitárias com suas criações, o marido estava com a amante. Ela sentia a imensa dependência que tinha dele, fazendo-a “suportar o insuportável”. Tolerava suas constantes traições, as amantes que ele não fazia questão nenhuma de esconder e sobre as quais desabafava com ela, pois, segundo ela, ele era para ela ao mesmo tempo o pai e a mãe, enquanto ela era apenas uma menininha perdida. Ela não podia suportar que o marido a deixasse, por isso aceitava que ele fosse buscar em outra mulher o que não encontrava nela, já que ela ainda tinha muitas dificuldades em manter relações sexuais com o marido. Ela às vezes tinha relacionamentos sexuais extraconjugais, segundo ela, buscava consolar-se com outros homens, para tentar se afirmar, afirmar sua sexualidade, seus desejos. Mas não eram relações propriamente prazerosas.

Por duas vezes se envolveu sexualmente com terapeutas de algum grupo do qual participava. Nessas duas vivências, nos parece que o prazer vivenciado por Eva não é relativo ao ato sexual em si, mas às condições em que ele acontece. Além da revivescência da cena com o pai, desta vez no papel ativo, de modo a promover um domínio da cena de sedução, há aí também uma satisfação em destronar este pai, em seduzi-lo e vê-lo “despencar do pedestal”. A figura do terapeuta, investida de um poder e de um saber assimétrico em relação ao seu, é derrotada por ela que, com seu sexo de mulher, vence o homem.

Essas relações lhe dão prazer justamente porque são atravessadas pela proibição, assim como o era, no início, seu relacionamento com o marido, quando ele pertencia à outra família, com mulher e filhos. Ela viveu com ele um grande amor, mas quando ele se tornou oficialmente seu, o que tinha por ele era um sentimento de dependência. Ela temia morrer se ele a deixasse e depois de dez anos de relacionamento, quando ele finalmente a deixou, ela desejava morrer, pois o sofrimento que sentia era impossível de viver. Para lidar com aquele sentimento de abandono e com a dor de ser trocada por outra, ela voltou a desenhar, a pintar e a escrever palavras soltas, repletas de raiva e desespero:

[...] começou a pintar, desenhar, vomitar palavras sobre cadernos, escrevia em todos os sentidos, somente palavras, nem mesmo frases. Era uma erupção de palavras em fusão.

Suas primeiras palavras de raiva, verbos sobretudo, arrancar, torcer, bater, matar, estraçalhar... escapavam dela como pedras em fogo de uma cratera, palavras que matam, palavras-balas de canhão, palavras de guerra, palavras por tanto tempo fechadas a cadeado no fundo do seu ventre. Elas jorravam de suas mãos. Partiam como flechas. Balas em todas as direções. Como na guerra. (p. 46).

Passou a ter um sonho recorrente, no qual descia até um porão que se assemelhava a uma prisão ou um túmulo e, enquanto descia, sentia a presença de um homem que a seguia. Ele chegava muito próximo dela e, quando ela se virava, ele esfaqueava seu sexo e fugia. Paralisada pela dor, ela tentava voltar para a superfície, onde estavam seus amigos, para os quais mostrava o ferimento, mas não conseguia falar o que aconteceu, pois estava sem voz. Depois de ter esse sonho por várias noites, teve outro, no qual:

Uma mulher amordaçada, toda vestida de branco, estava amarrada a uma cadeira. Chorava em silêncio. No lugar do sexo havia um horrendo ferimento, uma grande faca ensanguentada jazia a seus pés, o sangue sobre seu vestido branco escrevia palavras. Ela se aproximava da mulher para ler as palavras vermelhas de sangue: violação... roubo. Percebia então que não era uma mulher, mas só uma boneca inerte. Apenas o sangue vermelho escrevia no branco e as lágrimas corriam pelas faces rosadas. Dor muda do incesto que só pode se escrever com sangue e lágrimas. (p. 58).

Ela decidiu reproduzir a boneca do sonho, que, após terminada, ficou por alguns dias guardada. Em um dia em que estava sozinha, fechou-se no quarto por muito tempo a contemplar a boneca. Então, tomada pela fúria, ela amarrou a boneca e amordaçou-a, esfaqueou seu sexo e escreveu palavras em seu vestido com tinta vermelha, até que ela ficasse como a boneca do sonho. A dor que sentiu ao ver a boneca naquele estado fez com que desejasse suicidar-se com a faca que usou para esfaquear a boneca, “a faca que a aterrorizava e fascinava” (p. 59). Mas neste momento a campainha tocou, era um amigo seu que veio visita-la e a impediu de usar a faca.

Segundo ela, viveu com este homem um grande amor. Este companheiro, presenciando sua dor, aconselhou que ela contasse à família sobre o que o pai fez com ela. O único familiar com o qual tinha conversado a respeito do que lhe aconteceu era a irmã, que também tinha sido vítima de seu pai. Então ela decide escrever uma carta para a família na

qual revela o abuso sexual cometido pelo pai. Enquanto escreve, Eva é tomada por dores terríveis que só cessam quando ela envia a carta aos pais e aos irmãos.

O pai responde e, depois de vinte e cinco anos, finalmente Eva soube o que realmente aconteceu na noite em que foi seduzida, já que não conseguia lembrar-se com clareza. O pai disse que não chegou a penetrá-la, mas apenas apertou-a junto a si, por cima da camisola, esfregando-se nela até ejacular. Eva afirma que isso não fez diferença para ela, que ela continuou a ser uma mulher devastada pelas marcas do incesto. Mas é possível supor que a partir de então novas vias tradutivas se abrem, pois, ao compartilhar com a família o episódio vivido e descobrir exatamente o que aconteceu naquela noite, Eva pôde finalmente começar a significar o que lhe ocorreu e historicizar esse fato em sua vida.

Mas mesmo tendo contado à família, Eva continuava a sofrer com a lembrança de sua vivência. Seu companheiro não suportou vivenciar com ela sua dor e acabou deixando-a. Eva sofreu muito com sua partida, mas resistiu e decidiu que a única forma de parar de sofrer era contar seu sofrimento: “pegara a caneta e começara lentamente a escrever seu sofrimento na folha em branco; sabia que iria até o fim daquele caminho. Escrever para não mais sofrer.” (p. 59). Quando começou a escrever, Eva sentia necessidade de pôr seu sofrimento em palavras e, ao começar a explorar os estragos causados pelo incesto, ela afirma que se sentiu como quem sai de um túnel, no qual esteve trancada por muito tempo, para quem a luz é devastadora. Mas ela sabia que não podia voltar atrás, que o que foi revelado neste percurso ela já não poderia esquecer, que precisava escrever sobre, comunicá-lo.

Na tentativa de escrever sua história, remexendo a memória em busca dos pedaços que descobriu ao longo dos anos, Eva teve o corpo coberto pelo eczema, que a acompanhou até o fim. Segundo ela, anos antes, na primeira vez em que o eczema atacou sua pele, passou vários meses pintando e desenhando para esquecer as queimaduras. Dessa vez, era justamente a escrita que a lançava novamente ao “fogo”. O fogo aí tem uma função de expiação dos pecados, muito divulgada pela religião. Seja o fogo ao qual as bruxas eram lançadas, ou o fogo do inferno no qual os pecadores são condenados a passar a eternidade, a função do fogo aí é purificar a alma. Da mesma forma, o fogo enfrentado por Eva ao escrever sobre o trauma, embora fizesse de sua vida um inferno, pagando os pecados que cometeu, por fim teria um papel libertador, purificador, livrando-a do mal do incesto.

O eczema se concentrava nos seios, que sangravam constantemente. Isso a levou a pensar na mãe, no sangue que bebeu em seu seio. Segundo ela, pela primeira vez pensou sem rancor na forma como a mãe retirou o mamilo de sua boca faminta. A guerra que travaram em torno do seio dolorido foi apenas a primeira, depois travaram outras tantas em torno do

alimento. Eva também pensou na filha, com a qual conheceu a sensação de amamentar, “a felicidade tão doce de dar o seio à filha, de ver o mamilo desaparecer na boca do bebê enquanto um calor doce lhe invade o ventre.” (p. 101), embora saibamos que ela também privou a filha do seio materno, reatualizando com ela o que viveu com a mãe. Com mais de quarenta anos, Eva ainda tinha o desejo de encontrar uma mãe doce e terna, como um bebê faminto procura o seio farto. Desejava falar com ela sobre sua dor e chorar em seus braços, mas entendia que não podia fazer isso, pois havia roubado o seu homem, ocupado o seu lugar no leito conjugal.

Eva atribuiu parte da culpa sobre o que lhe ocorreu à mãe, que seguia com afinco os preceitos religiosos, que condenavam o prazer sexual entre o homem e a mulher, mesmo no casamento. Ela acredita que, já que a mãe não satisfazia o marido sexualmente, o pai acabou por buscar o prazer sexual no corpo das filhas. Durante muito tempo, Eva transferiu a raiva pelo pai para os padres, os homens do poder, os médicos, os terapeutas, pois não conseguia acusar o pai, precisava manter intacto o amor que tinha por ele, o amor de sua infância.

Para sentir menos dor, para guardar uma imagem de pai aceitável, ela respondera “culpada” e assumira toda a responsabilidade do ato. Mas, ao longo dos anos, quando ela alcançara a idade do seu pai e a sua filha, a idade da adolescente que ela era naquela noite, ela inclinara-se para o outro lado. Era ele o adulto, o pai, o responsável, o culpado. Não havia mais como hesitar. Ela não podia mais fugir, negar essa realidade. Começara então a acusá-lo. (p. 124-125).

É para reaver seu corpo e seu espírito, que Eva, segundo ela mesma, decide escrever. Ela decidiu que escreveria sobre sua difícil caminhada rumo à sobrevivência ao incesto: a vergonha, a culpa, a morte imposta pelo sexo do pai ao corpo virgem da filha.

O processo de escrita foi para Eva quase um exorcismo. Quando começou a contar sua história, ela acreditava encontrar o ódio pelo pai, mas acabou por reencontrar o amor por um pai que, dali em diante, não era mais um amante proibido, mas apenas um pai, o pai que ela perdoou. De fato, já na reta final de sua escrita, ela decide visitar os pais. Ela reencontra-os depois de muito tempo e sente como se tivesse recuperado seu lugar de filha junto a eles, sente-se reconciliada. Mas esta paz que sentiu ao reencontrar os pais durou apenas uma semana. Eva passou a ter muitos pesadelos nos quais era violada, assassinada, perseguida por homens armados. Os sintomas da anorexia voltaram e ela tinha que se forçar a comer. Então percebeu que só poderia voltar a ver o pai quando tivesse publicado seu livro.

Quando termina sua escrita, endereça seu livro ao pai. Ela deseja que ele saiba pelo quê passou, a culpa que sentiu, a dor que viveu:

É a ele que dedico este livro. Foi a escrita que me libertou do seu domínio. Foi pelas palavras que arranquei as correntes que ele pusera sobre meu corpo. Quero que ele conheça o caminho que percorri até poder dar nome à culpa que nos separou como pai e filha. [...] Não posso reencontrar uma relação autêntica com meu pai sem fazer explodir a verdade da violação. Só posso reencontrá-lo perante a lei que proíbe o incesto entre pai e filha. Ninguém escapa à verdade da sua história: nem o pai, nem a filha. (p. 164).

## **5. TRADUÇÕES, DESTRADUÇÕES, RETRADUÇÕES E OS VESTÍGIOS IRREDUTÍVEIS DO TRAUMA**

A partir da exposição e análise das vivências de abuso sexual incestuoso empreendida no capítulo anterior, discutimos, neste capítulo, as possibilidades de tradução dessas vivências. Partimos da ideia de que a temporalização só é possível a partir de um processo constante de traduções, destraduações e retraduações das mensagens enigmáticas, que sempre é feito no *après-coup* da situação. Buscamos investigar o processo tradutivo empreendido por cada uma das protagonistas das autobiografias que analisamos, para então propor algumas considerações gerais acerca das possibilidades de tradução do abuso sexual incestuoso.

### **5.1. Pola: uma menina presa ao “amor” do pai**

Analisando a história de vida de Pola, é possível supor que seu ambiente familiar, no qual se sentia preterida pela mãe após o nascimento do irmão, contribuiu para a sua dificuldade em opor-se aos abusos paternos. A princípio, Pola vivenciou uma situação de abuso na qual não teve forças para evitar que ela ocorresse e após a qual não teve reação imediata. Mesmo compreendendo o que vivenciou como algo proibido, em nenhum momento ela cogitou falar com a mãe sobre o que lhe ocorreu ou buscar sua proteção e ajuda. Talvez isso se deva ao fato de que a mãe não representava mais para ela uma figura amorosa e protetora, pois, em sua percepção, seu afeto e proteção estavam todos voltados para o irmão. Pola sentia-se só e sentia que o pai era o único que verdadeiramente a amava e, embora a forma dele de amar a assustasse, ela precisava aceitá-la, sob pena de perder o seu afeto. Submeter-se aos abusos paternos era o único meio de receber afeto, então Pola suportava as investidas sexuais do pai, embora a culpa que sentia pelo que faziam, e possivelmente pelo seu próprio desejo, a angustiava. Tudo isso somado, certamente, a um sentimento de triunfo por alcançar o lugar de “mulher do pai”, o que a mãe não conseguia.

Por outro lado, vivia na casa da mãe uma vida carente de muitos recursos materiais. Sua mãe raramente comprava-lhe roupas ou brinquedos, tudo o que tinha, havia ganhado do pai. O pai estava sempre querendo tê-la por perto, suplicando para que ela o visitasse e sempre que ela o fazia, ele saía para passear com ela, a levava em lojas e restaurantes de luxo. Na casa do pai havia lugar para ela, mesmo que para ocupá-lo ela devesse atender a todos os seus desejos.

Desde o início, as mensagens que recebeu do pai foram ambivalentes, pois embora ele tratasse as relações sexuais entre pai e filha como a coisa mais natural do mundo, não permitia que ela falasse nada “daquilo” com ninguém e temia ser preso caso fosse descoberto. Essas são mensagens intrometidas, devido à sua violência, mas não podem ser caracterizadas como um imperativo, pois dão margem a questionamentos. Talvez, mesmo sem perceber, o pai tenha dado elementos para Pola ir traduzindo as mensagens excessivas que lhe enviava, justamente por estarem em franca contradição com suas palavras.

Assim, Pola foi realizando algumas traduções ao longo dos anos, que podem ser percebidas a partir do aparecimento de alguns sintomas associados à situação de abuso. O principal deles é o vômito, que ocorria sempre após as relações sexuais que tinha com o pai, assim como em algumas relações sexuais que tinha com estranhos. A promiscuidade sexual também pode ser pensada como um sintoma associado ao abuso, pois, como vimos, colocar-se na posição daquele que seduz pode ser uma tradução da mensagem sexual do outro, traduzindo a sedução em sedução, sem com isso sair da posição passiva.

Quando finalmente põe fim aos abusos, já com 19 anos, também é por meio da tradução que o faz. Ao vivenciar um encadeamento de cenas sucessivas: assédio de um homem mais velho, paixão de um rapaz mais jovem e relação sexual com o pai percebido como “velho”, Pola pôde traduzir efetivamente a relação que mantinha com o pai como proibida pela barreira das gerações. A partir dessa tradução, ela pôde enfim assumir o horror que sentia frente ao pai, embora o desejo que em contrapartida também sentia a atormentasse. O episódio da enurese noturna surge, assim, como a manifestação do desejo sexual que Pola efetivamente sentia ante sua relação incestuosa com o pai e, por isso, ela é tomada pela culpa. Ela precisa estabelecer um limite outro, externo, introduzindo um terceiro para que possa renunciar à relação incestuosa com o pai. Diante de seu desejo e da possibilidade real de realização a partir do desejo do pai, a única saída de Pola é reconhecer a proibição para um outro, que possa funcionar como barreira externa àquilo que não está bem delimitado internamente. É essa barreira externa que permite que, no *après-coup* – por isso o tempo que se passa entre a revelação dos abusos para a mãe e o envio da carta para o pai –, ela organize sua vida psíquica e estabeleça os limites necessários para que o sexual desligado do pai não tome conta de seu psiquismo, impedindo que haja espaço para investir em outras coisas.

A carta que escreve ao pai, colocando um término definitivo na relação dos dois também é uma tradução, ainda mais elaborada do que a revelação que fez à mãe. A partir dela, Pola dá um desfecho à história que vivenciava desde os cinco anos de idade e podemos pensar que, pela primeira vez, ela é ativa frente ao pai. No entanto, esse desfecho não é

propriamente o fim, já que Pola ainda mantém contato com o pai, mesmo que de outra forma. Antes de enviar a carta, Pola solicita que o pai lhe envie dinheiro. Pagamento antecipado de um serviço que Pola nunca prestará, já que não será mais a prostituta do pai. Seria essa uma dívida que deixaria em aberto com o pai?

Pola continua apresentando sintomas relacionados ao incesto, mesmo depois do término definitivo dos abusos. Ela relata que teme que, depois da carta que escreveu para o pai, ele deseje vingança e possa procurá-la para fazer-lhe mal. Teme, ou deseja? Talvez Pola deseje reencontrar o pai, seja para ele lhe cobrar a dívida, seja para ela lhe cobrar a resposta para a sua carta, que o pai nunca deu.

Quando se casa e tem filhos, Pola ainda apresenta alguns sintomas que, segundo ela, só cessam quando conta ao marido sobre a relação incestuosa que teve com o pai. Ela segue carreira de atriz, mas só aceita os papéis nos quais o marido é autorizado a acompanhá-la nas filmagens. O que isso poderia significar? Seria essa a proteção que Pola encontrou para evitar que ocorram outros abusos? Como se, mesmo depois de adulta, ainda fosse uma menininha incapaz de defender-se sozinha, precisando, para isso, da intervenção de um adulto que a ame e proteja. Um adulto que evite novos abusos, mas que também a proteja contra seu próprio desejo em transgredir as barreiras do incesto. Talvez o marido ocupe aí o papel da referência transferencial positiva que Pola foi capaz de construir. A figura do marido se assemelha à do terapeuta, ou do pai que, embora sexual e enigmático, não é extremamente excessivo, pois estabelece limites e permite que as traduções sejam feitas.

Mesmo afirmando ter uma vida feliz ao lado do marido e dos filhos, Pola se vê impelida a escrever sobre a situação de abuso sexual incestuoso que vivenciou com o pai desde a infância até a idade adulta. Aqui, retomamos o questionamento que fizemos ao final da análise da narrativa de Pola: ela escreveu sua autobiografia mais de quarenta anos após o término dos abusos e nela percebemos muitos traços das traduções que foram sendo feitas ao longo do tempo, mas o fato de ter escrito sobre o trauma tanto tempo após seu acontecimento, nos intriga. Por que escrever e por que agora?

Pola não fala no livro sobre os motivos que a levaram a escrever, de forma que as possibilidades de resposta para essa pergunta só podem ser pensadas por inferência. Podemos pensar, por exemplo, que, possivelmente, levou muito tempo para que Pola conseguisse se colocar no lugar de vítima da situação incestuosa que vivenciou. Identificar-se como vítima talvez seja necessário para livrar-se da culpa, assumindo para si e para o mundo que o culpado foi na verdade o pai, o adulto, enquanto ela era apenas uma criança indefesa. Mas para contar isso ao mundo por meio da escrita, é preciso ter isso fortemente internalizado dentro de si,

especialmente no caso de Pola, cujo relacionamento incestuoso se prolongou até a idade de dezenove anos, na qual ela certamente não era mais uma criança indefesa. Talvez, ao contar sua história, lhe perguntassem: “mas por que você demorou tanto para revelar à sua mãe sobre os abusos?”. Como responder a essa pergunta sem falar da ambivalência, do medo e do desejo que se misturavam na relação?

Por outro lado, ao escrever Pola está afirmando ter sido vítima do pai tirano que fazia o que queria sem se preocupar com os outros. Revelar, em forma de livro, os abusos paternos é também vingar-se do pai pelo que ele lhe fez, expondo sua figura ao mundo, denegrindo a imagem do pai famoso. Mas vingar-se do pai pode ter dois sentidos aí: vingar-se pelos abusos e pelos anos de infância e adolescência que o pai lhe roubou; ou vingar-se por ele tê-la seduzido e depois a abandonado, deixando que ela seguisse sua vida após ela ter escrito a carta. De qualquer forma, a escrita do livro eterniza a relação dos dois, mantém a história viva, gravada em preto no branco. Independente do que Pola sente em relação ao pai, seja ódio ou amor, ou ambos, esse sentimento ainda está muito vivo. Talvez isso se deva ao fato de o pai ter morrido sem nunca lhe dar uma explicação ou uma resposta, deixando para ela um enigma a traduzir, que se presentifica na ausência do morto.

Essa hipótese ganha força quando analisamos a forma como Pola termina sua narrativa. O último fato por ela narrado é a morte do pai, diante da qual afirma não ter sentido nada, nem alegria, nem tristeza. Talvez o último capítulo de seu livro pudesse ser sua introdução, na qual falaria sobre os motivos que a levaram a escrever. O fim aparece aí como o começo, que podemos pensar ser o começo do processo tradutivo. A morte do pai, enquanto enigma, assim como sua ausência, que atua como presença massiva do não-dito, do não elaborado, impulsionam Pola ao trabalho de ligação e elaboração do excesso, que pode culminar em traduções mais complexas. A questão “que diria ele?”<sup>11</sup> adquire aí força ainda maior, pois não é somente o luto que precisa ser elaborado, como também, e principalmente, o excesso da sedução traumática, sobre a qual o pai nunca falou.

A necessidade de Pola de escrever pode ainda ser associada à exigência de tradução que a parte irredutível da mensagem acarreta. Embora muitas traduções tenham sido feitas ao longo dos anos, sempre resta algo a traduzir primordial.

---

<sup>11</sup> “Não há luto sem a questão: ‘que diria ele’, ‘que teria dito’, sem o arrependimento ou o remorso de não se ter podido dialogar o suficiente, de ouvir o que o outro tinha a dizer.” (Laplanche, 1992 citado por Mello Neto, p. 15, 2012).

## 5.2. Eva: uma boneca amordaçada à procura da voz

Eva vivenciou apenas uma experiência de sedução, já adolescente. Aos quinze anos, supomos que ela já havia realizado muitas traduções, tanto acerca das mensagens enigmáticas da situação originária, quanto das mensagens enigmáticas que continuou recebendo durante sua infância e adolescência. Dentre essas mensagens, chamamos a atenção para os cuidados maternos, por vezes excessivos, que eram vivenciados por Eva como uma invasão. De certo modo, há aí algo de incestuoso, na medida em que a mãe se relaciona com a filha manipulando seu corpo infantil, desrespeitando os limites de acesso ao corpo da filha. Mas até então, tudo está no plano do cuidado, embora saibamos que o que está sendo veiculado, parasitando este cuidado, é o sexual desligado da mãe.

A relação que Eva tem com o pai, por sua vez, é de admiração e afeto. Tanto admira e deseja o amor desse pai, que se torna uma ótima dona de casa, superando a mãe nos afazeres domésticos, como a colocar-se no lugar onde está o desejo paterno. Quando o pai se deita com ela, Eva é posta diante da realização de seu desejo incestuoso e isso lhe causa horror. É a materialização do cenário edípico que a paralisa na cena incestuosa e a faz ceder aos apelos paternos. Estava ela no lugar da mãe, literalmente, ao lado do pai no leito conjugal.

A anorexia é a primeira reação de Eva frente ao excesso da vivência incestuosa. Podemos entender a anorexia como um sintoma e, enquanto sintoma, ela é também resultado de uma tradução, resto não simbolizado que pressiona o psiquismo a traduzir de forma mais elaborada a mensagem. A anorexia simboliza o desejo de Eva de ser a mulher do pai, aquela que carrega em seu ventre o filho paterno e, ao mesmo tempo, seu desejo de matar esse filho, negando o incesto. E, ao rejeitar os alimentos, rejeita qualquer forma de penetração em seu corpo, de forma a evitar que a violação se repita. A anorexia pode ter aí o sentido de “aquí nada entra”.

Eva parece debater-se, ao longo de sua vida, entre a tentativa de restauração da proibição do incesto e o gozo na violação dessa proibição. Certamente seu desejo tem um lugar importante aí. A culpa por estar usurpando o lugar da mãe, estando efetivamente em um lugar onde, em fantasia, desejou estar, promove um conflito interno que dificulta a tradução/recalcamento. A esterilidade, as enxaquecas, as dores no corpo nos fazem pensar em traduções rígidas, cujos restos não traduzidos constantemente impulsionam o psiquismo, enquanto objetos fonte da pulsão, a novas traduções. Mas estas traduções só são possíveis no *après-coup*, a partir das constantes tentativas empreendidas por ela.

Mas não importava quantas traduções fizesse, Eva continuava a atormentar-se com a lembrança do abuso. Os relacionamentos amorosos que teve funcionaram como uma reatualização da vivência incestuosa, pois Eva sempre procurava os homens que lhe eram proibidos, como se estivesse a todo o tempo buscando seduzir o pai. Mas quando os homens cediam à sua sedução, não havia mais interesse de sua parte. O prazer sexual não estava presente nas relações de Eva, somente o prazer em seduzir.

Acreditamos que, no caso de Eva, as mensagens emitidas pelo pai tenham atuado como um imperativo, impossibilitando sua tradução. Como se, ao deitar-se com ela, o pai tivesse lhe enviado a mensagem de que ele tudo podia, inclusive negar a proibição do incesto. Esta mensagem não dava lugar para outra coisa, se não ela mesma, embora estivesse em franca contradição com o que Eva havia construído até então em termos de tradução sobre a proibição do incesto. A partir do momento em que sua fantasia incestuosa, até então proibida, se realiza, ela não tem mais elementos para lidar com a excitação desencadeada por esse pulsional desligado. O trauma encontra-se aí, na invasão da pulsão sexual de morte, que toma conta de seu psiquismo.

Pode-se supor que a possibilidade de um destino outro para essas mensagens excessivas só surge com a resposta à carta que ela envia ao pai. Ao afirmar que não a penetrou, o pai introduz um dado de proibição a que ele mesmo se submeteu, anulando a negação da proibição. A partir daí, Eva vai poder questionar o imperativo da mensagem originalmente recebida e atribuir-lhe novos sentidos.

Quando a idade da filha e a dela eram as mesmas que ela e o pai tinham na época em que sofreu o abuso paterno, Eva pôde então perceber que na posição passiva, da filha frente ao pai, não poderia ser culpada pelo que aconteceu. Essa talvez seja a tradução mais elaborada que ela foi capaz de fazer. A partir dela, Eva decide mergulhar fundo no interior de si mesma e escrever a sua história, dando início ao processo de escrita.

As produções artísticas que faz ao longo dos anos, embora aproximem-se da compulsão a repetição encontrada no trauma, também podem ser entendidas como tentativas de elaboração do excesso. As sessões de pintura são descritas com a intensidade e as dores características de um parto, seguidas pelo alívio que advém com o nascimento de suas produções. Além dos inúmeros desenhos e pinturas, Eva também faz esculturas e, nelas, a figura da boneca aparece em diversos momentos. Ela faz grandes esculturas de bonecas violadas, amordaçadas e marcadas. Bonecas mudas, sem voz, mas que, na maioria das vezes, dizem muito a partir do corpo, do olhar, das marcas que carregam. Eva parece elaborar sua própria posição passiva a partir da passividade de suas bonecas, que vão criando outras

formas e aos poucos se libertando das amarras que as prendem. De fato, Eva também foi uma boneca, da mãe, do pai, dos médicos. Sempre inerte diante do excesso do outro, aos poucos Eva vai tomando posse da própria vida. A última boneca que faz, dá à luz a uma outra, que pode finalmente falar sobre seu sofrimento. Novamente vemos a alusão ao parto e, como num parto, repleta de dores, ela pode finalmente escrever.

É possível perceber, na construção da escrita, uma mudança lenta e gradativa. No começo de seu livro, ela utiliza como recurso o discurso em terceira pessoa, cria uma personagem (Marie) para narrar os fatos de sua vida, especialmente quando fala de sua infância, da experiência do abuso sexual incestuoso e das consequências que este lhe trouxe, distanciando-se do que diz. Mas ao longo do livro isso se modifica e a autora passa a falar de si em primeira pessoa. Conforme avançamos na leitura, vamos percebendo uma apropriação do discurso por parte da autora, uma apropriação de sua história. Há aqui a manifestação do processo de tradução, que permite ao sujeito tomar posse de sua própria história, historicizar-se, tornando o pré-consciente mais rico.

No entanto, o processo de escrita, que é o que foi utilizado para essa historicização, não foi fácil. Eva levou três anos para concluir seu livro e nesse tempo enfrentou novamente o eczema, as dores constantes, um período de cegueira e muito sofrimento. Esses sintomas, histéricos, podem ser pensados como manifestação dos restos não traduzidos das mensagens, que se presentificam quando Eva passa a escrever sobre o conteúdo do trauma pelo qual passou.

Estes são indícios da destruição provocada pela escrita, que traz à tona conteúdos antigos, esquecidos, recalçados.<sup>12</sup> É somente a partir da evidência desses conteúdos, que se pode dar outro destino a eles, atribuir-lhes outro lugar, outro sentido, uma tradução. Esta última, sempre é atravessada por um outro, que forneça os assistentes de tradução necessários para lidar com o trauma. No caso de Eva, esses assistentes foram encontrados principalmente em outros livros de mulheres que lhe serviram de inspiração e a ajudaram a lidar com o excesso do trauma que sofreu. Mas também os assistentes encontrados na cultura em geral, que é múltipla.

Por fim, após escrever e publicar seu livro, Eva cria uma associação de apoio a mulheres que passaram por experiências de abuso sexual incestuoso, a *SOS Incesto*. Colocar-se como aquela que pode contribuir com mulheres que estão passando pela mesma situação

---

<sup>12</sup> Rodrigues e Martinez (2014) trabalham com a perspectiva da escrita como possibilidade de tradução, de ligação do excesso traumático, propondo traduções mais elaboradas a partir da destruição de antigas traduções. Mas as autoras também chamam atenção para o fato de que, muitas vezes, pode haver uma reatualização do trauma por meio da escrita, expondo o psiquismo ao pulsional desligado.

que ela passou é uma forma de dar um destino outro para o trauma, de transformar o excesso que emana da situação traumática em energia para a construção de algo positivo.

### **5.3. Considerações sobre as vivências de abuso sexual incestuoso: traduções possíveis**

A partir do conteúdo exposto nesta pesquisa e das histórias aqui relatadas, acreditamos poder traçar algumas considerações a respeito das possibilidades de tradução das mensagens veiculadas na situação de abuso sexual incestuoso.

As mensagens presentes nas situações de abuso sexual incestuoso, devido à violência com que são veiculadas, podem ser caracterizadas como intronéticas. A princípio, elas ficam no inconsciente encravado a espera de uma tradução. O enigma que carregam passa a excitar o psiquismo, demandando do ego um trabalho tradutivo, no intuito de integrar o enigma da mensagem ao psiquismo. Nos casos em que analisamos foi possível perceber que, embora caracterizemos as mensagens como intronéticas, sempre haverá a possibilidade de que traduções sejam propostas no *après-coup*.

No caso de Pola, cuja vivência incestuosa começou muito cedo e foi até a idade adulta, é possível perceber em sua narrativa sinais de que ela conseguiu traduzir/recalcar a vivência traumática. Ela apresentava alguns sintomas, que significam que algo havia sido traduzido, estando as mensagens no registro do recalcado, não do enclavo. E a atitude de romper a relação incestuosa com o pai representa o peso da culpa que caiu sobre ela, a partir da qual foi possível elaborar suas vivências incestuosas e transformar a culpa em outra coisa, possivelmente em absolvição pelos atos praticados, colocando-se no lugar da vítima frente ao pai abusivo.

Eva, por sua vez, embora tenha sido submetida a apenas uma experiência de abuso sexual incestuoso, na adolescência, apresenta muitos sintomas que parecem resultar de conflitos psíquicos pouco elaborados. Embora também estejam no registro do recalque, no seu caso, os conteúdos recalcados são agressivos e constantemente atacam o psiquismo a partir de dentro. Podemos pensar que as traduções neste caso deram conta de partes muito pequenas dos enigmas das mensagens, de forma que os restos não traduzidos são muitos, pressionando o psiquismo a novas traduções.

De modo geral, nos dois casos as mensagens veiculadas na situação de abuso sexual incestuoso foram intronéticas. Mas no caso de Eva atuaram como um imperativo categórico, dificultado o processo tradutivo. Porém, mesmo tendo caráter de imperativo, não

inviabilizaram a tradução, que foi possível a partir do processo de temporalização promovido *après-coup*, especialmente devido aos novos elementos, ou às novas mensagens que foram acrescidas as já existentes, possibilitando outra saída para o excesso.

Em nenhum dos casos podemos falar de uma neurose traumática propriamente dita, pois os sintomas e conflitos apresentados por Pola e Eva correspondem a conteúdos recalçados, característicos da histeria. No entanto, eles certamente podem ser relacionados com o excesso do trauma de abuso sexual incestuoso que vivenciaram. Além disso, ao lado dos sintomas e conflitos, havia também atuações resultantes de clivagens do eu, como a promiscuidade sexual de Pola, ou, no caso de Eva, as relações extraconjugais, as dificuldades com a filha e alguns sintomas corporais.

Acreditamos que os casos de abuso sexual incestuoso sempre podem ser caracterizados como traumáticos, mas os destinos que serão dados ao trauma são vários, dependendo, sobretudo, das características das mensagens enigmáticas que foram veiculadas e dos recursos que a criança/adolescente tem para lidar com elas, ou recebe do meio no qual está inserida, seja da família, seja do próprio abusador. De qualquer forma, uma característica que apareceu nos dois casos aqui analisados e que consideramos que pode ser tratada como geral nos casos em que o abuso é cometido pelo pai da criança é a culpa. A culpa aparece como uma primeira tradução para o excesso, especialmente devido ao desejo incestuoso que permeia a situação de abuso. Ela permite certa organização psíquica, mas causa grande sofrimento à criança/adolescente abusada. Traduções mais elaboradas são possíveis a partir da destruição da culpa. Só após essa destruição novas traduções podem ser propostas, como aquelas promovidas pelo processo da escrita, por exemplo.

Mas para destraduzir a culpa é preciso que algo venha somar-se às experiências da vítima de incesto, para que ela possa simbolizar a relação vivenciada com o pai como assimétrica, sendo ela quem estava na posição passiva, logo, incapaz de reagir ao abuso. Talvez aí esteja a grande dificuldade em traduzir o abuso sexual incestuoso, pois reconhecer a passividade diante do pai é de certa forma retornar ao mais traumático da situação originária e também da situação traumática. A passividade que vivenciamos nas origens e em que somos lançados sempre que o excesso traumático nos ataca é talvez o que há de mais difícil de simbolizar, pois sempre remete ao irreduzível das mensagens enigmáticas já traduzidas, o sexual do outro, estrangeiro em nós.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos, no decorrer dessa pesquisa, a discutir as possibilidades de tradução do trauma de abuso sexual incestuoso vivenciado pela filha abusada pelo pai. Para chegar a essa discussão, percorremos um caminho que partiu das primeiras construções teóricas de Freud acerca da sedução patológica e do trauma a ela associado, sobre os quais Ferenczi propõe algumas considerações teóricas e a partir das quais Laplanche constrói a Teoria da Sedução Generalizada. Esta última nos serviu de arcabouço teórico, fornecendo os conceitos a partir dos quais buscamos compreender o abuso sexual incestuoso.

Uma das principais contribuições da TSG é a explicação para a constituição psíquica do ser humano em geral, que Laplanche acredita ocorrer a partir do ingresso do pequeno humano no mundo dos adultos, na Situação Antropológica Fundamental: relação assimétrica vivenciada entre adulto e criança na situação originária, caracterizando-se pelo trânsito de mensagens enigmáticas que o adulto envia à criança e que, implantadas em seu psiquismo, passam a agir como corpo estranho que demanda um trabalho de tradução, de elaboração. Tradução esta que é sempre imperfeita e cujos restos são recalçados, fundando o inconsciente sexual recalçado e os objetos-fonte da pulsão.

Ao pensarmos a situação traumática a partir da TSG, acreditamos que as mensagens não foram implantadas, mas violentamente intrometidas no psiquismo da criança/adolescente que vivenciou o abuso. Estas mensagens intrometidas estão relacionadas com o inconsciente encravado, reservatório das mensagens não traduzidas ou a espera de novas traduções. No entanto, mesmo que a intromissão acarrete uma dificuldade maior em traduzir, as mensagens veiculadas na situação de abuso têm condições de serem traduzidas por meio do trabalho de temporalização que ocorre no *après-coup*. Há mensagens que serão ainda mais difíceis de simbolizar, pois carregam em seu enigma um imperativo categórico que, apesar de promover a exigência de tradução, não permite que a mensagem seja transformada em outra coisa que não ela mesma. Neste sentido, a tradução só é possível na medida em que novos elementos/mensagens são relacionados às anteriores, questionando o imperativo que carregavam.

Ao chegarmos ao fim do percurso desta pesquisa, gostaríamos de propor uma discussão acerca de um ponto que nos intrigou, mas sobre o qual não foi possível aprofundarmo-nos. Este ponto diz respeito à concepção acerca do incesto que Laplanche evidencia em uma entrevista concedida à Alberto Luchetti:

O incesto perde sua significação já pelo fato de que as categorias familiares também a perdem e que, o que nós vemos no crime sexual é, muitas vezes, em vez da relação pais-criança, a relação adulto-criança colocada em primeiro plano. Portanto, já desse ponto de vista, o incesto se desfaz ao mesmo tempo que se desfazem as categorias parentais. Elas se afrouxam até se tornarem quase insustentáveis: a partir do momento em que as famílias são totalmente “recompostas”, onde se situa o verdadeiro incesto? (Excertos de uma entrevista com Jean Laplanche, 2007, p. 13).

De fato, não encontramos menção ao termo abuso sexual incestuoso em Laplanche, que aborda as diferentes formas de abuso, inclusive o incestuoso, sob a denominação de “crime sexual”. Assim como na sedução originária, em que havendo um adulto a cuidar de uma criança haverá necessariamente um sedutor, independente dos laços de parentesco que mantenham entre si, Laplanche (2011a) também não diferencia os casos de abuso sexual em que o adulto e a criança têm um grau de parentesco, daqueles em que não há parentesco algum. O autor (Laplanche, 2011b) atribui essa não-diferenciação às modificações da família: “divórcio generalizado, famílias recompostas, adoções múltiplas, uniões homossexuais com ou sem filhos, que são adotados ou concebidos pelo artifício biomédico.” (p. 293). Segundo ele, essas modificações familiares estão diluindo a noção de incesto, que, a partir do momento que não poderá mais ser definida, tende a desaparecer.

Embora tenhamos conhecimento das diversas modificações ocorridas nas constituições familiares (Roudinesco, 2003), não compartilhamos da noção laplancheana de que estas mudanças levarão a uma extinção da concepção de incesto. Acreditamos que o sentido do incesto pode se modificar, de forma que não seja mais entendido a partir da associação ao parentesco sanguíneo, e sim às funções que os membros da família exercem uns em relação aos outros. As categorias pai e mãe são funções e não pessoas apenas, de forma que o incesto surge a partir de relações sexuais de pessoas que ocupam o lugar de pai e de mãe com aquela que ocupa o lugar de filho.

É possível afirmar que o caráter incestuoso deixará de ser um agravante para o trauma resultante da situação de abuso sexual? Acreditamos que não. E acreditamos, sobretudo, que a própria TSG nos dá subsídios para pensar desta forma. Expliquemos o porquê.

Ao colocar o Édipo do lado do recalante, Laplanche (2003) caracteriza-o como um organizador psíquico, um assistente de tradução proposto pela cultura que possibilita a atribuição de um sentido, de uma tradução às mensagens sedutoras que invadem a criança desde que se confronta com o outro adulto.

Podemos pensar que as interdições edípicas se iniciam muito cedo, já nos primeiros contatos do bebê com o adulto da sedução originária, antes mesmo da fundação psíquica. Ou seja, desde o início há uma relação, o bebê é aberto para o mundo e recebe passivamente as investidas sexuais do adulto, que chegam a ele por meio de mensagens enigmáticas, mensagens de apego parasitadas pelo sexual inconsciente do adulto, carregadas tanto com o desejo que a criança desperta nele, quanto com a interdição que o obriga a manter a satisfação desse desejo no plano do autoconservativo ou da “ternura”. Há, desde as origens, uma proibição, um interdito que paira sobre a relação da criança com o adulto. Deste modo, a mãe não goza sexualmente com o filho que suga seu seio, esse prazer é por ela também ignorado, embora esteja presente na amamentação, mas recalcado. Desde o início a criança tem acesso a estes elementos edípicos, que veiculam tanto o desejo mortífero, quanto a lei apaziguadora, de forma que é possível supor que o bebê suspeita do interdito do incesto, embora só tome conhecimento dele muito mais tarde.

Assim, se desde o início a criança tem acesso às interdições edípicas por meio das mensagens enigmáticas que lhe são enviadas pelos adultos (provavelmente os pais, biológicos ou não), ela possivelmente constrói traduções em torno dessas interdições que organizam seu psiquismo e que contém a excitação que é despertada nela pelo adulto. São esses conteúdos organizadores que em uma situação traumática, tal como o abuso sexual, são desligados e invadem o psiquismo infantil enquanto excesso de excitação. Como vimos, na situação traumática o psiquismo é invadido pelo transbordamento de excitação, sendo essa excitação proveniente tanto do pulsional desligado veiculado na situação, quanto do desligamento de elementos de sua própria sexualidade infantil, que são reativados.

Então, se pensarmos em um abuso sexual cometido pelo pai da criança, por exemplo, certamente é possível falar em um nível de desorganização psíquica maior, já que os conteúdos desligados da sexualidade infantil da criança/adolescente dizem respeito justamente às pulsões destinadas a este mesmo adulto. Os conteúdos edípicos, especialmente aqueles que proíbem a relação sexual entre gerações e o desejo que vai na contramão dessa proibição, são trazidos à tona na situação de abuso, de modo que podemos afirmar que o caráter incestuoso promove um desligamento maior dos conteúdos internos.

A forma como se dá esse desligamento e como se configura o trauma será sempre um processo particular, peculiar a cada caso. No caso de Pola, não podemos afirmar que ela tenha entrado em contato pleno com os sentidos que o meio dava ao incesto antes do abuso, ela suspeitava da proibição, mas não entendia propriamente o caráter sexual da cena vivida, de forma que a latência entre a vivência incestuosa e o sintoma foi maior que no caso de Eva.

Esta última, por sua vez, já reconhecia a violação da proibição ocorrida na vivência do abuso, de modo que a reação ao trauma foi mais próxima ao evento, embora sempre haja uma latência entre o acontecimento traumático e a reação a ele.

Parece-nos que o que há de mais traumático na situação de abuso sexual incestuoso é justamente o desejo sexual que a criança/adolescente sente em relação ao pai, associado à proibição das relações sexuais entre gerações, internalizada a partir da cultura. O conflito psíquico da criança instaura nela a culpa, que pode ser entendida como uma primeira tradução ao excesso do trauma. Mas essa tradução, embora organize o psiquismo, causa grande sofrimento. Por isso é preciso elaborar a culpa, destraduzindo-a para então traduzi-la em outra coisa, mais elaborada e melhor integrada ao psiquismo. Para chegar a essa tradução mais elaborada é preciso, sobretudo, lidar com a passividade na qual se é lançado na situação traumática, que remete a outra passividade, originária. Mas essa passividade nunca será de todo elaborada, pois continuamos passivos frente ao ataque interno atuado em nós pelo resto irreduzível da mensagem. A tradução nunca é completa.

## REFERÊNCIAS

- Almeida-Prado, M. do C. C. de, & Féres-Carneiro, T. (2005, julho/dezembro). Abuso sexual e traumatismo psíquico. *Interações*, 10(20), 11-34.
- Almeida-Prado, M. do C. C. de, & Pereira, A. C. C. (2008, abril/junho). Violências sexuais: incesto, estupro e negligência familiar. *Estudos de Psicologia*, 25(2), 277-291.
- Araújo, M. de F. (2002, julho/dezembro). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- Argentieri, S. (2005). Incest yesterday and today: from conflict to ambiguity. In G. Ambrosio (Org.), *On Incest: psychoanalytic perspectives*. (pp. 17-49). London: Karnac.
- Barbosa, M. A. (2011). *Trauma: excesso, sedução e fantasia na obra de Sigmund Freud*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Belo, F. (2011). Todo Abuso é sexual. *Anais do III Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: responsabilidade e resposta*. (p. 36-43). Nova Lima, MG: Faculdade de Direito Milton Campos.
- Benini, M. C. M. (2012). *Categorias das atuações incestuosas: funcionamento familiar e psicanálise*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito*. (K. B. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1993).
- Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 154-175.
- Brandão Júnior, P. M. C., & Ramos, P. L. (2010). Abuso sexual: do que se trata? Contribuições da psicanálise à escuta do sujeito. *Psic. Clin.*, 22(1), 71-84.
- Carvalho, M. T. de M. (2001). Transtornos da memória e fracasso do recalque na clínica psicanalítica da criança. *Psyché*, 5(8), 37-56.

- Carvalho, M. T. de M. (2011). Responsabilidade e resposta no crime de abuso sexual. *Anais do III Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: responsabilidade e resposta*. (p. 14-25). Nova Lima, MG: Faculdade de Direito Milton Campos.
- Carvalho, M. T. de M. (2012, julho/setembro). Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 487-497.
- Conte, B. S. (2008, abril/junho). Depoimento sem dano: a escuta da psicanálise ou a escuta do direito? *Psico*, 39(2), 219-223.
- Cruz, C. H. S. da, & Cardoso, M. R. (2002, novembro). O desamparo em cena na violência contra crianças. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 15(163), 10-16.
- Faiman, C. J. S. (2011). *Abuso sexual em família: a violência do incesto à luz da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Favero, A. B. (2004). *Os destinos da sedução em psicanálise: estudo sobre a sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Favero, A. B. (2009). *A noção de trauma em psicanálise*. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. (A. Cabral, Trad.). (pp. 109-117). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Figaro-Garcia, C. (2004, março). Trauma e incesto. *Pulsional Revista de Psicanálise*. 17(177), 66-73.
- Freud, S., & Breuer, J. (1996) Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 35-49). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1886).

- Freud, S. (1996) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 217-331). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1886-1889).
- Freud, S. (1996) Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896a).
- Freud, S. (1996) A etiologia da histeria. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 185-215). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896b).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996) Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp. 13-88). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996) *Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Caso Schreber)*. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 13-89). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (1996) Totem e Tabu. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp. 11-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2010) Introdução a Psicanálise das Neuroses de Guerra. In S. Freud (Souza, P. C. de, Trad.), *Obras completas*. (Vol. 14, pp. 288-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1919).

- Freud, S. (2010) *Além do princípio do prazer*. In S. Freud (Souza, P. C. de, Trad.), *Obras completas*. (Vol. 14, pp.120-178). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).
- Fuks, L. B. (2005). Consequências do abuso sexual infantil. In C. P. França (Org.), *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. (pp. 49-73). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fuks, L. B. (2010). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas. In C. P. França (Org.), *Perversão: as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil*. (pp. 137-149). Rio de Janeiro: Imago.
- Gammelgaard, J. (2014, julho). Seduction and the problem of translation in the context of sexual abuse. Trabalho apresentado em *Seduction at the beginning; the work of Jean Laplanche*. Cerisy La Salle, França.
- Godoy, M. H. F. S. (2013). *Interdito em Família: uma introdução ao estudo dos (sem) sentidos do discurso sobre o incesto consentido*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.
- Green, A. (1994). O Desligamento. In A. Green, *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. (I. Cubric, Trad.), (pp. 11-35). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005, setembro/dezembro). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348.
- Kinski, P. (2013). *L'amore di Papà: una storia vera*. (A. Ricci, Trad.). Roma: Newton Compton.
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (D. Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *O inconsciente e o id*. (Problemáticas IV). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1981).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).

- Laplanche, J. (1996). Temporalidad y traducción. Para um retrabajo de la filosofía del tiempo. In J. Laplanche, *La prioridad del otro en psicoanálisis*. (S. Bleichmar, Trad.). (pp. 65-84). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (1997) *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1993).
- Laplanche, J. (2001). Notas sobre o après-coup. In J. Laplanche, *Entre seducción e inspiración: el hombre*. (pp. 53-59). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra "inconsciente" no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise*, 10(3), 403-418.
- Laplanche, J. (2007, agosto). Excertos de uma entrevista com Jean Laplanche. (Entrevista realizada por Alberto Luchetti). *Estudos de Psicanálise*, 30. 9-16.
- Laplanche, J. (2011a). Sexual Crime. In: J. Laplanche, *Freud and the sexual: Essays 2000-2006*. (pp. 139-158). [S.l.]: International Psychoanalytic Books.
- Laplanche, J. (2011b). Incest and Infantile Sexuality. In: J. Laplanche, *Freud and the sexual: Essays 2000-2006*. (pp. 285-302). [S.l.]: International Psychoanalytic Books.
- Machado, M. L. (2006). *A revelação do abuso sexual e seu impacto sobre o contexto familiar: estudo com crianças atendidas em um serviço público para vítimas de violência sexual*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Maldonado, G., & Cardoso, M. R. (2009, março). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*, 21(1). 45-57.
- Marco, V. de. (2004). A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado. *Lua Nova*, 62, 45-68.
- Martens, F. (2007, fevereiro). Para una validación socio-clínica de la teoría de la seducción generalizada. ¿Una contribución de los paidófilos belgas? *Alter*, 3. (Paginação irregular).
- Martinez, V. C. V., Mello Neto, G. A. R., & Lima, M. C. F. (2007, junho). Histeria, Trauma e Sedução: “o que lhe fizeram pobre criança” (um Freud covarde?). *Estilos da Clínica*, 12(22), 122-141.

- Mello Neto, G. A. R. (2012). *Trauma atual e teoria da sedução generalizada*. Projeto de Pesquisa, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Morhain, Y., & Sublime, L. (1999). L'inceste: une experience traumatique. *Journal de Pediatrie et de Puericulture*, 6, 343-347.
- Oliveira, A. C. de. (2012). Abuso sexual intrafamiliar de crianças e a família como totalidade. *O Social em Questão*, 15(28), 233-262.
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde*. Recuperado em 21 maio, de 2013, de: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/outline/en/index.html](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/outline/en/index.html)
- Parat, H. (2011). Les destins de l'inceste. *L'Évolution Psychiatrique*, 76(2), 245-261.
- Ramos, G. A. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas, SP: Unicamp.
- Rodrigues, G. M., & Martinez, V. V. (2014, dezembro). A narrativa testemunhal e o enredamento do traumático no psiquismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(4), 858-871.
- Roudinesco, E. (2003) *A família em desordem*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Seligmann-Silva, M. (2008). Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin*, 20(1), 65-82.
- Thomas, E. (1988). *A violação do silêncio*. (L. C. de C. Costa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Valerio, P. (2011). Who let the boys in? Discussion of an NHS mixed gender group for victims of childhood sexual abuse. *British Journal of Psychotherapy*, 27(1), 79-92.
- Wolf, E. K., & Alpert, J. L. (1991). Psychoanalysis and Child Sexual Abuse: A Review of the Post-Freudian Literature. *Psychoanalytic Psychology*, 8(3), 305-327.